



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

JOÃO VITOR CORREA DINIZ

**A INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO ARQUIVO PESSOAL EDSON  
DINIZ SOBRE O GRUPO THENETEHARA-GUAJAJARA**

BELÉM/PA  
2021

JOÃO VITOR CORREA DINIZ

**A INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO ARQUIVO PESSOAL EDSON  
DINIZ SOBRE O GRUPO THENETEHARA-GUAJAJARA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Gestão da Informação e Organização do Conhecimento

Linha de Pesquisa: Organização do Conhecimento

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Franciele Marques Redigolo

BELÉM/PA  
2021

JOÃO VITOR CORREA DINIZ

**A INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO ARQUIVO PESSOAL EDSON  
DINIZ SOBRE O GRUPO THENETEHARA-GUAJAJARA**

Dissertação apresentada Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção de qualificação para o título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Gestão da Informação e Organização do Conhecimento  
Linha de Pesquisa: Organização do Conhecimento

Data da defesa: 26 / 02 / 2021

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Franciele Marques Redigolo (orientadora)  
Universidade Federal do Pará – UFPA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Marques de Britto  
Universidade Federal do Pará – UFPA  
Membro externo

---

Prof. Dr. Gilberto Gomes Cândido  
Universidade Federal do Pará – UFPA  
Membro interno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

D585i      Diniz, João Vitor Correa.

A indexação de fotografias no arquivo pessoal Edson Diniz sobre  
o grupo Thenetehara-Guajajara / João Vitor Correa Diniz. — 2021.  
150 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Franciele Marques Redigolo  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de  
PósGraduação em Ciência da Informação, Belém, 2021.

1. Indexação. 2. Arquivo Pessoal. 3. Edson Soares Diniz. Política  
de indexação. 4. Tenetehara–Guajajara. 5. Museologia I. Título.

CDD 025.47

---

*Se o conhecimento pode criar problemas, não é através da ignorância que podemos solucioná-los.*

*(Isaac Asimov)*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, especialmente aos meus pais, minha irmã e minha tia-avó por todo suporte e compreensão que me ofereceram, antes e durante esse momento tão importante de minha carreira acadêmica.

À minha querida companheira, pela compreensão, carinho, amor e apoio durante todo o período que pôde me acompanhar na elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos que acompanham minha jornada desde minha primeira graduação, e acreditaram na minha capacidade de chegar até este momento.

À minha orientadora, Franciele Marques Redigolo, por sua atenção, empenho e acolhimento aos desafios que surgiram em meio a um momento de riscos e distanciamentos, tão delicado. Suas orientações inspiraram os diversos diálogos interdisciplinares, promovidos nesta pesquisa.

Ao curso de Museologia da UFPA, corpo docente, secretaria e alunado, por tantos momentos de apoio, compreensão e oportunidades oferecidas para que pudesse dar continuidade tanto à paixão pela docência, quanto o prosseguimento nos meus estudos. Sou grato pela base de experiências acadêmica que o curso me proporcionou, e pelos aprendizados profissionais que tive.

Aos colegas do Programa de pós-graduação em Ciência da Informação, com destaque para meus amigos de orientação, por aprendizados diversos, trocados a cada conversa, debate dentro e fora das salas de aula, assim como por suas palavras de incentivo e positividade.

Aos professores, e professoras do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, por toda dedicação oferecida, e ensinamentos para nossas carreiras.

Aos membros da banca examinadora, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosângela Marques de Britto (UFPA) e Prof. Dr. Gilberto Gomes Cândido (UFPA), por todas contribuições e incentivos que possibilitaram a pesquisa alcançar outros patamares, que antes não havia imaginado.

E ao meu avô Edson Diniz, quem ficaria orgulhoso de ter acompanhado cada conquista que alcancei, por meio de esforços e estudo. Também por ter me inspirado com sua trajetória acadêmica.

Minha profunda gratidão.

## RESUMO

Dentre as instituições que se dedicam à organização, preservação e disseminação da informação quatro se destacam pela tradição de seus trabalhos na sociedade antiga e moderna: os arquivos, as bibliotecas, os museus e os centros de documentação. Todavia, para além destes espaços, aponta-se na presente pesquisa a relevância documental de arquivos pessoais como o de Edson Soares Diniz, finado antropólogo do cenário acadêmico brasileiro com relevantes trabalhos realizados entre as décadas de 1970 e 1990. O objetivo geral visa refletir sobre a indexação dos conteúdos presentes nas fotografias que compõem o arquivo pessoal do etnólogo Edson Diniz sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara*. E objetivos específicos: estudar o conceito de documentação e documento na Ciência da Informação e na Museologia; realizar um levantamento teórico sobre organização do conhecimento, bem como sobre a indexação; investigar procedimentos, dificuldades e estratégias no processo de indexação de fotografias no contexto do arquivo pessoal do etnólogo Edson Diniz sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara* com o uso da ficha de análise baseada no Método de Pato. O uso do Método de Pato permitiu a análise de imagens fotográficas; com a participação de três profissionais museólogos, tendo como suporte de um texto de apoio disponibilizado sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara* e Edson Diniz, foi possível aplicar de forma contextual a indexação das imagens fotográficas. Em seguida os três profissionais receberam um questionário retrospectivo, em que pudessem apontar suas considerações sobre a ficha de análise, sobre as fotografias e descreverem sobre suas tomadas de decisão no momento de seus preenchimentos na ficha de análise. Dessa forma, os resultados obtidos tanto pela aplicação do Método de Pato, quanto pelo questionário retrospectivo permitiram verificar: a aplicabilidade da ficha de análise para indexação de imagens; as aproximações teóricas sobre Documento e Documentação entre as áreas de Ciência da Informação e Museologia; e a importância de revisão do material de apoio para aplicação da ficha de análise. Por conseguinte, ao compreender que o estabelecimento de reflexões sobre conteúdos documentais, como os presentes nas fotografias escolhidas inserem-se nos debates do campo da Organização do Conhecimento; assim propõe-se a partir da presente pesquisa a importância da elaboração de um manual que possa promover a reprodutibilidade de fichas baseadas no Método de Pato para serem adaptadas aos mais diversos perfis profissionais.

**Palavras-chave:** Organização do Conhecimento. Indexação de Fotografias. *Tenetehara-Guajajara*. Edson Soares Diniz. Método de Pato.

## ABSTRACT

Among the institutions dedicated to the organization, preservation, and dissemination of information, four stand out due to the tradition of their work in ancient and modern society: archives, libraries, museums and documentation centers. However, in addition to these spaces, the present research highlights the documentary relevance of personal archives such as that of Edson Soares Diniz, a gone anthropologist in the Brazilian academic scene with relevant work carried out between the 1970s and 1990s. The main object aims to reflect about the indexing of the contents present in the photographs that compose the personal archive of the ethnologist Edson Diniz about the *Tenetehara-Guajajara* group. And specific objectives: to study the concept of documentation and documents in Information Science and Museology; carry out a theoretical survey on knowledge organization, as well as on indexing; investigate procedures, difficulties, and strategies in the process of indexing photographs in the context of the personal archive of the ethnologist Edson Diniz about the *Tenetehara-Guajajara* group using the analysis sheet based on the Pato Method. The use of the Pato Method allowed the analysis of photographic images; with the participation of three professional museologists, with the support of a support text made available on the Tenetehara-Guajajara and Edson Diniz group, it was possible to apply in a contextual way the indexing of photographic images. Then, the three professionals received a retrospective questionnaire, in which they could point out their considerations on the analysis form, on the photographs and describe their decision making at the time of filling in the analysis form. Thus, the results obtained both by applying the Pato Method and by the retrospective questionnaire allowed to verify: the applicability of the analysis form for image indexing; the theoretical approaches to Document and Documentation between the areas of Information Science and Museology; and the importance of revising the support material for applying the analysis form. Therefore, by understanding that the establishment of reflections on documentary content, such as those present in the chosen photographs, are inserted in the debates in the field of Knowledge Organization; thus, it is proposed from the present research the importance of elaborating a manual that can promote the reproducibility of files based on the Pato Method to be adapted to the most diverse professional profiles.

**Keywords:** Knowledge Organization. Photograph Indexation. *Tenetehara-Guajajara*. Edson Soares Diniz. Pato Method.

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>CI</b>	<b>Ciência da Informação</b>
<b>ISKO</b>	<b>International Society for Knowledge Organization</b>
<b>LD</b>	<b>Linguagem Documental</b>
<b>MAFRO</b>	<b>Museu Afro-Brasileiro da Universidade federal da Bahia</b>
<b>MP</b>	<b>Método de Pato</b>
<b>ONU</b>	<b>Organização das Nações Unidas</b>
<b>PVI</b>	<b>Protocolo Verbal Individual</b>
<b>RBU</b>	<b>Repertoire Bibliographique Universel</b>
<b>TTI</b>	<b>Tratamento Temático da Informação</b>
<b>UFBA</b>	<b>Universidade Federal da Bahia</b>
<b>UFPA</b>	<b>Universidade Federal do Pará</b>
<b>UNESCO</b>	<b>Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura</b>
<b>SOCS</b>	<b>Sistemas de Organização do Conhecimento</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 DOCUMENTO E DOCUMENTAÇÃO COMO EIXOS DE DIÁLOGOS TRANSVERSAIS.....</b>	<b>21</b>
2.1 Retomando algumas bases da Documentação e suas aproximações com a Museologia.....	21
2.2 A convergência entre Documentação e Ciência da Informação.....	31
2.3 Percepções da CI sobre documento.....	34
2.4 Compreensões da Museologia e seu objeto de estudo.....	40
2.4.1 O objeto-documento no contexto museal.....	48
<b>3 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO TRAJETÓRIAS E COMPOSIÇÕES.....</b>	<b>52</b>
3.1 Algumas reflexões sobre Conhecimento e Informação.....	52
3.2 Caracterizando a Organização do Conhecimento.....	58
3.3 Processo de Indexação.....	66
3.4 Indexação em documentos museólogos.....	70
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>79</b>
4.1 Coleção <i>Thenetehara-Guajajara</i> do Arquivo pessoal do pesquisador Edson Diniz.....	80
4.2 Ficha de Análise baseada no Método de Pato.....	82
4.2.1 Passo a passo da aplicação da ficha de análise baseada no Método de Pato.....	84
4.3 Forma de análise dos dados.....	88
<b>5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....</b>	<b>89</b>
5.1 Análise das indexações das fotografias usando o Método de Pato.....	89
5.1.1 Discussão dos preenchimentos da ficha baseada no Método de Pato.....	110
5.2 Análise dos questionários retrospectivos.....	112
5.2.1 Discussão das respostas.....	121
<b>6 CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>140</b>
APÊNDICE A – Texto de apoio para à leitura das imagens.....	140
APÊNDICE B – Questionário retrospectivo referente à indexação das imagens fotográficas.....	142
APÊNDICE C – E-mail solicitando a participação dos sujeitos na pesquisa.....	144
<b>ANEXOS.....</b>	<b>145</b>
ANEXO A – Ficha de análise baseada no Método de Pato.....	145

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa insere-se no campo da Ciência da Informação (CI), relacionada à área de Organização do Conhecimento (OC), devido sua tematicidade voltada à representação do conhecimento. Abordando de forma interdisciplinar a indexação de fotografias em um arquivo pessoal, fundamentada em reflexões sobre a Museologia e seu objeto de estudo, documentos e documentação, bem como o processo de indexação.

A preservação da memória por meio da guarda documental e, mais recentemente, a possibilidade de compartilhamento, acesso e recuperação dos documentos que registram essa é uma das maiores e mais antigas preocupações humanas. Dentre todas as áreas que se dedicam à organização, preservação e disseminação da informação quatro se destacam pela magnitude de suas origens e contribuições. São elas: Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

Estas disciplinas, desde suas primeiras discussões práticas, Centros de Informação, Bibliotecas, Arquivos e Museus vêm se deparando com desafios referentes à representação e organização, por exemplo, tanto em níveis de inventariação e acesso, quanto de estruturas conceituais que possam representar os mais variados modelos de mundo (ARAÚJO, 2014; BRASCHER; CAFÉ, 2008).

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, as influências do enciclopedismo, positivismo e historicismo delinearão as práticas de organização e representação com inferências universalizantes. Contudo, tendências que tiveram início no final século passado estendendo-se até a contemporaneidade, opõem-se a este universalismo buscando explicar aos poucos elementos e situações cada vez mais particulares, relacionadas às subáreas que tratam – de alguma forma – as questões relacionadas à informação. Dessa forma, da técnica, às concepções conceituais, a ruptura com a perspectiva generalizante, foi e vem sendo substituída por discussões singulares (ARAÚJO, 2014).

Não obstante, na direção sobre estudos voltados a particularidades, em especial à vida privada, e objetos pessoais. Afirma-se como exemplo o aumento de pesquisas nas áreas de história da vida privada e história do cotidiano, assim como o interesse crescente pelas análises de tipo biográfico e pelas edições de correspondência e

pertences. Assim, têm aumentado a procura por estes tipos de fontes, despertando a atenção para documentos e artefatos que não se encontram comumente em espaços institucionalizados, o que ressalta a importância de sua preservação, organização e formas de divulgação ao público (CPDOC, 2017).

Devido esses microcosmos pessoais conterem informações relevantes para a recuperação da memória ou para o desenvolvimento de pesquisas, por exemplo: histórica, científica ou tecnológica do país, certos arquivos pessoais podem conter informações de interesse público e social (CPDOC, 2017).

Ademais, no que compete aos estudos museológicos acredita-se na possibilidade de enriquecerem este debate visto que em algumas de suas abordagens conceituais, têm a possibilidade de abarcar materialmente e conceitualmente diversos tipos de documentos, em seus vários sentidos sociais e pessoais. No que compete esta prática museológica, objetos selecionados por suas diversas qualidades adquiridas ou atribuídas, deslocam-se de forma conceitual e espacial, sendo-lhes agregados valores e usos (de cunho simbólico) antes ausentes. O ciclo de seleção, uso e representação do objeto museal se dá por meio do fato museal ou museológico, elaborado por Guarnieri (1990), ao explicá-lo como a relação entre seres humanos, cognoscentes dos objetos, originado dentro da realidade onde os humanos o concebem, e um tem influência sobre o outro.

Dentre os campos de estudo da Museologia, afirma-se que o da Documentação Museológica está intimamente ligada a estes processos de ressignificação dos objetos, a este processo dá-se o nome de “musealização”. De acordo com pesquisadora Waldisa Rússio Guarnieri, o processo de musealização das coisas, artefatos pressupõe três qualidades fundamentais: de testemunho, fidelidade e documentalidade (GUARNIERI, 1990).

Pois é entre estes campos de estudo (OC e Documentação Museológica) que se procura relacionar seus saberes ao ambiente do particular (aqui exemplificados pelo arquivo pessoal) onde o objeto de estudo do projeto estão inseridos; e estes são os documentos sobre o grupo indígena *Tenetehara-Guajajara*, registrados entre as décadas de 1970 a 1990, que compõem o acervo do etnólogo e pesquisador Edson Soares Diniz. Sabe-se que este acervo está dividido entre produções acadêmicas como cadernos de campo, artigos, livros, cartografias, correspondências e figuras. Nestes registros além de serem possíveis de encontrar produções finalizadas, os demais documentos

datilografados permitem-nos acessar informações implícitas, inclusive, inter-relações entre os objetos-documentos<sup>1</sup> contidos no acervo<sup>2</sup>.

Compreendem-se o conjunto de documentos custodiados neste acervo tanto como potenciais coleções de museu (devido sua carga histórico-simbólica), quanto conjunto arquivístico (de guarda e registro). A princípio essas formas de organização metodologicamente distintas, não são necessariamente excludentes e podem se apresentar juntas em coleções documentais de tipologias diversas.

Em relação ao grupo étnico, sobre a nomenclatura sabe-se que *Tenetehara* é tido como um termo geral para abranger os *Guajajara* do estado do Maranhão e aos *Tembé*<sup>3</sup> do Pará. Falantes da língua *Tupi-Guarani* podem ser considerados bilíngues, devido saberem comunicar-se também em português (DINIZ, 1994).

Presente em sua obra sobre o grupo intitulada *Os Tenetehara-Guajajara e a Sociedade Nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica*, Diniz (1994) afirma ter dado ênfase na pesquisa sobre os tipos de relações entre a comunidade indígena e a sociedade nacional (na forma dos moradores da região). Destaca-se a relevância dessa obra para o presente projeto, devido esta ter sido o produto dos demais objetos-documento (cadernos de campo, artigos, dados sobre a comunidade e os sujeitos envolvidos) (DINIZ, 2018).

Sobre o estudioso Edson Soares Diniz, acredita-se que sua contribuição para os estudos interétnicos nacionais é significativa. Além disso, este etnólogo indigenista, dentre suas várias identificações aqui dispostas, também é meu avô. O elemento pessoal

---

<sup>1</sup> Como uma das vias do processo de musealização do objeto, deslocá-lo física e conceitualmente aplicando-lhe nas perspectivas de conteúdo já citados por Peter Van Mensch (1992) e Ivo Maroevic (1994). Com base nas concepções desenvolvidas por estes autores, a pesquisadora Juliana Monteiro (2014) caracteriza a expressão de ‘objeto-documento’ como um termo polissêmico, “[...] que encerra a ideia de algo complexo, com múltiplos níveis de interpretação, é possível argumentar que sua apropriação teórica e seu processamento técnico demandam um trabalho constante de atualização de significados e sentidos” (MONTEIRO, 2014, p. 154).

Em síntese, o deslocamento desse objeto é mais que figurativo, ao passar, como por exemplo, por seleções, acondicionamentos, tratamentos de conservação e documentação, análise de elementos qualitativos com objetivo de organizar suas informações, para que possam ser comunicadas da forma mais autêntica possível, respeitando suas características e conteúdos originais.

<sup>2</sup> O acervo de Edson, até o momento da elaboração desta dissertação, encontra-se dividido em duas residências. Uma parte de sua custódia com um de seus netos, e outra na casa de uma de suas cunhadas.

<sup>3</sup> De acordo com o verbete encontrado no site Povos Indígenas no Brasil (PIB), atualizado em Julho de 2018: “Os Tembé constituem o ramo ocidental dos Tenetehara. O grupo oriental é conhecido por Guajajara. Sua autodenominação é Tenetehara, que significa gente, índios em geral ou, mais especificamente, Tembé e Guajajara. Tembé, ou sua variante *Tmbé*, constitui um nome que provavelmente lhes foi atribuído pelos regionais. De acordo com o linguista Max Boudin, *timbeb* significaria ‘nariz chato’”.

e afetivo foi um dos motivos que impulsionou esta pesquisa, em vista de perpetuar um legado intelectual de suas produções, que se projete além dos sobrenomes e ascendências sanguíneas.

Apesar de atualmente, salientar-se que suas produções sejam pouco conhecidas (devido distanciamento temporal e de nicho acadêmico) com riscos perda, fazem-se importantes retomadas conjuntas de estudo, não somente de suas obras, mas também, de parte da memória deste intelectual *curiboca*<sup>4</sup>, cujo legado permite-nos diversas possibilidades de atualização e descobertas através do que registrava (cartas, diários de campo dentre outros manuscritos) (DINIZ, 2018).

Devido às análises prévias, soube-se que em sua trajetória profissional teve contato com demais pesquisadores do campo antropológico (nacionais e internacionais), assim como registros documentais de pesquisas com grupos étnicos<sup>5</sup> (do norte e sudeste brasileiro), e acontecimentos que vêm somar para uma memória bibliográfica-documental mais ampla, que as deste próprio indivíduo (DINIZ, 2018).

Assim, ao levar em consideração que a sequência de conceitos da própria Ciência da Informação, desde o dado informacional primário, ao conhecimento elaborado é transpassada por elementos de vivências humanas (como a trajetória do pesquisador e seu acervo aqui mencionado) sejam estes individuais ou coletivos, os conteúdos elaborados por Edson inserem-se nesse contexto de aprendizados contidos em seus registros (PINHEIRO, 2005).

Por conseguinte, elencam-se aqui os referenciais teóricos pretendidos para a abordagem do tema proposto.

Inicialmente utiliza-se da definição de Ciência da Informação, trabalhada por Borko (1968) por exemplo, como “disciplina que investiga o comportamento, os meios que ditam os rumos da informação e os modos de processamento para aperfeiçoar a acessibilidade e uso da informação”<sup>6</sup> (BORKO, 1968, p. 3, tradução livre).

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por José Veríssimo (1887), em seu ensaio, *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia. Sua Linguagem, suas Crenças e seus Costumes*, para qualificar o mestiço amazônida, filho de sujeitos da raça branca com os indígenas, sinônimo de mameluco (VERÍSSIMO, 1887).

<sup>5</sup> Por exemplo os *Makuxi* e os *Caiapó-Gorotire*.

<sup>6</sup> “*Information science is that discipline that investigates the properties and behavior of information, the forces governing the flow of information, and the means of processing information for optimum accessibility and usability*” (BORKO, 1968, p. 3).

Ao suscitar uma compreensão mínima, contudo suficiente para introduzir o que concerne à Ciência da Informação, traz-se o enfoque desta Ciência frente ao presente projeto, para a Organização do Conhecimento. Apontando para o fato de que este campo vem produzindo férteis discussões nos estudos de biblioteconomia e documentação (objeto com o qual mais se identifica o enfoque deste projeto). Dessa forma, a busca por um diálogo comum entre os saberes, parte-se da concepção levantada por Brascher e Café (2008) sobre organização do conhecimento como um campo que “visa à construção de modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade” (BRASCHER; CAFÉ, 2009, p. 6).

Partindo destas definições, aponta-se para um relevante caminho no auxílio da C.I sobre as reflexões que se pretende desenvolver ao longo deste projeto. Pois, a partir das ações de comportamento e processamento da informação, acredita-se no diálogo possível entre as práticas de musealização (às ações de seleção, organização, valoração, compartilhamento e preservação) – de objetos e os conhecimentos já registrados e latentes – as quais fazem parte do arcabouço de contribuições para o trabalho museológico (LIMA, 2012; MENSCH, 1992).

Entre uma de suas características convergentes com a Museologia, destaca-se a interdisciplinaridade, como salienta Saracevic (1996). Entre os elementos que perpassam a interdisciplinaridade na Museologia e na Ciência da Informação, acredita-se que a representação dos signos e saberes que – por exemplo – circunscrevem tanto a compreensão sobre os objetos-documento, quanto os espaços museológicos; assim como os usos e necessidades das informações, que podem se estabelecer no processo de comunicação (PINHEIRO, 2012). Tal qual a Organização do Conhecimento é um campo que trata de processos necessários para a produção de representações da informação do conhecimento. E para isto utiliza-se também da interdisciplinaridade para estabelecer pontes em direção aos novos problemas de pesquisa.

Atenta-se para o fato que, apesar destas relações de interdisciplinaridade serem academicamente mais visíveis nos museus tidos como tradicionais (desde sua estrutura à sua concepção), onde as diferentes tipologias de coleções expostas e preservadas residem. Estas mesmas relações interdisciplinares também podem ser encontradas fora

dos ambientes de museus tradicionais institucionalizados, como defende a Nova Museologia<sup>7</sup>.

Pinheiro (2012) aponta para um relevante caminho de interação entre as duas disciplinas (Ciência da Informação e Museologia), com bases nos trabalhos das pesquisadoras: Ferrez (1994), Cerávolo e Tálamo (2007). Onde suas produções ilustram a documentação em museus como um sistema de informação, e os acervos museológicos constituindo fontes de informação. Por intermédio da concepção destas autoras, reforça-se sobre a Documentação Museológica e o Documento, como um sistema de recuperação de informações que possibilita a releitura de fontes de informação, em fontes de pesquisa ou ferramentas de transmissão de conhecimento.

Dentre as vertentes da teoria museológica pretende-se utilizar as concepções apresentadas por Maroevic (1994), Mensch (1992), Stránský (2005, 1965), e Soares (2012) sobre o estudo da Museologia como a aplicação de atividades que visem à seleção, preservação e usufruto da herança cultural e natural, possibilitando reflexões sobre o potencial informacional do objeto (ou documento primário) tratado agora como *musealia*<sup>8</sup>; bem como sua representação entre o ser humano e sua realidade. Por conseguinte, outros dois teóricos que dialogam com esta compreensão, todavia, possuem estudos na área da Cultura Material, por diferentes olhares (histórico e antropológico) são Meneses (1997) e Miller (2013). Estes autores destacam agência das coisas-objetos sobre seus usuários, pois possuem uma trajetória, uma biografia que transcende a vida de seus donos, em movimentos dialógicos os objetos são qualificados e qualificam.

As ideias de Bellotto (2007) e Campos<sup>9</sup> (2019) são utilizadas como base para compreender os arquivos pessoais. Pois, a partir de suas perspectivas incluem-se discussões sobre tipologias documentais, tradicionalmente vistas sob a guarda institucional. Entre essas discussões estão: o reconhecimento de tipologias documentais;

---

<sup>7</sup> Movimento teórico que rompe com certos paradigmas tradicionais do fazer museológico. Com uma orientação mais social, e menos estratificada, sobre as qualidades dos patrimônios ou espaços que podem ser considerados *museais* (DESVALÉES; MAIRESSE, 2013).

<sup>8</sup> Objeto, deslocado de seu contexto físico-conceitual, tratado posteriormente como objeto de ou relacionado às qualidades de objeto musealizado, musealizável (LIMA, 2012).

<sup>9</sup> Em uma de suas falas sobre arquivos pessoais, Campos apresenta um discurso significativo para o diálogo interdisciplinar proposto nesta pesquisa, ao afirmar que os arquivos: “[...] oferecem matéria-prima singular para a construção de entendimentos sobre o passado e o presente, isto porque os documentos que os compõem materializam as ações que justificaram a sua produção [...]” (CAMPOS, 2019, p.10).

a construção do conjunto documental analisado; sua organização; seus sentidos frente às pesquisas especializadas. Até seus usos indiretos como materiais de referência ou de atendimentos demandados por usuários que venham a ter conhecimento da existência dos documentos presentes neste tipo de arquivo (BELLOTO, 2007; CAMPOS, 2019). Bem como é debatido sobre a relevância dos conteúdos presentes no arquivo pessoal de Edson Diniz.

Cândido (2006) com suas perspectivas sobre sistematização de Documentação Museológica. Não obstante, o trabalho de Araújo (2014), que distingue o conceito de documento no campo Museológico – em relação às demais disciplinas que se relacionam com a Ciência da Informação – como uma abstração, um questionamento mais denso, compreendendo que as problematizações ao redor do objeto-documento não são neutras ou mecânicas, mas que se ramificam histórico-socialmente.

Destaca-se também, um dos conceitos que se pretende utilizar para trabalhar neste projeto é o de arquivos pessoais<sup>10</sup>. Compreendendo que os objetos pessoais dispostos no conjunto documental fazem parte de uma curadoria pessoal, tendo passado por escolhas, e reunidos em função de experiências (CUNHA, 2008). Sob novos olhares e considerações mais abrangentes, os arquivos pessoais vêm recebendo, dentro da teoria e da prática arquivística, dos profissionais de arquivos e dos pesquisadores em geral, uma maior notoriedade. O pesquisador norte-americano, Cox (2017) destaca que, apesar destes arquivos ainda serem de principal interesse das pessoas físicas e suas famílias, que os mantêm por razões de identidade, memória e valor sentimental, não tendo – frequentemente – a mesma relevância por parte de instituições e pesquisadores em geral; este tipo de situação vem passando por mudanças, que precisam de do acolhimento do meio acadêmico, em vista de seu potencial (COX, 2017).

Para subsidiar as reflexões referentes à indexação de fotografias (ou imagens fotográficas) os autores(as) destacados são Pato (2014), Pato e Manini (2013), com a contribuição de sua perspectiva ligada à Semiótica Peirciana, e uma abordagem metodológica com esquema de relações sógnicas. Outros(as) autores(as) que utilizam da abordagem Semiótica são Pinto (2008), Smit (1996), Gatto e Alameida (2020);

---

<sup>10</sup> Observa-se que o presente termo, devido à natureza do conjunto documentário trabalhado, e a perspectiva museológica sobre o ‘objeto-documento’, termos como ‘acervo’, ‘coleção’ e arquivo, serão utilizados alternadamente para fazer referência ao total, o coletivo destes documentos, anteriormente pertencentes a Edson.

estabelecendo relações sobre as fotografias, suas composições e qualidades informacionais.

Acredita-se que nos encontramos em um momento da cultura material humana, onde elementos do passado coexistem com avanços vindouros, mesmo quando se pensava que haveria uma sobreposição ou substituição completa de práticas que envolvem os tratamentos com a informação. Dessa forma as reminiscências existentes em cada fragmento de registros pessoais podem desvelar informações sobre um mosaico histórico maior.

Atravessado por estas correntes teóricas e conceitos, compreende-se que o presente objeto de estudo possui uma carga de usos e sentidos latentes, dos quais não são percebidos diretamente em sua composição física. Pressupõe-se que o presente projeto possa, não só aproximar conceitualmente, as disciplinas de Museologia e a Ciência da Informação, contudo, proporciona uma perspectiva que – ao beber dessas fontes – possa contemplar esses objetos<sup>11</sup> e seus processos percorridos, a fim de serem estudados sobre as condições que se encontram atualmente.

Propõe-se então que no presente trabalho as práticas de documentação<sup>12</sup> sejam adaptadas às condições que o acervo se apresenta, sendo seguidas por contínuas pesquisas e reflexões teóricas do que se revelava a cada acesso. Pois, devido ao crescimento de relações interdisciplinares e suas produções acadêmicas, profissionais da informação (como os museólogos) devem reinventar-se constantemente, visando não só a preservação física de seus materiais de estudo, mas também de seus conteúdos e técnicas de abordagem para tais (CÂNDIDO, 2006).

Assim pretende-se levantar-se, o que for possível, das trajetórias e ligações entre os documentos, o acervo e seu antigo detentor; em vista de sistematizar suas informações para preservá-las, e possivelmente socializá-las.

Tomando como ponto de convergência da perspectiva interdisciplinar aqui propostas, os documentos deste estudioso sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara*,

---

<sup>11</sup> Por ‘objeto’ entende-se aquilo que foi ‘culturalizado’, trabalho ou ressignificado pelo ser humano. Diferente da ‘coisa’ que, de modo geral, refere-se a algo da natureza em seu contexto de origem. Conforme Desvalées e Mairesse (2013) “O objeto é um estatuto ontológico que vai englobar, em certas circunstâncias, uma coisa ou outra, estando entendido que a mesma coisa, em outras circunstâncias, não constituirá necessariamente um objeto” (p.68).

<sup>12</sup> Para diferenciar da disciplina de Documentação, o presente termo será usado com ‘d’ minúsculo, para representar um conjunto de atividades de caráter documentário realizado durante o desenvolvimento deste trabalho para tratar o acervo estudado, bem como as atividades básicas aplicadas em museus.

adquiridos por forma de legado<sup>13</sup>, somada à aplicabilidade da organização do conhecimento nestes objetos–documentos vistos pela Ciência da Informação (no que tange seus elementos terminológicos e representativos para o domínio antropológico); e da Museologia com as ações de musealização considerando seu potencial memorativo (tanto como narrativa pessoal, quanto social).

Lança-se o seguinte **problema de pesquisa**: como a organização do conhecimento pode viabilizar reflexões a respeito da indexação de fotografias em arquivos pessoais?

Neste sentido, **objetivo geral** desta pesquisa visa refletir sobre a indexação dos conteúdos presentes nas fotografias que compõem o arquivo pessoal do etnólogo Edson Diniz sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara*, para possível recuperação da informação a partir de abordagens interdisciplinares entre Museologia e Ciência da informação.

**Objetivos específicos:**

a) Estudar o conceito de documentação e documento na Ciência da Informação e na Museologia.

b) Realizar um levantamento teórico sobre organização do conhecimento, bem como sobre a indexação;

c) Investigar procedimentos, dificuldades e estratégias no processo de indexação de fotografias no contexto do arquivo pessoal do etnólogo Edson Diniz sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara* com o uso da ficha de análise baseada no Método de Pato;

**Justifica-se** que o interesse pelo presente objeto de estudo – dentre outros documentos presentes no arquivo – foi sendo delineado antes mesmo de minha monografia, enquanto tomava consciência das relevantes possibilidades que este conjunto documentário permitiria, como por exemplo, o presente projeto de pesquisa. Ao longo de minhas experiências acadêmicas, dos estágios e programas de incentivo à pesquisa, em especial à bolsa de pesquisa adquirida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Produção Artística (PIBIPA). As leituras realizadas durante a graduação guiaram-me à quebra de novos paradigmas pessoais, e como bacharel em Museologia.

A partir dessas experiências compreendeu-se que os termos, tais quais “acervo”, “informação”, “preservação”, “objetos-documento” são polissêmicos, sendo que seus

---

<sup>13</sup> “Doação resultante de uma disposição testamentária ou de manifestação de última vontade” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 112).

usos não se restringem ao campo das instituições de museus. Estendem-se também em contextos em que os usos desses termos, anteriormente citados, possibilitam apresentação de novas formas de aplicação para perspectivas que vêm sendo debatidas a cada novo precedente encontrado na realidade social.

Justifica-se a seleção desse recorte - em meio aos vários registros feitos por Edson - sobre os documentos referentes à população *Tenetehera-Guajajara*, e seu livro publicado: *Os Tenetehara Guajajara e a Sociedade Nacional: Flexibilidade Cultural e Persistência Étnica*, por diversos fatores. Um desses encontra-se na composição do acervo, mesmo frente ao volume de arquivos encontrados, os documentos referentes ao grupo *Tenetehera-Guajajara*, ainda se encontravam mais próximos, e identificáveis dentre os demais. Outros dois motivos, deram-se pelo fato de o livro mencionado apresentar uma ligação com dois antropólogos que possuem trabalhos de grande influência na região norte, Charles Wagley<sup>14</sup> e Eduardo Galvão<sup>15</sup>; sendo também a única publicação de Edson pela Universidade Federal do Pará. Por tanto estes foram alguns dos critérios de seleção do objeto de estudo dentro do acervo, apesar das imponderabilidades encontradas durante o trato com os materiais *in situ*<sup>16</sup> (DINIZ, 2018).

Pontua-se também própria trajetória da atuação profissional do etnólogo estudado para a composição da memória antropológica regional e brasileira, acredita-se que os trabalhos produzidos por este etnólogo indigenista, e os documentos que compõem seu repertório se relacionam com a produção antropológica de sua época. Defende-se assim sua relevância na composição de um quadro abrangente de potencial informativo, bem como a descoberta de elementos subjetivos que imbricam os conteúdos analisados.

Entendendo que apesar de escasso o repertório de trabalhos feitos a respeito deste profissional e suas produções, bem como as publicações de estudos sobre acervos

---

<sup>14</sup> Antropólogo norte-americano que se tornou o principal brasilianista de seu tempo, pioneiro no estudo etnográfico dos povos indígenas e camponeses da Amazônia e do Nordeste [...] onde fez contribuições importantes para os estudos demográficos e de parentesco entre os grupos de língua tupi (PACE, 2014).

<sup>15</sup> Antropólogo, Dr. Eduardo Enéas Gustavo Galvão (1921-1976), chefiou a Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi (SCAFF, 1976), foi de grande influência na formação profissional de Edson, não só como colega de trabalho, mas como mentor e amigo.

<sup>16</sup> Observa-se aqui que o processo de musealização pode ocorrer *in situ* (no local) ou *ex cito* (fora do local), não implicando necessariamente na remoção do objeto-documento de um local para outro (STRÁNSKÝ, 1965).

com características semelhantes a este (como o fato de não ser institucionalizado); de nada ou pouco adiantaria se seus conteúdos permanecem adormecidos, ocultos de qualquer forma de acessibilidade.

Sendo assim a presente pesquisa em desenvolvimento sustenta-se na manutenção e tratamento deste arquivo pessoal e seus conteúdos. Pois sabe-se que os arquivos pessoais “constituem valiosas fontes de pesquisa, seja pela especificidade dos tipos documentais que os caracterizam, seja pela possibilidade que oferecem de complementarem informações constantes em arquivos de natureza pública” (CPDOC, 2107, p.1). Ressaltando a importância de caracterizações adequadas e cabíveis aos documentos, em vias de contribuir com reflexões já elaboradas dentro fora do campo museológico e informacional, bem como promover formas de socialização a partir do presente trabalho; buscando minimizar prováveis ruídos, silêncios existentes entre informação e potenciais usuários, devido uma má comunicação, ou até ausência da mesma, quando percebido um grau de desconhecimento sobre conteúdos como este que se pretende estudar.

Em suma, visando a execução dos objetivos propostos, partindo de um estudo teórico, a presente **metodologia** aborda o problema sob um aspecto qualitativo. Ademais, essa pesquisa apresenta-se como exploratória, tendo utilizado de fontes bibliográficas, buscando acrescer mais informações sobre o assunto e objeto de estudo pesquisados, analisando os fenômenos observados. Para a elaboração das reflexões presentes no texto, faz-se também o uso de fontes documentais que permitam aproximar o objeto de estudo às áreas do conhecimento anteriormente mencionadas. Para coleta de dados, pretendeu-se utilizar a técnica da entrevista semiestruturada, envolvendo sujeitos com formação ou atuação em Museologia e na prática de Documentação Museológica; também se pretende aplicar uma ficha de análise para indexação de imagens fotográficas, baseada no Método de Pato.

Com os resultados da aplicação destes instrumentos serão realizadas considerações e análises a partir do preenchimento da ficha – inicialmente – feito pelo presente autor; em seguida sobre a forma de indexação feita pelos sujeitos entrevistados nesta mesma ficha desenvolvida por Pato. Essa proposta de indexação para os(as) entrevistados(as) será sobre as fotografias do arquivo pessoal de Edson Diniz que lhes serão disponibilizadas.

A respeito da divisão do trabalho, após a introdução, o capítulo 2 apresenta um apanhado histórico sobre o conceito de documento e Documentação, com base na perspectiva de clássicos na área da CI. Relacionando as disciplinas de Museologia e Ciência da Informação através do documento como objeto de estudo comum, e a documentação como conjunto teórico e prático que atravessa o contexto de museus e centros de informação.

No capítulo 3, busca-se estabelecer um trajeto de discussões teóricas que iniciam em conceituações sobre a Organização do Conhecimento, sua distinção com relação à Organização da Informação; a importância da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), com destaque para algumas teorias e participações de pesquisadores(as) em sua consolidação. Além disso, o capítulo segue com menção aos sistemas de organização do conhecimento (SOCS), culminando na indexação como uma forma de organização do conhecimento, descrição de seu processo, e suas interfaces com a musealização.

E no capítulo 4 apresentam-se informações sobre o acervo e Edson, sua composição e o contato inicial com este. Seguindo então para justificativa de seleção dos referidos documentos fotográficos, relativos ao grupo *Tenetehara-Guajajara* para análise, a partir da aplicação do método proposto por Pato (2014). Culminando na descrição dos procedimentos para sua aplicação.

## **2 DOCUMENTO E DOCUMENTAÇÃO COMO EIXOS DE DIÁLOGOS TRANSVERSAIS**

O presente capítulo está relacionado ao primeiro objetivo específico da pesquisa. Pois nesse serão apresentadas e relacionadas concepções que permeiam os ambientes de museus, arquivos e centros de informação; circunscrevendo um objeto de estudo relevante e comum a estes ambientes, o Documento. No esforço de seguir com esta relação, através de conceitos vindos de diferentes autores(as), será, não só, destacadas suas qualidades dentro de um *corpus* de pesquisa da documentação, mas também suas perspectivas sobre documentalidades vindas das áreas (Museologia e CI) em que essa pesquisa se baseia.

Dessa forma, pretende-se dedicar parte deste capítulo para discussões sobre a disciplina Documentação, perpassando por pensamentos basilares de fundadores como Paul Otlet (1937), Henri La Fontaine, e Suzanne Briet (2016). Ao decorrer do desenvolvimento e retomada de ideias, serão feitas aproximações com outros(as) autores(as) que possam desenhar demais momentos e tendências referentes à Documentação.

Além disso, será tratada a ideia de objeto museológico. Suas características possíveis, e as implicações de suas qualidades darão direcionamento desta parte da revisão bibliográfica.

Por meio destas concepções, pretende-se partir de conjecturas correlatas a Documentação – como dentre as diversificações da compreensão do conceito de documento, que passou a incluir diferentes objetos de museus e arquivos – que foram elaboradas fossem pela Ciência da Informação (CI), ou pela Museologia, em suas dimensões teóricas e práticas.

### **2.1 Retomando algumas bases da Documentação e suas aproximações com a Museologia**

Neste subitem faz-se uma breve revisão dos estudos sobre Documentação, a fim de destacar alguns de seus autores(as) utilizados como referência para as discussões levantadas ao longo do texto. Cada marco conceitual, vem auxiliar para desdobramentos

referentes ao contexto teórico que se procura inserir o objeto de estudo da pesquisa, e na elaboração de definições sobre este tipo de objeto.

No intuito de seguir com a transversalidade da temática entre as disciplinas propostas, ressalta-se a retomada de pontos importantes na trajetória de instrumentalização do documento.

Anteriormente a Documentação, imaginada pelos fundadores belgas, Paul Otlet e Henri La Fontaine, que apesar de sua composição como disciplina datada ao final do século XIX, repercute até o presente nas compreensões sobre o que venha a ser documento (TÁLAMO; SMIT, 2007), tendo em vista a expansão de suportes informacionais, assim como a aceleração no ritmo de produção e difusão de informações.

A ressalva feita sobre este período, deve-se ao fato de que Paul Otlet, pretendia elaborar uma linguagem artificial universalizada, que possibilitasse acesso indiscriminado aos mais diversos conteúdos informativos. Esta atitude devia-se ao caráter pacifista de sua atuação (movido por motivos pessoais de perda), em confluência com posturas que sucederam os pós Primeira Guerra Mundial, quando seus principais trabalhos foram lançados.

A unicidade da obra Otletiana, em torno da Documentação, permite duas compreensões: se por um lado, expressa a vontade de disponibilizar informações de forma universal, com a finalidade de tornar acessível o diálogo entre sujeitos e populações; do outro, procura firmar uma visão organizada e sistemática do mundo, apontando para um padrão unificado de classificação que – em sua visão – possibilitaria acesso pleno à informação (PINHEIRO, 2002).

Levando em consideração debates suscitados por Rayward (1997) e Pinheiro (2002), a respeito das ideias de Paul Otlet (1937). Estas, suportam a ideia de iniciativas inéditas que – mesmo sob aquele contexto – configuraram questões basilares da CI na atualidade; como o uso de linguagens para recuperação de informação, vislumbres que se aproximam do que se conhece como hipertextos, até a internet, e as segmentações sociais que surgem em meio a organização do conhecimento e da informação. As reflexões de Otlet apontavam, à sua maneira, que práticas e teorias de três instituições semelhantes (Arquivos, Bibliotecas e Museus) seriam incorporadas de forma interdisciplinar, à grande área da Documentação.

Por isso, com o intuito de ilustrar as motivações e ideias do autor, que se reconhece a necessidade de identificar seus aspectos positivistas que, inclusive, foram posteriormente contestados por estudiosos(as) contribuintes do desenvolvimento da própria Documentação e da CI, sendo exposto em seguida. Assim, acredita-se que de acordo, ou em oposição às suas análises; suas contribuições para áreas como a Ciência da Informação, ou até para a documentação em acervos pessoais, podem ser levadas em consideração.

Quanto a definição de Documentação, Ortega (2009) expõe que ao publicar seu artigo *L'organisation rationall de l'information et de la documentation en matière économique*, em 1905, Otlet teria utilizado o termo. Na visão da autora, esse momento havia sido o marco de Otlet, quanto ao uso dos termos documentação e informação. Ela observa que Otlet para a autora, esse teria sido o primeiro momento de uso das palavras informação e documentação na obra do autor. Todavia, entende-se através dos escritos da autora que, naquele momento, Otlet não aplicou o termo – Documentação – de forma homogênea, pois em seus trabalhos, era possível encontrar contradições, ou ambiguidades em seu uso.

Por conseguinte, em 1905 e 1917, abdicando cada vez mais do termo bibliografia, Otlet trocava seu uso pelos termos documentação e informação, mesmo que os usasse com equivalência (ORTEGA, 2009). No caso de sua obra mais conhecida o *Traité de Documentation*, de 1934, o uso da palavra Documentologia é destacado por Ortega (2009), evidenciando uma emergente área de Conhecimento, a qual teria elementos inovadores, se comparada às técnicas da biblioteconomia, bibliografia, e documentação da época. Visto que, Otlet entendia a Documentologia como uma área que marcaria novos caminhos de fornecimento e acessibilidade à massa informacional, que estava sendo produzida de forma discrepante em meio às diversas fontes.

As autoras Tálamo e Smit (2007) apontam que em seu *Traité*, Otlet estabelece oito direcionamentos para a Documentação. É de comum acordo entre as autoras, que estes oito princípios se despontam como emblemáticos na ilustração do pensamento Otletiano, inclusive rompendo com a forma moderna de pensar as práticas em torno deste universo operacional, pois o Otlet reforça o acesso à informação sobre sua utilidade. Sendo assim, a Documentação deveria permitir acesso às informações registradas, sobre o que existisse, e precisariam: ter um objeto universalmente comum; universais quanto ao seu objeto; ser verificável; ser inteiras; ser ágeis; estarem

atualizadas; serem de fácil acesso; serem organizadas e compartilhadas; e ser disponibilizadas para o maior número de pessoas possível (TÁLAMO; SMIT, 2007).

No intuito de atingir essas qualidades, sobre a informação oferecida, Paul Otlet (1934) correlaciona a implementação de métodos, técnicas e códigos de classificação particulares. Em parceria com Henri La Fontaine, propôs a criação do Repertório Bibliográfico Universal – RBU –, tendo como objetivo compilar todas as publicações desde o início da imprensa, através da cooperação entre as nações. O objetivo deste repertório, era a criação de um catálogo universal, sistematizando toda produção bibliográfica existente até então.

Não obstante, outro sistema de organização de conhecimento, o qual a elaboração antecede o próprio *Traité*, este trata-se da Classificação Decimal Universal – CDU –, decorrente da observação da Classificação Decimal de Dewey aplicada pelos advogados belgas em meio ao alcance do projeto de Repertório Bibliográfico Universal (PINHEIRO, 2002; RAYWARD, 1997). Esta classificação foi elaborada por Otlet e La Fontaine com fins de estabelecerem vínculos entre as publicações, ligando o acesso físico dos documentos à recuperação de seus conteúdos por meio da caracterização de registros específicos. Dessa forma, a ênfase deste sistema assistia o apanhado de qualidades comuns dos conteúdos e sua codificação em números, buscando agilidade no reconhecimento e acesso aos documentos.

Por outro lado, um ponto basilar da compreensão Otletiana sobre a Documentação trata-se do princípio monográfico, o qual baseia-se na extração das unidades de informação dos documentos primários, e as insere em cartões singulares, para futuras consultas. Tanto *Repertoire Bibliographique Universel* (RBU), quanto CDU e o princípio monográfico travaram-se de desenvolvimentos operacionais de Otlet e La Fontaine, com gerir as ações desenvolvidas no Instituto Internacional de Bibliografia/Federação Internacional para Informação e Documentação, originado no final do século XIX, na Bélgica (OTLET, 1934).

Esse procedimento deve-se à redução da complexidade de um documento até seus componentes básicos; ou de acordo com Rayward (1997), de examinar ou depurar os conteúdos dos documentos. Em seguida, os cartões poderiam passar por uma reintegração, em outros repositórios, em um diálogo hermenêutico de dialética enciclopédica. Assim, Otlet dirigia o foco da execução à identificação da lógica anterior

ao conteúdo da informação, afastando-se dos elementos autorais da mesma (PINHEIRO, 2002; RAYWARD, 1997).

Dessa forma, infere-se que Paul Otlet idealizou a Documentação como um conjunto de técnicas apropriadas para sistematizar documentos de forma que seus conteúdos pudessem ser disponibilizados para qualquer indivíduo, onde estivessem (OTLET, 1937). Nesse sentido, o conhecimento humano organizado não se sustentaria em restrições regimentares da ‘antiga Biblioteconomia’ (OTLET, 1934). O autor via esta disciplina mais focada no ordenamento dos acervos bibliográficos, e menos preocupada no acesso deles, em oposição à proposta da emergente Documentação.

Após três anos da publicação do *Traité*, em um material elaborado para as atividades da Conferência Universal de Documentação, Otlet reutiliza o termo Documentação, e descreve a mesma em forma de técnica voltada para organização sistemática, a qual constitui-se por ações distribuídas em série, no caso, entre pessoas e instituições. Acompanhando cada indivíduo atuante na trajetória de um documento, desde sua produção a cognição de um leitor (OTLET, 1937).

Partindo deste recorte, Otlet indica uma compreensão do que se pode entender como fluxo documentário – isto é, uma cadeia de procedimentos envolvendo indivíduos sociais produtores e compartilhadores de informação. E esta compreensão seria adotada posteriormente por estudiosos do seu trabalho (ORTEGA, 2009). Acredita-se que a proposição deste fluxo, foi um dos maiores tributos das ideias Otletianas para a Ciência da Informação. Pois não desassociava a relevância dos profissionais organizadores da informação, e suas influências sobre a recuperação de informações por parte dos usuários.

Rayward (1997) ressalta que as concepções de Otlet sobre a Documentação, tiveram uma repercussão maior do que a de diversos documentalistas de seu tempo. Um grande salto do pensamento Otletiano, em relação ao seu contexto, refere-se à amplitude da compreensão do que poderia ser documento; o que se estendia a qualquer coisa que possuísse significado – dentre jornais, registros fotográficos, cartas, mapas, livros, e até objetos de museu (RAYWARD, 1996).

Em suma, Otlet ultrapassara as perspectivas sobre documentos “tradicionais”, antes imaginados apenas como registros sobre suportes bidimensionais, preservados em instituições gestoras de informações “legítimas”. Com a ampliação de seus princípios teóricos pôde-se atualmente, inclusive, entender que independente do espaço de guarda,

ou do suporte, há fontes de conhecimento relevantes a serem organizadas – com a ressalva de que, como destacado por Rayward (1997), tenha havido uma tendência, mesmo depois de seus trabalhos, de tratamentos voltados para documentos escritos.

Posterior ao seu falecimento, o estudo da Documentação veio a ganhar novos pesquisadores e antagonistas. Em detrimento à ambiguidade do termo, as elaborações nesta área passaram por uma gama de interpretações diferentes. E neste ponto, houve contribuições marcantes, que persistem até o presente, como, por exemplo, as interpretações francesas, estadunidenses, espanholas, portuguesas e brasileiras (ORTEGA, 2009). Nesse sentido, pretende-se expor alguns dos olhares desenvolvidos após Otlet (1868-1944) e suas atribuições em relação à CI no ponto seguinte do texto; com a autora Suzanne Briet (2016).

Dentre seus discípulos, havia uma seguidora direta das ideias de Otlet; tratava-se da documentalista francesa Suzanne Briet (2016). Entretanto, mesmo tendo sido mencionada como uma seguidora dos estudos Otletianos, afastava-se dos ideais apassivadores, pois entende-se a informação como um bem, algo funcional, que se justifique dentro de um sistema de produção e relações, na esfera socioeconômica (BRIET, 2016). Este fator, para Ortega (2009), localizaria Briet (2016) entre as ideias de Paul Otlet, e a emergente cibernética estadunidense, marcada pelo contexto da Guerra Fria ao longo das disputas bélica e informacional contra a União Soviética.

Para a documentalista, ainda que a Documentação houvesse se fundamentado no meio das pesquisas científicas, esta tem seus usos renovados ao longo de curtos intervalos de tempo (BRIET, 2016). A autora acredita que a Documentação está relacionada a um fator de produtividade; sendo possível vislumbrar as destacadas técnicas recomendadas por Saracevic (1996) para a Organização da Informação e do Conhecimento com a indústria.

Com efeito, em seu trabalho que foi um marco na área, *Qu'est-ce que la documentation?* publicada em 1951, Briet define documento como signos emblemáticos ou concretos, preservados e registrados, possíveis de serem reconstituídos, ou como testemunhos de um fenômeno intelectual ou físico. Não obstante, atentou também para um tipo de documento diferenciado, o qual era gerado ao longo do exercício das práticas documentárias, não se resumiam a “resíduos”, cada qual possuía singularidade de

informações e contexto. Cada documento secundário deste, possuía conteúdos que conversavam entre si, e possuíam referências do documento primário<sup>17</sup> (BRIET, 2016).

A autora vislumbra a Documentação ainda como uma técnica, mas atribui o elemento cultural, na forma de organizar a informação científica. Ela reitera o caráter processual da Documentação, sendo esta subdivida em seleção, análise, descrição e tradução de conteúdo, a fim de criar gêneros documentários – índices, sumários, catálogos etc. (BRIET, 2016). Estes documentos contendo informações que fazem referência a outros – ou às informações contidas em outros documentos – tidos como documentos secundários – derivados da atividade documentária – até a definição de seus destinos, e aplicação de técnicas igualmente aplicadas aos demais documentos, segundo Briet (2016) devem ser conservados.

Sendo assim a Documentação adquire um perfil mediador, entre o volume de informações geradas e seus potenciais usuários. No que toca a feição do profissional documentalista, Briet (2016) argumenta que este deve estar nas divisas dos espaços de eixo das instituições onde atuam, tendo como foco da sua prática a comunidade científica. A esse profissional, caberia à contínua análise de informações, e novidade na área em que atua, ampliando o sentido de suas funções.

Briet (2016) aproxima-se de Paul Otlet, ao também apontar para a importância do documentalista aderir a funções e saberes de profissões afins, como a de bibliotecários, arquivistas e curadores de museus. Mas atenta para o fato que cada uma destas atuações, se agir de forma isolada, não terá condições de contemplar a complexidade da realidade informacional; o que diferenciaria o perfil inovador e peculiar do profissional documentalista. Ademais, de acordo com a autora, é dever desse profissional, atualizar-se sobre novas técnicas e paradigmas dos demais contextos (Bibliotecas, Arquivos e Museus), visando a capacidade de desenvolver variadas atividades de processamento da informação, e promover acesso àqueles que buscam pesquisas científicas. Assim, o documentalista estaria nivelado ao pesquisador científico, se vistos por uma perspectiva de relevância funcional de atuação.

---

<sup>17</sup> Chama-se atenção para este aspecto que Briet (2016) deu prosseguimento às ideias de Otlet sobre o fluxo documentário, para reforçar a relevância dos arquivos pessoais, no caso o de Edson Diniz. Sendo um coletivo documental, que comportam informações complementares entre cada peça desse acervo, e que por conseguinte, ao tratar de estudos referentes às pessoas externas ao contexto físico e temporal, estabelece pontes de informações que atravessam fronteiras concretas.

Em suma, percebe-se que no trabalho de Suzanne Briet aderência na compreensão do que se pode reconhecer como documento, levando em conta até objetos que não tenham sido criados com esta finalidade – tendo uso de documento pelos usuários –, ou que pertençam às instituições tradicionalmente produtoras de informação. Entende-se, portanto, que, novos sentidos podem vir a ser atribuídos no uso e interpretação aos documentos; os usuários em cada contexto influenciam nas definições deles também.

Segundo expõem Ortega (2009), Lara e Ortega (2009) e Pinheiro (2002) os autores que vieram após Suzanne Briet localizavam-se em países onde a Documentação foi estabelecida como disciplina primeira nos estudos de informação, a exemplo da França e Espanha. Autores destes países trouxeram pertinentes contribuições referentes à disciplina, com destaque para a noção de documento, e definições de mecanismos para sua recuperação.

Ainda de acordo com Ortega (2009), sabe-se que durante a década de 1950, a Documentação ocorreu de forma emblemática nos Estados Unidos, apesar de ter sido substituída de forma célere pela Biblioteconomia Especializada e, em seguida, pela Ciência da Informação. Quanto ao ponto referente a definição do que viria a ser documento, teve notoriedade durante a década de 1970 – ou debater sobre o que tornaria algo um documento – apesar de ainda os olhares voltarem-se para os formatos de textos e documentos impressos. Sendo assim, na França, a palavra Documentação tornou-se conhecida como sinônimo de práticas e processos, diferenciando-se da Ciência da Informação, por exemplo, por estar mais engajada no estudo das questões que circunscrevem os suportes de informação e seus contextos socioculturais (ORTEGA, 2009; PINHEIRO, 2002).

Na Espanha, mesmo que o termo *Documentación* fora mais recorrente, para referir-se à pesquisa, ao ensino e a atuação profissional, a expressão *Ciencias de la Documentación* era empregada desde a década de 1970. Mesmo que houvesse divergências quanto o sentido atribuído ao que seria Documentação, a influência do trabalho de Paul Otlet fazia-se fundamental (ORTEGA, 2009).

Em contrapartida, autores que contribuíram com estudos baseados em princípios Otletianos, elaboraram suas próprias interpretações, propondo aproximações particulares sobre a Documentação. Para Ortega (2009), os estudos espanhóis do que se convencionou chamar de *Ciencias de la Información* liga-se a uma ampla área de

disciplinas, que abarca por exemplo, tanto a Documentação, quanto outras relativas à Comunicação, como o Jornalismo e a Publicidade. De toda forma, a diversificação conceitual deparou-se com resistências em países onde a ‘Ciência da Informação’ já havia se firmado, devido à divergência entre reconhecer uma ligação entre os estudos na área, com os avanços técnicos da Documentação.

Essas contraposições conceituais, conforme Tálamo e Smit (2007), se davam devido seus diferentes contextos de elaboração. Por exemplo, em ambientes de estudo anglo-saxão, onde as pesquisas francófonas não influenciaram com grande peso, lhes é atribuído como marco inicial da Ciência da Informação a década de 1950, o período pós Segunda Guerra Mundial. Dessa forma é possível localizar o surgimento da Ciência da Informação em meio aos avanços da corrida armamentista, e de inteligência dos países onde o investimento em pesquisa e tecnologia havia sido reforçado – Estados Unidos da América e a União Soviética (URSS), gerando uma nova explosão bibliográfica.

A especialização do conhecimento científico moderno propiciava paulatinamente a uma maior inserção da Documentação a este modelo de cientificidade. Sua origem é continuamente relacionada com a ampliação do acesso e alcance de conhecimentos já produzidos, e em desenvolvimento – fosse dentro ou fora dos circuitos informacionais. A documentação como prática especializada, ao desenvolver-se em espaços privados adquiriam expertises voltadas para ótica utilitária. Dessa forma, aponta-se que assim como a Documentação cresceu devido aos avanços tecnológicos, o conhecimento científico gerado por essa e demais disciplinas, são o combustível das produções tecnológicas. E neste período de Guerra Fria, a disciplina acabava sendo sobrepujada pela técnica de tratamentos quantitativos, distante dos princípios promovidos por Otlet (TÁLAMO; SMIT, 2007).

Sobre essa dissolução dos conceitos Otletianos, traz-se a explicação de Ortega (2009), em diálogo com López Yepes (2015), que estes conceitos se fragmentaram, em sua maioria, devido aos impasses encontrados entre Biblioteconomia e Documentação, com pontos de tensão no que diz respeito às delimitações dos espaços de aplicação profissionais; de toda forma, naquele momento, este debate distanciava-se dos disciplinares. Não obstante, a autora ainda ressalta que a predominância da aproximação anglo-saxônica, de fato a estadunidense, sobre os tratos informacionais é perceptível.

A respeito da corrente estadunidense, elaborada durante a década de 1950, também do longo dos pós Segunda Guerra Mundial, não sofreu muita influência da

Documentação de orientação otletiana. Ocorre que nos Estados Unidos houve uma ressignificação semântica do ‘termo Documentação’ – ironicamente um impasse interpretativo combatido por Paul Otlet – sua significação apontava para dois contrapontos: um em que a Documentação se firmava como exercício diferente da Biblioteconomia – durante a década de 1950; e em seguida, foi qualificada como área sinônima da *Information Retrieval* ou *Information Storage Retrieval* (ORTEGA, 2009).

Mesmo que não seja contemplada com uma tradução direta para a língua portuguesa, a expressão *Information retrieval* abarcaria a seguinte interpretação: “[...] estudos e atividades de armazenamento e recuperação da informação por meio de computadores [...]” (ORTEGA, 2009, p. 15). Características dessa abordagem são perceptíveis no artigo de Vannevar Bush intitulado *As we may think*, de 1945; e é considerado um dos maiores influenciadores relacionado às origens da Ciência da Informação (PINHEIRO, 2002).

Quanto a um período mais próximo da atualidade, é possível perceber na fala da pesquisadora Pinheiro, a pertinência do trabalho de Paul Otlet:

A obra de Otlet vem sendo analisada e freqüentemente citada na literatura norte-americana, particularmente na coletânea *Historical studies in Information Science* (1998), editada por Hahn e Buckland, sendo o último, autor de importantes estudos históricos da Ciência da Informação, além de Rayward (2002, p.16).

Já no eixo dos estudos de base soviética, também foi possível identificar influências da Documentação baseada nos estudos de Otlet. Entretanto, Ortega (2009) e Pinheiro (2002) ressaltam a inclinação dos estudos soviéticos para as propriedades da informação científica, e as leis que orientam as práticas informacionais e científicas, não dedicando-se necessariamente ao conteúdo. Assim, os pesquisadores soviéticos optaram também por adotar uma nomenclatura diferente da ‘Documentação’, e que pudesse relacionar-se a uma teoria da informação científica, com a finalidade de representar a especificidade de seu sentido disciplinar e pragmático, a esta disciplina foi dada o nome de *Informatik*.

No contexto brasileiro, Ortega (2009) aponta que as bases documentárias e a obra de Paul Otlet têm ampla repercussão devido o extenso uso da CDU pelas bibliotecas, juntamente integração de conteúdos voltados para a formação em Biblioteconomia, em vários cursos de graduação do Brasil. De acordo com a autora, a

trajetória da documentação no Brasil poderia ser reconhecida em três períodos: sendo durante o início do século XX, por meio do projeto do *International Institute of Bibliography*; o segundo em 1940, com as mudanças no comportamento social e informacional do país, que propiciou a presença do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação em 1954; e o terceiro, pelo contato com a corrente norte-americana, sendo um momento emblemático devido ao uso do termo Ciência da Informação. Os entrelaces qualitativos destas disciplinas, devido semelhança relativas aos seus princípios e objeto de estudo semelhantes, permitiam vislumbres do que viria em seguida com os estudos da CI.

## **2.2 A convergência entre Documentação e Ciência da Informação**

Até o presente item retomaram-se alguns autores e momentos, os quais acredita-se que tenham auxiliado no delineamento do que se entende hoje como Documentação. Dessa forma, tendo retomado passagens do percurso sobre o uso do termo Documentação, apresentaram-se alguns perfis semânticos e técnicos; no que diz respeito ao contexto norte-americano – com base nos referenciais – constatou-se um enfoque sobre os pontos de tratamento automatizado da informação. Em paralelo, as aproximações europeias – em especial a soviética – alinham-se aos fundamentos documentários de base Otletiana. E no Brasil, entre a transversalidade da informação como objeto de estudo, e a formação profissional em Biblioteconomia, com influências da corrente estadunidense. Devido divergências conceituais reminiscentes do exterior, e a hibridação de teorias e práticas, atualizando-se em vista dos processos informacionais, seriam observáveis vislumbres em torno de elementos característicos da Ciência da Informação.

Devido essas peculiaridades, não sendo exclusivas ao Brasil, avanços no campo da CI, vem contribuindo para superação de ruídos, e promoção de diálogos entre as ciências tradicionalmente dedicadas aos estudos circunscritos na Documentação, com destaque à Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia (ORTEGA, 2009; PINHEIRO, 2002; SMIT, 2008).

Sabe-se do consentimento de grande abrangência, entre autores da área, sobre o contexto de surgimento da CI, devido à explosão informacional, durante o momento pós

Segunda Guerra Mundial. As autoras Tálamo e Smit (2007) ressaltam que devido esta compreensão, outro marco emblemático momento, e personalidade da área trata-se de Vannevar Bush, estudioso do Massachusetts *Institute of Technology* (MIT), escritor do artigo anteriormente mencionado: *As we may think*, publicado em 1945. Não obstante, este artigo, trata-se de um dos primeiros esboços argumentativos a favor de uma área dedicada ao estudo da informação, ainda que seu enfoque se debruce sobre problemas relativos à automação da informação.

Nesta aproximação, Bush, de acordo com Saracevic (1996), a complexificação dos insumos industriais tecnológicos foi o epicentro da “explosão informacional”, demandando como consequências reestruturações no controle informacional de governos e empresas privadas. Este trabalho foi emblemático na caracterização da perspectiva estadunidense, em relação à Europa.

Ao perceber esse perfil misto, de características permutáveis, Saracevic (1996) destaca o perfil mutável da CI como campo que abarca desde a pesquisa científica à prática profissional; e reforça esse perfil, ao relembrar de impasses metodológicos enfrentados ao longo de sua constituição. O autor, ao tecer suas considerações, ainda elenca três particularidades da Ciência da Informação: a primeira refere-se à sua natureza interdisciplinar; segunda, sua ligação com o campo da tecnologia da informação; terceiro, é devido sua qualidade participativa no desenvolvimento social da informação (SARACEVIC, 1996).

É em sintonia com os pensamentos deste autor que Tálamo e Smit (2007) ressaltam que esse perfil de uma análise teórica, em conjunto às aplicações nas realidades onde os saberes da CI venham a ter demandas; que acabam por formatar o campo de atuação da disciplina, o que às aproximaria das ciências sociais aplicadas.

Em sua fala, Saracevic (1996) também aponta que, mesmo a pertinência de questões relativas à informação serem bem antigas, a acelerada ampliação da realidade informacional possibilitou que sua notoriedade fosse percebida por diferentes ambientes sociais, atribuindo-lhe diversificação. Tal fato, de acordo com o autor, seria um dos impulsos para o estabelecimento da CI, pois ao reconhecer a existência de uma trajetória histórica da humanidade, seria possível inferir observações sobre usos e percepções ao redor da informação. O estudioso indica que as bases teóricas e conceituais da CI possuíam elementos basilares comuns, propiciando uma compreensão de amplitude global, ao passar dos anos (SARACEVIC, 1996).

Entretanto, as autoras Tálamo e Smit (2007), assim como Ortega (2009), discordam que a CI compartilhe dessa amplitude teórica comum, no âmbito global, destacada por Saracevic (1996). Para às pesquisadoras, a CI vem sendo perpassada por impasses enquanto área de conhecimento. Sua qualidade interdisciplinar, tida como uma característica fundamental da disciplina, acaba por suscitar discussões a respeito das áreas afins, e limites da aplicação da própria CI. Ortega (2009), indica que quando ocorrem impasses identitários, estes se devem, em sua maioria, devido à falta de uma recuperação de suas origens históricas, perpassadas pelo movimento da Documentação.

Essa visão sobre os impasses e os alcances da CI é compartilhada por Buckland (1991). A importância das contribuições deste autor se dá pelo fato de seus estudos voltarem-se para recuperação das contribuições elaboradas pelos fundadores da Documentação como: Paul Otlet e Henri La Fontaine, também de sua principal representante Suzanne Briet ao longo do século XX, em relação aos debates contemporâneos relativos a CI.

Ortega (2009) sugere que a adoção da Documentação como orientação primeira na fundamentação da CI possibilita a superação de paradigmas específicos das ciências que estudam e lidam com documentos, evitando desgastes com debates circulares a respeito de objetos de estudo da Ciência da Informação. Em sua perspectiva, a Documentação, adquiriu uma presença pertinente na literatura e na prática profissional, conquistando um corpus teórico-profissional mais denso com o passar do tempo. Assim, segundo a autora, agregar a Documentação como um pilar fundamental da CI, possibilita enxergar perspectivas para além das fragilidades que a disciplina venha a ter.

Em suma, a própria Documentação passou por momentos em que suas definições operacionais sobre seu objeto de estudo, foram ampliadas ao ponto de ressoarem em outros momentos ou ambientes de estudo. Ainda que sua base universalizante venha da perspectiva de Paul Otlet (1937), as correntes vindouras trouxeram novas reflexões, não apenas, sobre documentos, mas também sobre informação. Sendo assim, suscita-se uma espécie de “essência” em relação ao documento como objeto de estudo transdisciplinar, compreendendo que abrange os mais diversos tipos de registros (escritos ou não) pertencentes a uma realidade social sendo passíveis de apreensão e compartilhamento, podem ser considerados informativos (PINHEIRO, 2002).

Pontua-se o quão agregador pode ser para a CI, utilizar de conceitos da Documentação, com intuito de desenhar novas propostas, tal qual vislumbrar realidades

novas onde a informação seja elaborada e utilizada; podendo ser em meios tecnológicos, sociais, individuais.

O próximo ponto a ser debatido, sobre a compreensão de documento no arcabouço da Documentação e seus frutos na CI, dará subsídios para própria compreensão, no que será tratado posteriormente, sobre a noção de objetos como tipos de documento. Também, referente à aproximação de princípios da Documentação e da CI nas formas de organização e tratamento, seja de objetos, ou de documentos museológicos<sup>18</sup>.

### **2.3 Percepções da Ciência da Informação sobre documento**

Documento, seja como termo, ou objeto de estudo, é um dos conceitos centrais da Documentação. E dentro do universo do desenvolvimento da disciplina, este ponto foi destacado em vários momentos da retomada teórica nos pontos anteriores deste texto, presente em movimentos surgidos em meados do século XX, o que auxiliou inclusive uma depuração no uso do próprio termo Documentação. A diversificação de significados atribuídos ao termo documento, se assemelha com as questões da Documentação, contudo, não devido à impasses ou inconsistências de ordem conceitual, mas devido aos avanços técnicos na elaboração e uso de suportes (LUND, 2009).

A finalidade de discorrer sobre o termo, inicialmente em torno da Documentação, se dá pela construção que se reforça neste trabalho, do documento ser um objeto atravessado por várias disciplinas, vindo também a sofrer reflexões elaboradas pela própria Ciência da Informação. Em confluência com estes pensamentos, Lara e Ortega (2009) realizam um trabalho de revisão da trajetória do termo documento, compreendendo como caracterização inicial, seu potencial informativo. E ao afirmarem isto, sugerem que este seria um ponto elementar para que algo seja compreendido como um documento.

Ademais, com base nas reflexões das autoras Lara e Ortega (2009), e Pinheiro (2002), acredita-se que em *Traité de documentation*, Paul Otlet clarifica que documento

---

<sup>18</sup> Que apresentem elementos de objeto de estudo da Museologia, não sendo necessariamente objetos ou documentos de museus.

não se trata simplesmente de livros em seus formatos padrões, o autor exemplifica outros suportes: folhetos, cartas, discos, livros, discos, artefatos naturais, objetos manufaturados (de finalidade artística), revistas mapas etc. Sendo assim, para além das Bibliotecas, Arquivos e Museus seriam consideradas instituições voltadas a Documentação também. O documento passa a superar sua tradição textual, não tendo mais apenas sua materialidade como fator de sua definição, mas pelo seu uso na forma de expressar conhecimentos humanos (SMIT, 2008). Ainda neste sentido, Smit (2008) afirmar que documentos podem ser utilizados como referências, ou testemunhos de autoridade; caracterizando estes usos como a faceta funcionalista do documento.

Por outro lado, no que se refere à Briet (2016), o professor Buckland (1997) aponta para a questão de que mesmo a documentalista não esclarecendo, certas normas, por exemplo, para que um objeto venha se tornar um documento, permite-nos propor alguns elementos do processo, como: intenção, de que o uso de um objeto se de como documento; materialidade; o processamento, pois cada objeto deve passar para forma de documento; e o posicionamento fenomenológico, acaba por complementar a perspectiva de alteração física do objeto em documento, pois se modifica compreensão sobre o mesmo.

Não obstante, essa perspectiva sobre documento, remonta uma versão clássica, de abordagem holística, a respeito da gama de registros até então criados, e tem potencial de se tornarem documentos, propiciou reflexões para além do território francês. Em meio aos vários autores mencionados por Lara e Ortega (2009) destaca-se a colaboração de Meyriat (1981), ao designar documento como suporte de informação, com fins de comunicação, e possui uma persistência temporal (LARA; ORTEGA, 2009; MEYRIAT, 1981).

A posteriori, percebe-se que o foco de Meyriat (1981) volta-se para a forma que um objeto pode se tornar documento. Para o autor, a compreensão de algo como um documento, subordina-se à necessidade primeira de entender a mensagem que este possui para difundir. Essa concepção relaciona-se com a vista anteriormente na Obra de Suzanne Briet (2016), com o acréscimo da problematização de um contexto dialógico entre emissor e quem venha a demandar informação.

Seguindo o pensamento de Meyriat (1981), reflete-se que é no ato de procura por um documento, que este se constitui como tal – ligado à necessidade ou ímpeto de informação, sendo com finalidade prática ou cognoscente. Assim o teórico, esclarece

noções sobre documentos com base na intenção, gerados com propósito de informar, e documentos por atribuição, gerados sem intenção direta de informar, porém pode adquirir qualidade informativa. Em suma, com base no uso, entende-se que um documento criado para informar não tem seu uso dedicado como tal, em contrapartida, quando necessário objetos da realidade dos usuários podem assumir a função documental a depender do contexto em que serão demandados (MEYRIAT, 1981).

Ao fazer referência a noção de documento no contexto de estudos espanhóis, Lara e Ortega (2009) mencionam Desantes Guanter, como um autor emblemático para este contexto. Como apresentado pelas autoras, na perspectiva deste teórico, a relação de coexistência entre documento e informação é evidente. Pois, ao se alinharem, pode-se perceber que documentos têm seu sentido alcançado ao serem informados, e quanto mais esta informação circula, mais potente torna-se o alcance e consolidação dele.

Em um viés mais pragmático, que remonta as ideias iniciais de Otlet, há autores espanhóis – com obras publicadas entre as décadas de 1940 e 1980 – que se diferenciam de Desantes Guanter, como: Izquierdo Arroyo e Sagredo Fernández. Para estes estudiosos o documento só é reconhecido como tal, se for usado como suporte de informação, de uso efetivo. Já López Yepes (2015) direciona o foco para a relevância do documentalista, como agente de transformação de objetos em documentos; pois este profissional seria o responsável pela seletividade desse processo, modificando mensagens intrínsecas de algo, em extrínsecas, de qualidade documentária (LARA; ORTEGA, 2009).

Representando o contexto anglo-saxão, traz-se para o diálogo as reflexões feitas por Buckland (1991), o qual remonta a noção Otletiana sobre documento. Ressalta sobre a amplitude, e uso genérico do termo documento (ou unidade documentária) utilizados para “denotar objetos físicos informativos serem encontradas em objetos naturais, artefatos, e objetos que carreguem resquícios de interação humana, como suportes de informação moldados para representação de ideias” (BUCKLAND, 1991, p. 355, tradução nossa).

O autor ainda destaca, com base em reflexões feitas por profissionais documentalistas e bibliógrafos da Documentação, o termo documento pode ser compreendido sob três categorias: objetos elaborados para formarem discursos, por exemplo: livros, e artefatos os quais não foram feitos diretamente para este propósito, como: veículos; e objetos de estudo que não são produtos da manufatura humana, como

animais. O autor não descarta a possibilidade de documentar-se, inclusive, eventos, sendo possível criar-se registros sobre eles (BUCKLAND, 1991).

O professor e filósofo Frohmann (2009) salienta a relevância do movimento documentalista ao final do século XIX e início do XX. Dando sequência ao pensamento do elemento informacional como essencial para definição do termo documento, o autor nomeia esse elemento de *informatividade (informativiness)*. O reconhecimento dessa informatividade se daria pela identificação da constituição material do suporte, seus espaços institucionais, seus moldes normativos sociais e seu lastro histórico. A soma destes fatores propiciaria a formação de uma “materialidade da informação” (FROHMANN, 2004).

Ao se basear em Foucault para discorrer como as práticas documentais estão imersas nas instituições, Frohmann (2004) desenvolve sobre a materialização da informação, sendo essa um instrumento construído em meio às relações sociais, permeada por disputas de poder e disciplinamento. O autor prossegue desenvolvendo a aplicação do pensamento Foucaultiano partindo do princípio de que o documento seria a materialização da informação, permitindo visualizar em sua estrutura processos de disciplinamento da escrita em que o peso informacional é conferido pela instituição associada a este documento. Em suma, ao se levar em consideração os contextos sociopolíticos de circulação de informações materializadas em documentos, o que pode vir a ter qualidades aceitas como documental e informativo, será induzido pelas instituições sociais disciplinadoras (escolas, órgãos de saúde, órgãos de justiça, museus, bibliotecas, arquivos, entre outras).

Outrossim, as pesquisadoras Lara e Ortega (2009) também fazem menção às teorias semânticas como de grande relevância para o desenvolvimento de outras reflexões sobre o termo documento. Pois estas teorias fazem referência a outros segmentos do processo de produção documental, relativos à interpretação, fundamentais para uma comunicação efetiva.

Dessa forma, Lara e Ortega (2009) ao dialogam sobre o termo documento, seus pontos de interpretação e comunicação, as autoras aproximam-se de pressupostos característicos de discussões semióticas. Ou seja, se vista por a partir das qualidades sógnicas e comunicacionais, com base me preceitos de Suzanne Briet (2016), sobre documento secundário, o qual se trata do resultado de uma relação entre emissor, interlocutor e contexto; é possível identificar aproximações semânticas entre os campos.

Outra forma de aproximação à abordagem Semiótica destacada pelas autoras, dá-se pela representatividade do documento, o elemento dialógico marca escolhas e ideologias contidas nos registros. Assim, ao serem elaborados, cada documento implicitamente conterá aspectos pré-selecionados em relação a outros, o que influencia diretamente em seus sentidos (LARA; ORTEGA, 2009).

Seguindo este raciocínio proposto pelas autoras (BRIET, 2016; LARA; ORTEGA, 2009), assim entendendo o documento como um signo socialmente construído, ele seria composto da relação entre formas significantes e de significado, independentemente de seu suporte. Como a visão parte do conceito elaborado por Suzanne Briet (2016), para estabelecer essa conexão conceitual, retoma-se a questão do documento como índice concreto ou simbólico, registrado e conservado com finalidade de recuperações futuras. Todavia, sua significação demanda um contexto cultural para que seu sentido tome forma para seus destinatários.

Portanto, ao ressaltar estas características que se reitera o documento como um objeto em devir – de se tornar – fragmento de realidade que toma sentido em seu contexto de uso. Entretanto, as pesquisadoras apresentam o termo “signo documentário”, que ao seguir orientações lógico-semânticas que fazem parte da linguagem documentária, acaba passando por restrições que vão além das escolhas normalmente feitas, na elaboração de signos<sup>19</sup> comunicativos gerais (LARA; ORTEGA, 2009).

Observa-se que cada elemento que compõe um documento como: condições de sua produção, autores, títulos, editoras etc.; correspondem a outros semióforos<sup>20</sup> com seus próprios contextos. Cada elemento deste atua como um índice compoendo as representações documentais, quanto a busca pelas informações (POMIAN, 1984).

De toda forma, apesar das influências contextuais por parte do uso desses documentos em seus fins (ou usuários), nas práticas institucionais onde estes documentos são manuseados com base em normativas, e descritos por meio da

---

<sup>19</sup>Lund (2009) apresenta a existência de três tipos de signo correspondes à teoria sgnica de Charles S. Peirce: os signos-ícone, atuam como referenciais diretos aos objetos que representam, com qualidades semelhantes ao que representam, instigando sensações análogas; um segundo tipo de signo, representa algo devido sua conexão física; por fim, os signos-símbolo, que estabelecem conexões com seus significados por conta de seus usos.

<sup>20</sup> Para Pomian (1984), os semióforos têm a qualidade de referencial, objetos que diferentes dos que possuem usos de uso prático, não teriam funcionalidade pragmática direta – assim, não sendo tratados diretamente como ‘coisas’ – todavia, representam o imaterial, sendo ricos em significados.

linguagem documentária; a aleatoriedade dos usos e linguagens naturais dos usuários reiteram-se como um desafio para estudos na área. Assim a linguagem documental, idealizada desde os preceitos de Paul Otlet – como signo – pode ser utilizada por sistemas documentais, via as regras de descrição formais. Contudo, Lara e Ortega (2011) destacam que mesmo a linguagem documental procurando estabelecer esta padronização comunicativa, ainda se faz como um ponto de vista, não o único possível.

Dessa maneira, compreende-se que o estabelecimento de um diálogo entre usuários e instituições deve ser estabelecido, de forma que a compreensão não ocorra unilateralmente, faz-se necessário uma aproximação maior quanto ao domínio vernacular de seu público. Assim, a adaptação das estruturas de linguagem documental, seria uma operação interessante de ser feita ao longo do processo sistêmico, não só aguardando o retorno dos usuários após recuperações efetivas ou não. A partir de estudos às instituições, entre suas atribuições caberiam – não somente e – a permanência na descrição de atributos ou qualidades dos documentos, com base nas normativas técnicas, mas também a observação da recepção e produção de informações, além dos nichos especializados (ARAÚJO, 2017).

Se compreendido como um produto cultural, o documento seria não só um símbolo socialmente construído, mas também tão dinâmico quanto à sociedade que o produziu. Sendo assim, com base nas reflexões teóricas revistas até este ponto, compreende-se que quaisquer elementos presentes na realidade e apreensíveis pela cognição humana, podem assumir formas documentais ao serem representados nos mais variados suportes conhecidos até o presente. Não obstante, os objetos encontrados fora dos ambientes institucionais, por exemplo: na natureza, em sítios arqueológicos, ou em residências com seus acervos pessoais. E por que não em museus? Que vem assumindo diferentes perfis e nomenclaturas, ao acompanharem, ou serem reinventados justamente pela sociedade onde se inserem, e são estruturados (MENCESH, 1992).

Portanto, é com esta base de uma trajetória histórico-teórica das perspectivas sobre documento como um objeto de estudo trans e interdisciplinar, e de usos socioculturais, que se pretende partir para análises no campo museológico (PINHEIRO, 2012). Pretende-se no próximo ponto, esclarecer a partir de conceitos e estudos museológicos mais sobre os indícios de vieses teóricos levantados entre Documentação, Ciências da Informação e Museologia, mencionados desde a introdução desse trabalho.

Compreendendo os profissionais deste ramo também como mediadores no tratamento informacional para posteriores usos pelos usuários da informação.

#### **2.4. Compreensões da Museologia e seu objeto de estudo**

Inicia-se este tópico com o intuito de localizar a leitura em meio ao contexto de reelaboração de identificações da Museologia e amplitude de seu objeto de estudo.

A priori contextualiza-se uma relevante instituição para o desenvolvimento das práticas e dos estudos museológicos, o Conselho Internacional de Museus (ICOM). Fundado na década de 1946, o ICOM é uma organização não-governamental, composta por profissionais associados. Mantém relações burocráticas com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), não obstante com participação consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU (Organização das Nações Unidas) (ICOM BRASIL, 2020).

Por conseguinte, no decorrer de 1986, o Comitê Internacional para a Museologia do Conselho Internacional de Museus (ICOFOM) realizou, em meio a um de seus eventos, o debate sobre o sentido do termo ‘museologia’, em vias de sustentá-lo com um corpo teórico e prático, de reconhecimento de seus pares e ciências afins. Sendo assim, os integrantes do evento, em meio às reflexões, num denso momento de abstração, consentiram a respeito da existência de várias *museologias*, e inferido sobre a necessidade de unificação em uma Museologia, ou de um objeto museológico. Desse modo, a proposta do comitê de promover reflexões sobre o assunto, não só expôs a fragilidade unificadora, mas também a multiplicidade da disciplina (CURY, 2005).

De acordo com a percepção do teórico Peter Van Mensch (1992), tais divergências entre os profissionais e pesquisadores da área teriam precedentes devido aos diferentes contextos socioculturais de definição de seus patrimônios, por exemplo; bem como as condições econômicas e políticas de cada localidade, instituições e comunidades de onde estes sujeitos são oriundos. Divergências contextuais estas que, até hoje repercutem frente a cada nova demanda surgida para a Museologia.

Dentre as grandes contribuições deste e outros mais encontros do comitê, destaca-se aqui a superação da instituição museu aceita desde o século XIX, compreendendo-a não mais como a única perspectiva de representação desse espaço e seus

conteúdos, mas como uma das linhas de estudo e aplicação museológicas (CURY, 2005).

Artefato, obra, utensílio, peça, objeto; são termos presentes desde o início nos estudos procedurais em acervos, gabinetes de curiosidades ou museus, por exemplo. A recorrência dos objetos entre os temas dos estudos museológicos estabeleceu-se ao longo do tempo compondo, inclusive, um dos mais emblemáticos sistemas de organização do conhecimento: os conceitos-chave de Museologia (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2010). Em levantamento feito por Mensch (1992) a respeito das elaborações bibliográficas do ICOFOM, pertencente ao ICOM, que vem sendo desde 1946 – ano de sua criação – um expoente nas discussões técnicas e teóricas da área; com grande repercussão sobre o tema ‘objeto’ entre as décadas de 1980 e 1990.

Em seu levantamento, Peter Van Mensch (1992) aponta que o referente tema havia sido estudado nesta época, por uma maioria de estudiosos europeus, onde autores como Klaus Schreiner e Zbynek Z. Stránský, contribuíram com discussões sobre o foco dos estudos museológicos sobre os artefatos – sendo estes os unicamente elaborados pelos seres humanos – voltados para conservação desta forma de memória materializada. Em contrapartida, outros relevantes teóricos para o debate sobre objeto museológico, tais como Ivo Mavoeric, e o próprio Peter Van Mensch (1992) compartilham de compreensões mais abrangentes, tanto sobre os objetos de museus, quanto sobre os museus em si; estes pesquisadores levam em consideração quaisquer elementos existentes na realidade humana, como passíveis de estudo da Museologia (CURY, 2005).

Dois expoentes internacionais, que marcaram seus nomes na história da museologia, inicialmente na década de 1970 – e influenciaram estudiosas brasileiras como Waldisa Russio – no estudo teórico e conceituação do objeto museológico são Zbynek Z. Stránský e Anna Gregorová (ambos naturais da República Tcheca). Para os autores, o objeto de estudo museológico trata-se da relação inerente entre a realidade e a humanidade (CURY, 2005).

Se por um lado a documentação tem seus autores(as) basilares, naturais de diferentes países, na elaboração de conceitos emblemáticos à Museologia tem-se Stránský. Ao defender a cientificidade da Museologia, Stránský (1965) muda o foco dos estudos de museus e suas coleções, para termos que imbricam elementos internos e externos aos museus, estes são: *musealia*, *musealidade* e *musealização*. Estes conceitos

elaborados pelo teórico, permitiram particularidades no fazer museológico, bem como uma aproximação mais abrangente de seus possíveis objetos de estudo, buscando explicar formas de valorização dos atributos dados às coisas. Seus estudos foram decisivos, e revolucionários nas pesquisas na área (CURY, 2005)

Brulon (2017) realiza um levantamento das contribuições de Stránský, explicando cada de seus três conceitos. Seus conceitos giram ao redor do fato deste pesquisador ter deslocado o objeto de estudo museológico, das instituições museus, para a musealidade; a qual seria representada por uma valoração documental específica.

Correspondente ao que o autor chama de tríade conceitual elaborada por Stránský, musealia corresponderia aos objetos de museu. Tais objetos teriam relevância museológica, quando possíveis de se entender como objetos em devir, indo além de seu caráter simbólico ou documental. Entretanto, pensar em objetos de museu faz-se diferente dos objetos anteriormente preservados – apenas – em museus, uma vez que seu valor possui uma ligação mais próxima aos elementos socioculturais, o que lhes atribui o caráter museológico (BRULON, 2017).

Ademais, caberia a esta terminologia uma especificidade da Museologia, na atribuição de qualidades museológicas aos objetos – portadores de musealidade . O que levaria à definição deste outro conceito-chave do teórico (STRÁNSKÝ, 1965).

A definição de ‘musealidade’ – ou *muzealita* – está intimamente relacionada com as qualidades ou valores atribuídos aos objetos (musealias), este termo viria a ser defendido como o real objeto de estudo museológico (STRÁNSKÝ, 1965).

E o terceiro conceito aqui retomado trata-se da musealização, tratada como o processo de investidura da qualidade museal. Após a elaboração, a ligação estabelecida entre os conceitos dá-se quando os musealia atendem critérios epistemológicos e sociais, que condicionam sua musealidade, motivando por fim o processo de musealização. Dessa forma, caberia à Museologia o uso de métodos específicos que pudessem interpretar o que faz de objetos comuns, objetos de museus. Por conseguinte, o processo de musealização, poderia ser entendido como a atribuição de valores às coisas humanas, cabendo à Museologia pesquisar tanto a geração destes valores, quanto o estudo destes (BRULON, 2017).

Sendo assim, deduz-se que o que diferencia a musealização dos demais tipos de salvaguarda, estaria em sua forma, no momento em que opta por ir além da análise material das coisas como parecem ser, interessando-se também por compreensões presentes nas

diversas realidades culturais. Tal forma de perceber os objetos, colaboraria para a qualificar o que Stránský (1965) consideraria como musealizado.

Entretanto, se observado apenas pela ótica cultural, o objeto musealizado seria confundido como sinônimo de patrimônio cultural; sendo este um elemento social preso – de forma passiva – às decisões normativas e burocráticas. E na contramão destas características, a musealização se difere, como algo contínuo, que está além do ambiente da legitimação política, institucional. Como processo ativo, a musealização perpassaria três ramificações socialmente constituídas, propostas por Stránský: seleção, organização, comunicação (STRÁNSKÝ, 1965).

Compreendem-se, inclusive, diversas novas abordagens para a Museologia como ciência, devido a ampliação da compreensão de seu(s) objeto(s) de estudo. Ao passo que o ambiente dos museus, concentrava todo o processo de musealização, similar ao descrito sobre a documentação (seleção, tratamento, comunicação, por exemplo).

Baseado nesta perspectiva peculiar da Museologia, porém mais abrangente de seu objeto de estudo, que Peter Van Mensch (1992) se inspirou na construção de seus pensamentos. Levanta-se também a possibilidade das similitudes com os princípios estabelecidos no tratado de Paul Otlet (1937), que teriam influenciado diversos estudos relativos aos ambientes e materiais documentais. Mensch (1992), por exemplo, infere que processos de musealização poderiam ocorrer em espaços onde haja práticas voltadas para a preservação da memória (como Bibliotecas e Arquivos). Dessa forma, reforça a visão de objetos museológicos – também – fora das paredes dos museus, sendo considerados fontes de informações ilimitadas, exigindo dos profissionais uma aproximação multidisciplinar para ser estudado.

No Brasil, uma teórica emblemática, no que se refere às discussões sobre o que compete à Museologia e seu objeto de estudo, foi a brasileira Waldisa Russio Guarnieri. A autora, percebia a Museologia inserida nos estudos referentes – não exclusivamente – aos artefatos, resgatando-os, registrando-os, e os preservando. Guarnieri (1990), assim como Stránský (1965), Mensch (1992) e Otlet (1937), por exemplo, acreditava na completude do objeto de estudo museológico dentro de um sistema de relações sociais, onde os artefatos exerceriam papéis, mediando relações humanas. Seguindo esta linha, que aproximava estudos museológicos às Ciências Sociais, a autora elabora o conceito de fato museal. Guarnieri (1990, p. 7) define seu conceito como “[...] a relação profunda

entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir”.

Partindo deste princípio, caberia à Museologia o estudo do fato museal, tendo como característica elementar serem fontes ilimitadas de informação. Dito de outra forma, para a autora, quaisquer testemunhos humanos, possíveis de serem representados, em seu meio natural ou artificial seriam musealizáveis, desde que possuíssem sentido, estabelecido por intermédio do fato museológico (museal) (GUARNIERI, 1990). Sobre este conceito, Candido (2008) destaca a repercussão e reelaboração deste, elaborado por Waldisa Russio, sendo considerado uma das mais relevantes contribuições para a epistemologia museológica brasileira<sup>21</sup>.

Não obstante, realizando um trabalho parecido com o de Peter Van Mesnch (1992), em seus levantamentos históricos, as autoras Cury (2005) e Cândido (2008), elaboram sistematizações sobre a trajetória teórica da Museologia brasileira, apresentando suas análises a respeito. Destaca-se um elemento, em comum nos trabalhos das autoras, no que se refere a questão da diversidade sociocultural do Brasil – dilema encontrado pelo próprio ICOFOM em suas discussões de escala global. Assim, para as autoras, o Brasil possui realidades tão distintas, que impulsionam novos procedimentos metodológicos, em como aplicação de ações museológicas adaptas para atender as necessidades de cada localidade.

Nesse sentido a teoria museológica passa pelo confronto de seus paradigmas frente as realidades, como: as diferentes noções de patrimônio, recursos, questões de territorialidade, conflitos políticos, entre outros. Cândido (2008), em sua revisão bibliográfica, apresenta também que mesmo as variadas abordagens teóricas, têm sua base num agrupamento de pressupostos comuns, como exemplo o estudo do fato museal.

Na atualidade, há autores(as) com estudos de repercussão nacional e internacional, que desenvolvem seus estudos na linha destas discussões, mais densas, sobre o que abrange o universo dos museus, o que se insere nestes, e o que os cerca. Sendo assim, vêm compreendendo-se sua qualidade filosófica, sendo considerada uma disciplina ontológica, dedicada a estudar todo o universo museal. Dessa forma, a

---

<sup>21</sup> O professor e pesquisador Bruno Soares (2012), previamente mencionado é um dos museólogos brasileiros que desenvolve seus trabalhos e reflexões na linha da Museologia teórica, com base nas questões levantadas pela autora Waldisa Russio.

Museologia com uma das várias formas de perceber a relação da humanidade com a realidade, representada por documentações como registros de memórias, inacessíveis sem o contato sensorial oferecido por seus suportes. A presença destes marcos de discussão teóricas embasam novas formas de pensar e representar museus, indo dos mais tradicionais, aos museus sem espaços físicos como *cibermuseus*; e como consequência os objetos salvaguardados nestes ambientes (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2009; SCHEINER, 2012).

Dessa forma, ao retomar estes argumentos sobre o objeto de estudo da Museologia, do espaço o qual esse venha a ocupar e sobre sua cientificidade, pôde-se perceber que essas temáticas não nem tão novas, tão pouco consensuais. Entretanto, as convergências não os escapam, quando mesmo por meios diferentes – uns mais preocupados com as práticas, outros mais com os conceitos – trabalham na estruturação de formas epistemológicas, e o estreitamento entre prática e teoria museológica.

Outro ponto de convergência, entre as aproximações teóricas, apesar de suas distinções, trata-se da atribuição documental que os objetos começam exercer quando inclusos no contexto museal. Seja pela por sua faceta material (como artefatos, fragmentos e monumentos), por suas características imateriais, ou por influência dos espaços onde se encontram; objetos passam por processos de ressignificação atribuídos e tratados pelos museus. Sendo assim, retoma-se que como na documentação, anteriormente mencionada, os objetos trazidos ao contexto museológico passam por uma mudança, de sua compreensão natural para uma outra, a qual são reconhecidos como objetos de museu – e por vezes reconhecidos como patrimônios – consequentemente, portadores de informação, documentos (MENSCH, 1992).

Assim, uma das inferências em que se embasam a presente discussão, está contida na ampliação das formas de representação do objeto, como quaisquer unidades que possam ser materializadas<sup>22</sup>; mesmo temporariamente no contexto em que é produzido, ou utilizado, tendo seus sentidos alterados conforme as pessoas com que se relaciona.

Quando em seus meios usuais, no cotidiano, os objetos são reconhecidos por suas funções, mas cada uma destas funções está relacionada com relações sociais, sejam

---

<sup>22</sup> Tais quais: saberes e fazeres, danças, músicas, saberes culinários e medicinais. Todas as formas intangíveis, que se manifestam momentaneamente, ou permanentemente em coisas materiais, a fim de serem instrumentalizados, dependendo do manuseio de indivíduos (FONSECA, 2003).

como meios, sejam como finalidades (MENESES, 1997). Na perspectiva deste antropólogo, no que diz respeito aos estudos de cultura material<sup>23</sup>, vem ocorrido uma superação da oposição entre material e imaterial, seja com relação aos objetos, ou com os fenômenos sociais.

Em premissas que dialogam, com as ideias de Meneses (1997), o antropólogo/arqueólogo Miller (2013), expõe a construção dialética que ocorre entre sujeitos e objetos. No decorrer da produção de coisas, seja pela forma de manufatura, ou fabricação; os trechos acabam por “construírem” também os seres humanos. Em uma cadeia dinâmica e recíproca, o criador deixa suas marcas, seus registros nas criações, e simultaneamente a recíproca se faz verdadeira (MILLER, 2013).

Entre estas discussões, o tema da materialidade não é um fator de limitação do alcance que os objetos venham a ter na vida social. Documentos, por exemplo, são objetos em si e fazem referência direta a um ou mais destes. Ao passo que as discussões sobre materialidade-imaterialidade são pontos indissociáveis em estudos desse ramo; algo similar acontece com a relação sujeito-objeto, dentro do escopo das ciências que trabalham e pesquisam informação.

Desse modo, estudos de culturas materiais como a de Miller (2013) e Meneses (1997) vão além de uma aparente semiose, onde cada “coisa” venha ser considerada apenas como uma representação *sígnica*, mas como formas legitimadas de registro, de memória.

Em consonância às ideias de Miller, Meneses (1997) e Mensch (1992) ressaltam que, pela ótica da cultura material, o objeto seria a parte elementar, apresentando inicialmente identidades intrínsecas, facilmente reconhecíveis e reconhecidas. Assim, se um artefato, ferramenta, instrumento que seja, é socialmente reconhecido por gerações de seres humanos, que compartilham de saberes trabalhados em uso e concepção (forma e função – primária). As expressões culturais humanas, modificam constantemente suas apreensões da realidade natural. Por conseguinte, entende-se que o pensamento humano, também não se limita somente aos artefatos, mas também se estende a significação de paisagens, e seres vivos (como a segmentação de biomas, e a criação/domesticação de animais). A questão material, em situações como estas, acaba

---

<sup>23</sup> “A expressão cultura material refere-se a todo segmento do universo físico socialmente apropriado” (MENESES, 1997, p.100).

sendo usual, pois trata-se de uma linha de análise no questionamento do que e como seres humanos processam o mundo ao seu redor (MENSES, 1997; MENSCH, 1992).

Ao deslocar a discussão para o âmbito dos museus Mensch (1992) destaca – influenciado pelas concepções de Ivo Maroevic – a possibilidade de quaisquer elementos socialmente construídos na realidade humana, que possuem uma relação de significados estabelecidos em seus usos e representações, podem ser transformados em objetos museológicos. Dessa forma, de artefatos aos ecossistemas paisagísticos poderiam ser passíveis de processo de musealização. O que envolveria minimamente a seleção, estudo e documentação.

Já para Meneses (1997), a atuação do museu pode ser a porta de entrada para que, justamente, outros olhares alcancem os elementos de várias realidades cotidianas presentes em um único espaço, ao passo que permite a construção de diversas perspectivas sobre o que é apreendido. Os objetos nestes espaços devem tornar-se inalienáveis, pois cada um carregaria consigo uma trajetória de momentos tanto de inércia, quanto de usos sociais (APPADURAI, 2008). Sendo assim, qualificar um objeto como pertencente a um acervo museológico, seria atribuir-lhe um novo status, uma nova vida, mas que não deixaria de fazer referência às suas origens.

Em síntese, estas contribuições permitem uma compreensão do objeto museológico como quais elementos materializados e existentes na realidade sociocultural, sendo portador de significados para os indivíduos que com isto interagem. Dessa forma, as coisas comporiam a cosmologia de uma sociedade.

Por conseguinte, o objeto a ser transformado em museológico passa por uma resignificação própria da área. Devido a passagem de seu status de coisa – mediador de relações sociais, e formas de educação de valores, símbolos e funções culturalmente aceitas – sendo passível de seleção para compor um acervo, por exemplo. Nesse trânsito, nesse deslocamento, seja institucional, seja social (ou até conceitual); alguns objetos somam, e outros perdem suas qualidades cotidianas, tornando-se uma referência dentre outras mais, de um ou mais contextos sociais, culturais e históricos. Esse seu deslocamento, de toda forma, ao somar dentro do contexto dos museus, passa a ser compreendido como um documento (APPADURAI, 2008; BRULON, 2017; MENESES, 1997).

Não obstante, se por um lado o objeto museológico serve como uma fonte de informação, por outros seus sentidos de artefato, ferramenta, ou coisa, não se esvaziam,

mas se ressignificam; de forma que cada faceta se relacionaria uma com a outra, compondo sua noção de objeto-documento. Pois esta reflexão que se pretende abordar no item a seguir.

#### 2.4.1 O objeto-documento no contexto museal

Inicia-se este ponto retomando a noção clássica sobre documento, destacada anteriormente pela perspectiva da Documentação, assim como parte e seus desdobramentos pela CI. Com efeito, resumidamente, ao entender que todo objeto que venha a ser produto da elaboração humana – direta ou indiretamente – ou pela ação da natureza, torna-se algo possível de ser configurado como um documento; aproxima-se o objeto de estudo desta pesquisa às concepções sobre o documento museológico, considerando seu duplo caráter, de registro imagético, e o de usufruto para os estudos feitos na época de sua concepção, como fonte de dados e informações, sendo assim portador de musealidade (documentalidade) com potencial gerador de conhecimentos (DINIZ, 1994; MENSCH, 1992; STRÁNSKÝ, 1965).

Sendo assim, ao aproximar essa abordagem às apresentadas dentro do escopo museológico, também sobre o objeto; relaciona-se objetos e documentos como conjuntos de ontologias cabíveis de serem representados, ou fazerem referência à elementos presentes na realidade; com a ressalva de que os objetos musealizados, passam a acumular estes dois status – de objeto e documento (MENSCH, 1992; STRÁNSKÝ, 1965).

A respeito do que qualificaria objetos como objeto-documento, termo cunhado pelo ICOFOM (Comitê Internacional para a Museologia do Conselho Internacional de Museus), em simpósio realizado na China em 1994, destacam-se as considerações de Maroevic (1994) ao afirmar que: cada objeto de museu documenta uma certa realidade, servindo como fundamento identitário, testemunho de acontecimentos; como resultado de habilidades humanas, naturais, ou como materiais de estudo os quais se baseiam disciplinas acadêmicas – sem dúvidas componentes carregados de informação, formadores da base de conhecimento humano.

Visto até este ponto, que as presentes abordagens museológicas e informacionais sobre o documento, contribuem para compreensões do que se chama ‘objeto-

documento', tanto pelos elementos de musealização, quanto que documentação, mencionados previamente (LARA; ORTEGA, 2009; STRÁNSKÝ, 1965). Sendo processos caracterização de objetos, agregando-lhes elementos de representação, referência informacional, ou memória/testemunho histórico-cultural.

Como processo técnico, a musealização também age como processo de registro, de levantamento de informações, transformando os artefatos, por exemplo, em documentos podendo compor um plano museológico, uma política institucional. Musealizar, inclusive, insere objetos em uma lógica dos contextos para onde são deslocados, que não atende necessariamente a lógica de seu contexto de produção e uso (MENESES, 1994; MENSCH, 1992). Este processo transforma-se em referencial de realidades, eventos, ou manifestações, e são agrupados junto a outros objetos, de acordo com organizações padronizadas por formas organização museológica. Estas organizações traduzem estruturas técnicas de exposição, tanto com base em práticas documentárias – conhecidas por seus sistemas classificatórios –, quanto em esquemas narrativos que possam imergir seus potenciais usuários em atmosferas imersivas, onde a subjetividade dos visitantes dialoga através do que está exposto, com os contextos aos quais os objetos indicam.

Para a autora Cury (2005), a atuação profissional de musealização – como processo técnico – inicia-se na seleção do objeto, e estende-se por ações de tratamento envolvendo conservação, curadoria, documentação, exposição, entre outros. Assim, a autora apresenta a musealização como uma prática fundamentada em conceitos, que em museus obedecem às normas institucionais, mas que sua aplicação pode ser operacionalizada em meio às práticas cotidianas dos museus, em sua relação com a sociedade.

Nessa perspectiva de Cury (2005), a ação dos profissionais tornasse o principal veículo na formação de um documento, assim como mencionado sobre López Yepes (2015). Por consequência, mesmo que certos museus privilegiem ações de guarda, conservação e exposição, não poderiam renunciar às bases fundamentais, das práticas documentárias (MENESES, 1994). Assim caberia aos museus a dupla função, de construção de seu acervo pautada em sua missão institucional, e execute processamento de informações sobre suas peças, utilizando fundamentos teóricos condizentes aos estudos sobre documentação e museus.

Analogamente, há museus que assumem posturas mecânicas, acríticas. Onde aceites compulsórios remontam gabinetes de curiosidades, pobres de reflexões sobre o que é adquirido, carecendo do desenvolvimento de informações – por vezes – inerentes à própria musealização (BITTENCOURT, 2005). Quando o trabalho museológico é negligenciado pelas instituições responsáveis, a preservação dos patrimônios tende a tornar-se uma forma de acumulação assistemática, descaracterizando seus objetos de sua qualidade documental.

No mais, ao realizarem ações de coleta, organização, tratamento, recuperação e difusão da informação a respeito dos objetos que formam os acervos. Caberia então, aos museólogos, o desafio de processar as informações levantadas, e aplicar a complexa tarefa de representar os objetos, de forma mais verosímil possível, considerando que cada um deste perpassa por várias trajetórias (CURY, 2005; MILLER, 2013).

Nesse sentido, destacando algumas das concepções de Mensch (1992) relativas à Documentação Museológica, os ambientes de conservação e exposição não deveriam ater-se somente às qualidades intrínsecas dos objetos (seus atributos físico-químicos); mas dispor-se a pesquisar sobre suas qualidades extrínsecas, atribuídas ao longo de diversos contextos por onde não só haviam passado, mas também pelos olhares que quem os acessou, fosse por forma de visita, ou de pesquisa. Quando um profissional ou instituição se dedicam à esta missão, acabam por dedicarem-se a própria difusão de seu acervo, construindo linguagens documentárias amplamente acessíveis, valorizando diálogos com o público.

Em suma, a relação que um objeto-documento estabelece de forma anacrônica entre uma realidade, sendo documentada por outra realidade, sustentam suas qualidades de musealidade (portador de informações, fonte de conhecimentos) (MAROEVIC, 1994; STRÁNSKÝ, 1965). O compromisso profissional e institucional, que vem sendo destacado neste ponto, refere-se na prática às atualizações de informações éticas e fidedignas aos parâmetros culturais e legais referentes à área que os acervos se inserem (acervos arqueológicos, históricos, indumentários, astronômicos etc.).

Dessa forma, considerando o que foi apresentado, conclui-se que as concepções tratadas até aqui, sobre objeto (museológico) e documento, dentro do campo epistemológico da Museologia e da Ciência da Informação, são componentes estruturantes de conceitos. Destacar algumas de suas perspectivas teóricas até este

ponto, ressaltando autores(as) que fossem possíveis relacionar concepções análogas, possibilitou aproximações interdisciplinares, e perspectivas teóricas.

Além disso, entender os musealia (objetos museológicos) como documentos, segundo as noções clássicas da Documentação, e posteriormente desenvolvidas pela CI, implica em compreendê-los como uma construção em processo, seja ao longo do tempo, ou na apropriação de sua imagem, por parte dos usuários (BRIET, 2016; OTLET, 1937; STRÁNSKÝ, 1965).

Em suma, ao bordar conceitos do universo museológico buscou-se suscitar compreensões que apesar de terem nomenclaturas distintas, são atravessadas pelas qualidades de evidência e de registro, que os documentos têm, sem negligenciar a idiosincrasia do contexto de análise ferente ao objeto de museu. Assim, orientar as fotografias do arquivo de Edson para discussão de questões relativas ao seu conteúdo, representação e sentidos, aponta para relação dos objetos com potenciais informativos (potencial museológico) com a Organização do Conhecimento e a indexação, tema do próximo capítulo.

### 3 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO TRAJETÓRIAS E COMPOSIÇÕES

Ao dar continuidade aos apontamentos teóricos que embasam o presente texto, buscaram-se referências que pudessem auxiliar na descrição, definição de paradigmas em conformidade com o segundo objetivo específico da pesquisa, ao tratar sobre a Organização do Conhecimento, e indexação em vias de estabelecer diálogos entre estes campos e as contribuições de seus(suas) autores(as) para a pesquisa.

Por isso, o presente capítulo, tem como finalidade a descrição de aspectos contidos no conjunto teórico da Organização do Conhecimento (OC) como disciplina, pesquisa e técnicas relacionadas à CI. Apresentam-se referências teóricas que tratam da OC, conforme a seleção discursiva do autor desta pesquisa, assim como elementos que caracterizam esta área no contexto da CI; para que este ponto do trabalho possa complementar as análises e discussões destacados até o presente momento.

#### 3.1 Reflexões iniciais sobre conhecimento e informação

No intuito de introduzir o presente capítulo, busca-se esclarecer pontos pertinentes sobre “o conhecimento” – ou formas deste – e sobre “a informação” – e suas formas. Contudo, os trechos seguintes, estão longe de contemplar alguma definição sobre estes conceitos, em seu pleno alcance, mas discorre sobre breves trajetórias daqueles(as) que colaboram (ou colaboraram) para formação do eixo dos estudos em OC na CI.

A fim de considerar algumas variações etimológicas da palavra ‘conhecimento’ é possível observar uma composição de possibilidades e composições de outras diferentes palavras. Ao considerar o idioma português, por exemplo, pode-se dizer que o termo tem origem no latim *cognoscer*, e seu significado acabou sendo conservado até seu uso vernacular, sendo representado pelas ramificações dessa raiz: *nobilis*, ‘nobre’; compreendido como, ‘conhecido’, ‘célebre’. Juntamente a *nomen*, ‘nome’; *notio*, ‘noção’ – ato de tornar conhecido (CASTELLO; MÁRSICO; XAVIER, 2007).

Percebe-se que a base da palavra traz consigo um conjunto de variações que dificultam uma única designação, instigando assim, a pensar no termo no plural: ‘conhecimentos’. Assim, ao demonstrar uma fração do sentido etimológico do

conhecimento, instiga-se a pensar sobre suas variações de uso social, bem como estudos e compreensões entorno deste. Assim, é possível encontrar entre as formas de expressar conhecimento situações cotidianas, por exemplo: de saber andar de bicicleta, o preparo de refeições, e presente no desenvolvimento de complexas teorias científicas.

Estes entre outros processos de apreensão, construção e reconstrução de saberes; estão englobados dentro dos debates sobre os estudos do conhecimento. Há autores como Wilson (2006), que definem o conhecimento como um processo de elaboração individual: “[...] processos mentais de compreensão, entendimento e aprendizado que passam na mente e apenas na mente, independentemente de interações com mundo exterior à mente [...]” (WILSON, 2006, p.38).

Em um sentido mais abstrato Le Coadic (2004) trata o ato de conhecer como uma ação a qual o espírito apreende um objeto. Continuando: “[...] conhecer é ser capaz de formar ideias de alguma coisa [...]” (LE COADIC, 2004, p.4).

Ambas as perspectivas tratam o tema sob a ótica de processos internos dos indivíduos, o qual modifica as informações recebidas, dialogando com seus valores, cultura, princípios morais, em suma, sua forma de perceber seu entorno. Ao observar o conhecimento por esta ótica, percebe-se o destaque para subjetividade do conhecimento, sendo inerente aos sujeitos (LIMA; ALVARES, 2012).

Ao passo que, visto como processo de construção social, segundo conforme Berger e Luckmann (2009), o conhecimento pode ser compreendido como um ambiente compartilhado, onde os comportamentos humanos são orientados para o trato nos contextos sociais cotidianos, nomeado pelos autores como acervo social do conhecimento. Os autores ilustram sua concepção fazendo referência ao campo semântico, e como a sintaxe gramatical de uma linguagem socialmente concebida é subordinada ao processo de contínuas seleções históricas, do que – por exemplo – será ‘esquecido’. A partir de consecutivos processos de seleção, as sociedades criam acúmulos de saberes, ou os acervos sociais de conhecimento, sendo transmitido por gerações, vivos no cotidiano dos sujeitos sociais (BERGER; LUCKMANN, 2009).

Assim sob esta perspectiva, a principal caracterização do conhecimento volta-se para sua acumulação por gerações, construído socialmente e reforçado em normas socialmente aceitas e praticadas, sem esquecer de seu caráter seletivo em que os campos semânticos decidem a permanência de quais conhecimentos permaneceram. Conforme ocorre na capacidade cognitiva de distinguir domínios e significados, como

consequência cada ator social exerce uma função na organização do acervo social do conhecimento. Em um movimento cíclico, conhecimentos são vivenciados pelos sujeitos e estes o moldam nas práticas cotidianas (BERGER; LUCKMANN, 2009).

Faz-se uma breve reflexão sobre Museologia e Ciência da Informação em relação ao conhecimento, pois este se tomado pelos princípios de compartilhamento de informações e saberes presentes tanto nos documentos, quanto nos objeto-documentos mencionados no capítulo anterior; ambas as disciplinas tratam da informação, e como esta molda o conhecimento de diferentes formas, em diferentes suportes (STRÁNSKÝ, 1965; BRASCHER; CAFÉ, 2008; BRIET, 2016).

Reconhecendo a informação como um componente do conhecimento, bem como um dos principais elementos das formas de registro utilizados pela humanidade, onde é possível encontrar a sua materialização, mesmo quando intangível ela se torna representável, sejam nas práticas – por exemplo – sejam nas narrativas (LE COADIC, 2004). Le Coadic (2004), inclusive destaca que a “informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual em um suporte [...] é um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem escrita (...)” (LE COADIC, 2004, p. 4).

Ao compreender que entre os domínios competentes à Ciência da Informação diversos conceitos mesclam-se de forma interdisciplinar e dialógica. Entre esses domínios há diversas contribuições, no que se refere também a definição de informação, dialogando com a citação de Le Coadic (2004), Capurro (2003, p.9) define a informação como algo que “se refere aos processos cognitivos humanos ou seus produtos objetificados em documentos” (CAPURRO, 2003).

Ainda sobre elementos da informação, atenta-se para um autor que buscou sistematizar diferentes concepções para a informação, o mesmo adquiriu notoriedade pelas suas considerações na CI, este autor foi Buckland (1991): a primeira concepção foi sobre a informação como um processo, a ação de informar; a segunda trata da informação como conhecimento, servindo como sinônimo do que venha a ser apreendido de forma cognitiva, abstrata; a terceira refere-se à informação como coisa, uma informação ligada aos objetos, seus suportes de registro, que são associados à mesma devido seu potencial informativo.

Buckland (1991) é comum o trato de informação como coisa em sistemas e ambientes de informação como museus, bibliotecas, arquivos etc., já que estes

constituem seus acervos por meio de informações materializadas em forma de documentos (e objetos). E ao associar com estas formas de materialização, em sua concepção ao expressar a possibilidade de haver sistemas baseados em conhecimentos ou de acesso ao conhecimento, seriam inviáveis na prática, devido sua natureza; cabendo então a função de representatividade do conhecimento aos sistemas de representação física do mesmo (BUCKLAND, 1991).

Autores como Buckland (1991) percebem a informação de forma procedural, abordando-a em forma de um modelo progressivo, iniciando no dado, passando para a informação, e se tornando conhecimento. E nesse processo dados e informações constituem-se como fundamentais para a produção do conhecimento.

Entre essas e outras concepções, por vezes mais teóricas, por vezes mais empíricas encontra-se a abordagem de Silva (2003) que situa sua análise em uma concepção com características contemporâneas, dialógicas.

Dessa forma, para o autor, os esforços para conceituar tanto informação, quanto conhecimento não são neutros, e tão pouco objetivos; entretanto são instrumentalizáveis e necessárias para valoração da área. Silva (2003) remonta os processos de análise, classificação, ordenação, conservação e difusão como forma de facilitar a produção de conhecimentos, assim como garantia do papel social dos profissionais da informação (SILVA, 2003).

Comentando um pouco mais sobre esta perspectiva, acredita-se que devido às apropriações que os usuários fazem da informação e do conhecimento – se relacionando com princípios da CI quanto alcance e apropriação informacional – vinculam-se diversas motivações, as quais podem ser compreendidas dentro do alcance ao que está associado com o comportamento social da informação, priorizado, por exemplo, na sociedade atual (ARAÚJO, 2017; SILVA, 2003).

Ademais, a filósofa da área Dahlberg (2006) considera o conhecimento como uma prática pessoal, relativa às reflexões individuais. Em suas perspectivas, o conhecimento é atravessado por processos tanto objetivos, quanto subjetivos a respeito de concepções de fatos ou questões, acabando por parecer intransferível. Outrora, Dahlberg (2006) elucida sobre a possibilidade de compartilhamento do conhecimento pessoal em meio às capacidades que como seres humanos possuímos para lidar com os elementos da realidade, em especial, se tratando do compartilhamento por forma das linguagens, pelo uso de palavras (sejam como conceitos sejam como definições).

Retomando o olhar epistemológico de Capurro (2003), apresentam-se três abordagens distintas para a compreensão da informação, ou paradigmas basilares para CI. Trata-se da: informação como algo material (paradigma físico); informação como alcance do domínio cognitivo (paradigma cognitivo); e informação relativa ao meio social (paradigma social).

Desenvolvendo um pouco mais sobre os termos, tem-se que: o que se compreende como paradigma físico, faz referência aos estudos iniciais elaborados pelos estudiosos da CI, vistos anteriormente na forma de objetificação da informação. No que tange o paradigma cognitivo, o reconhecimento da participação do ‘sujeito cognoscente’ em meio ao processo informativo, onde cada indivíduo dá forma ao que pretende informar. Por fim, o paradigma social vem ser a construção pragmática da informação em meio às relações intersociais (CAPURRO, 2003).

Para Araújo (2010), deve-se entender que mesmo antes de pensar em um modelo social de informação, a própria trata-se de um conceito construído. Como um elemento da realidade social, o qual está localizado em um momento específico, com relevância seleta, e em condições que a caracterizem de formas específicas. Sendo assim, ao imaginá-la como uma apropriação dos sujeitos sociais, esta é inerentemente coletiva, ou nas palavras do autor: intersubjetiva. Dessa forma, informação tratar-se-ia de uma produção individualmente subjetiva, porém atravessadas pelas influências de vários sujeitos, e contatos com diferentes experiências (ARAÚJO, 2010).

Entende-se ao relacionar as reflexões de Capurro (2003) e Araújo (2010), que a forma sistemática, de divisões em paradigmas propostas por Capurro (2003) apresenta um caráter didático interessante na apresentação das facetas sobre a informação. Contudo, como apresentado no parágrafo anterior, baseado nas concepções de Araújo (2010), nas formas de pensar a informação e suas aplicações pragmáticas cada modelo anteriormente citado coexiste com o outro, por exemplo, informações físicas possuem qualidades cognitivas, sem deixarem de ser sociais, e como essas correlações podem auxiliar na produção de conhecimentos. Contudo, apesar de parecerem pensamentos antagônicos, são considerações como destes autores, que assim como na trajetória de outras ciências, constituem-se movimentos de produtivas reflexões sobre assuntos relativos à CI (ARAÚJO, 2010; CAPURRO, 2003).

Na compreensão de Hjørland (2008), ao se pronunciar sobre a inserção do conceito de informação na CI, esta ação ocorre com a parte da contribuição dos

profissionais do ramo da Ciência da Computação. O que naquele momento, meados do século XX, possa ter causado algum conflito em meio às demais conceituações elaboradas por outras disciplinas, em meio a formação da CI; algumas com perfil estatístico, outras linguístico, psicológico, comunicativo etc.

O autor esclarece que – anteriormente – informações, conteúdos informativos e seus suportes recaiam todos no estudo de documentos. Quando o conceito empregado pelos documentalistas, abrangia os mais diversos objetos informativos, no capítulo anterior, por exemplo, foi possível perceber a diversidade: desde ordenação de livros, sejam em catálogos ou estantes; passando por registros arquivísticos; até objetos armazenados em armários, e espaços expositivos de galerias; inclusive animais, organizados e registrados com essa intenção e informar – nos espaços dos zoológicos e museus (HJØRLAND, 2008).

Não obstante o uso do termo documento não caiu em desuso, mesmo havendo especificidades para os termos informação e conhecimento devido à complexidade dos usos, campos de estudos que vêm sendo aplicados, e ampliação de seu alcance conceitual. Além do que, com documento não foi diferente, o trato com sua abrangência – por exemplo – a perspectiva simbólica, inserida num diálogo interdisciplinar próspero para a OC (HJØRLAND, 2008).

Hjørland (2008) ao tratar do conhecimento desenvolve sobre duas orientações contrastantes, voltados para o estudo da OC. A primeira aponta o conhecimento e a OC, como uma reflexão da realidade, reproduções basilares ou simulacros de estruturas presentes nas realidades dos conhecimentos ordenados. Os sistemas de organização que ilustram essas simulações da realidade, ordenadas como nos padrões bibliográficos enumerativos da CDD e a CDU (HJØRLAND, 2008).

Sobre a segunda orientação, de perfil pragmático, fora percebida pelo autor (HJØRLAND, 2008) como a de maior capacidade para contribuição nos estudos relativos à OC. Nesta análise, o autor compreende o conhecimento tal como algo elaborado justamente para operar com necessidades humanas, em oposição ao primeiro, que busca a reflexão da realidade, algo previamente elaborado.

Haja visto que para Hjørland (2008), a perspectiva pragmática, está sujeita a uma maior frequência de erros, pois na concepção filosófica do pragmatismo não haveria uma construção verdadeiramente plena, em outras palavras, conhecimentos são

passíveis de contestações. Dessa forma, tratando-se dos documentos, estes não seriam correspondentes diretos do conhecimento, porém uma reivindicação deste.

Sendo assim, ao levar em consideração as falas de alguns autores até este momento, entendeu-se que a OC faz referência aos registros como potenciais informativos, e estes por sua vez expõem apropriações de diferentes conhecimentos. Tais registros, compartilhados – em parte – em forma de documentos, são construídos direta ou indiretamente de forma social. Em resumo, a OC trata de apropriações de conhecimentos compartilhados, em suportes documentais (dos mais diversos) – com potencial informativo – com base em conceitos pré estabelecidos e pragmatismos sociais amplamente utilizados (ARAÚJO, 2010; CAPURRO, 2003; HJØRLAND, 2008).

A seguir, no próximo item, busca-se realizar uma contextualização e descrição do campo.

### **3.2 Caracterizando a Organização do Conhecimento**

Contemplar, e definir os alcances referentes aos ambientes que tratam do(s) conhecimento(s) demonstra-se uma tarefa complexa, como foi possível observar no item anterior, em meio a diversidade – ainda que limitada – apresentada até aqui.

Dessa forma, como visto na discussão transversal sobre documento/Documentação – ao longo do segundo item – onde foram apresentadas interfaces entre à CI e a Museologia, no que tange a apropriação do conhecimento e o diálogo com temas caros à Organização do Conhecimento. Pois tanto a CI, quanto a Museologia possuem abordagens voltadas para possibilidades de empoderamento de seus usuários, e estabelecimento de sistemas de organização de documentos. (LIMA; ALAVARES, 2012).

Sendo assim as reflexões presentes neste item, buscam caracterizar a OC, por meio de algumas definições que lhe foram atribuídas, estabelecendo relações que venham a contribuir com as demais discussões suscitadas na presente pesquisa.

Estudiosos(as) da Ciência da Informação, assim como da Organização do Conhecimento ao tratarem da composição do campo, trazem suas mais diversas perspectivas (DAHLBERG, 2006; SMIRAGLIA, 2014). Entre estes estudiosos do

campo, Hjørland (2008) discorre sobre dois entendimentos a respeito de como a OC pode ser caracterizada: uma mais ampla, relativa às amplas áreas do conhecimento; outra mais restrita, correspondente à Biblioteconomia e CI.

Assim, o primeiro entendimento destacado por Hjørland (2008) aponta que cada área desenvolve sua uma forma de organizar seus conhecimentos inerentes. Em seus escritos o autor discorre sobre divisões sociais do trabalho mental, como a divisão de instituições de ensino e pesquisa; como exemplo também fala sobre a organização social dos meios de comunicação, difusão e produção dos conhecimentos (HJØRLAND, 2008).

No segundo entendimento, o caráter mais restrito da OC se daria pela perspectiva da área tratar-se de um ramo fundamental da CI. Ademais, a OC é uma área relativa tanto aos processos de organização do conhecimento, quanto aos sistemas de organização do conhecimento, desenvolvidos para sistematizar documentos, suas representações e conceitos. Sendo assim, uma disciplina central da CI, em seu sentido restrito (HJØRLAND, 2008).

Em contrapartida, Dahlberg (2006) defendia a concepção de que caberia à OC estabelecer-se como uma disciplina autônoma, e dessa forma desvincular-se, por exemplo, da Documentação e da CI; e por sua vez deveria estar inserida na Ciência da Ciência – descrita pela autora como ligada à Teoria do Conhecimento e à Filosofia. Em acréscimo, ela propõe a criação de um Instituto de Organização do Conhecimento, com a finalidade de reunir todos/as cientistas com afinidade à OC, seja qual fossem suas formações (DAHLBERG, 2006).

As considerações de Dahlberg (2006) e Hjørland (2008) englobam as práticas da OC ligadas à documentação, indexação e classificação. Ressalta-se que tanto a indexação quanto a classificação encontram fortes tradições na Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, pois ambas são resultados das representações de conteúdo/assunto de documentos a fim de possibilitar recuperação e acesso.

Sobre os ambientes relativos à OC, para além das bibliotecas Hjørland (2008) menciona as bases de dados bibliográficos, arquivos e demais centros de memória; onde estariam representados em objetos referentes aos documentos, as informações e conhecimentos – mencionados no item anterior – aproximando a Documentação à OC.

É ainda neste cenário sobre diversidade de olhares e objetos de estudo referentes à OC que se ressalta o conceito. Pois sendo a Organização do Conhecimento uma área

de estudo, que se fundamenta essencialmente nas análises de cunho semântico. Bem como estas “relações semânticas são estabelecidas por meio da análise das características ou propriedades dos conceitos as quais permitem identificar diferenças e semelhanças que evidenciam determinados tipos de relacionamentos” (BRASCHER; CAFÉ, 2011, pp. 25-26).

Somando à discussão, Brascher e Café (2011) definem a OC como uma prática de modelagem do conhecimento, com finalidade de representá-lo. Esse, teria como fundamento o estudo dos conceitos, suas características para poder definir o papel que cada conceito ocupa em seu respectivo domínio, e suas ligações entre os demais conceitos dentro do sistema cognitivo a que pertencem.

Nesse sentido, Dahlberg (1995) em seu trabalho *Current trends in knowledge organization*, definiu a OC com o status de uma ciência, com finalidade de sistematizar e estruturar, o que chama de unidades do conhecimento – conceitos – a partir de seus elementos (características) particulares, e sua aplicação em objetos/assuntos (DAHLBERG, 1995; BRASCHER; CAFÉ, 2011).

A respeito da unidade de conhecimento, Dahlberg (1995) descreve sua composição feita pela união de características basilares que podem ser apresentadas por referentes, e apresentadas por significantes (termos, nomes e códigos). Cada característica do conhecimento trata-se de uma unidade de conhecimento, definida por seus enunciados verdadeiros sobre cada referente (DAHLBERG, 1993; BRASCHER; CAFÉ, 2011).

A partir das percepções das autoras, percebe-se na trajetória da OC, que o conhecimento está presente nas estruturas conceituais, assim como o conceito pensado na forma de unidade do conhecimento, como definido por Dahlberg (1995). Assim, acrescenta-se que cada unidade de conhecimento, em seus determinados domínios não são transferíveis, pois assim como a experiência de cada usuário frente a um (objeto)documento recuperado, cada conhecimento é (re)elaborado pelas interpretações de cada indivíduo (DAHLBERG, 1993; BRASCHER; CAFÉ, 2011).

Sendo assim, ao entender que o estudo da OC trata de uma teoria do conceito, o que na visão de Hjørland (2009), não seria tão distante da própria epistemologia, levando em consideração que o próprio conceito foi perpassado por várias teorias ao longo da trajetória científica. Hjørland (2008), inclusive menciona diferentes teorias contemporâneas sobre o ele, estabelecendo uma relação com a ontologia e

epistemologia da própria OC; sugerindo que as epistemologias mais marcantes (racionalismo, historicismo, pragmatismo, empirismo) incide uma teoria inerente de conceito (HJØRLAND, 2008).

Considerando que os conceitos (unidades de conhecimento) tratam-se de uma parte elementar para compreensão da OC e, a possibilidade de serem caracterizados por diferentes teorias (inclusive algumas desenvolvidas interdisciplinarmente pela CI), assim como no exercício de sistematização de saberes da OC; o conceito pode ser entendido como uma forma de interpretação e classificação do mundo. Essas ações podem ocorrer nos níveis mental e social. Assim, como não há um contato direto com o conhecimento, não haveria também com o conceito (DAHLBERG, 1993; HJØRLAND, 2008).

Compreendendo a relação ontológica entre conhecimento e conceito, dentro da OC, acredita-se que suas bases são de ordem reflexiva, intelectual e social; sua análise dá-se em meio a fatores que admitem a materialização destes conhecimentos contidos, por exemplo, nos documentos (ou nas coisas) em formas de termos, e características estruturadas para representarem um significado, e passíveis de interpretações em diferentes contextos sociais.

Dessa forma, a estruturação realizada na OC ocorre mediante estudos sobre as unidades de conhecimento, e suas disposições nestes, o que pode refletir nas atividades práticas relativas aos conceitos analisados; para enfim possibilitar um ordenamento dentro de um domínio, seja por meio de representação temática, seja pelo campo semântico que permeie este domínio (DAHLBERG, 1993; HJØRLAND, 2008).

Sob a ótica do campo de estudo, Hjørland (2008) caracteriza a OC por profissionais mediadores de informação (Museólogos/as, Bibliotecários/as, Arquivistas, Documentalistas); a preocupação com a qualidade dos Processos de Organização do Conhecimento (por meio da classificação, documentação, indexação etc.); e os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) (HJØRLAND, 2008).

No que diz respeito à inserção dos SOCs no contexto da OC, a estes são atribuídas funções auxiliares, mas de grande relevância no desenvolvimento de vocabulários controlados com finalidade de gestão e recuperação de documentos. Trata-se de sistemas estruturados a partir dos conceitos que têm intenção de representar, adjacentes ao processo de tornar algo conhecido. Ademais, entre os elementos basilares

na composição de um SOC estão: os conceitos, os termos e as ligações semânticas entre os conceitos (MAZZOCCHI, 2018).

Observa-se que, a estruturação de um SOC obedece a critérios, e estes dependem também de uma reflexão crítica de elaboração. É realizada uma seleção com base no tipo de sistema adotado, função e usuários, pois se faz necessária uma filtragem de termos e rotulações, para que dessa forma a apreensão dos conteúdos seja acessível, tal qual no processo informacional visto anteriormente tanto na documentação, quanto na musealização.

Alguns destes sistemas podem estar representados em dicionário, cabeçalhos de assuntos; outros sistemas prezam pela organização através das relações semânticas entre os itens de seus conteúdos. Com um perfil mais complexo entre os exemplos tem-se as taxonomias, ontologias, tesouros (MAZZOCCHI, 2018).

Em suma sobre a caracterização da OC. Ressalta-se que mesmo Hjørland (2008) propondo segmentações de caráter disciplinar ou profissional à OC, ambas abordagens são interligadas e, que as diferentes propostas de abordagens encontradas dentro dos campos da CI ou nas demais ciências como Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Documentação etc. não estão alheias às propostas basilares sobre o conhecimento, encontradas na OC – tal como a manifestação do conhecimento na realidade (HJØRLAND, 2008).

No mais, Smiraglia (2014) indica que a OC, percebida pela perspectiva da CI, em sua matriz interdisciplinar, oferece bases conceituais para que outros campos possam tratar da organização de seus conhecimentos. Na perspectiva do autor, as produções e pesquisas de um campo tornam-se os conteúdos de sua própria disciplina, dessa forma a OC seria o produto de pesquisas voltadas ao ordenamento conceitual do conhecimento (SMIRAGLIA, 2014).

Ao levar em consideração a existência de uma relação histórica entre teoria e prática na composição da OC, sua divulgação em vias formais foi de grande relevância para sua legitimação, como observado na mudança de nome do periódico *Library Classification* para *Knowledge Organization*, o que refletiu também mudança no nome da *Society of Classification* (oriunda do *Thesaurus Committee to the German Documentation Society*) sendo atualmente conhecida como *International Society for Knowledge Organization* (ISKO) (DAHLBERG, 1995).

Sendo assim, neste trecho, será tratada uma contextualização da ISKO como uma relevante composição na tarefa de desenhar o perfil internacional da área e suas Influências.

Fundada em 1989, a ISKO é reconhecida como uma sociedade emblemática no que diz respeito ao estudo da OC. Composta por membros de diversas áreas, os integrantes da ISKO possuem um vasto trabalho e têm como missão facilitar o desenvolvimento conceitual da OC. O perfil interdisciplinar desta instituição conta com a participação de Cientistas da informação, Linguistas, Bibliotecários/as, Museólogas/os, Arquivistas, Engenheiros/as, Especialistas em Tecnologias da Informação; entre demais demandas crescentes de outras formações que venham se interessar pelo tema (ISKO, 2016).

Sendo uma sociedade científica dedicada ao desenvolvimento da OC (como campo de estudo ou de aplicação), a ISKO também trabalha com a elaboração de publicações de obras sobre Organização do Conhecimento, com destaque para um periódico citado acima, o *Knowledge Organization*, intitulado assim em 1993, sendo que fora chamado anteriormente de *International Classification* (DAHLBERG, 1993).

Participante ativa na trajetória da ISKO e da OC, Dahlberg (1993) no editorial referente à primeira publicação da revista *Knowledge Organization*, elucida sobre a expressão *Knowledge Order*. Expressão esta que esteve presente no período de nomeação da ISKO, e seu precedente deriva da classificação utilizada na *Society of Classification* (DAHLBERG, 1993).

Entretanto, a expressão não permaneceu, em recorrência do significado do verbo *to order*<sup>24</sup> no idioma inglês; entre seus significados estão compreendidas, por exemplo, as interpretações para o português: compra de mercadorias, encomenda, pedido (DAHLBERG, 1993).

Não obstante, ao longo deste editorial Dahlberg (1993) elabora sobre a mudança de nomenclatura do periódico, destacando que esta vinha sido um dos segmentos da conferência de 1992, em Madri. No mais, Dahlberg discorre sobre as considerações do conselho executivo da ISKO, pois se visava um momento favorável para mudanças

---

<sup>24</sup> “Order.” Webster's Third New International Dictionary, Unabridged. 2016. Web. 13 Jul. 2020: “the merchandise, goods, or items ordered as a purchase”. Disponível em: < <https://unabridged.merriam-webster.com/>>.

como a nomenclatura, considerando que em 1993, o primeiro número do periódico *Knowledge Organization* seria publicado (DAHLBERG, 1993).

Contudo, devido à mudança, o acompanhamento das permutas dentro da área não ocorreu de maneira súbita. A percepção de algumas reminiscências sobre o que a antiga nomenclatura contemplava eram vistas na primeira edição sobre OC, e em algumas das demais publicações ao longo do ano de 1993. Os temas abordavam questões sobre fundamentos teóricos da classificação, e temas transversais à OC (DAHLBERG, 1993).

A ISKO como entidade coletiva, apoia organizações internacionais – como a Unesco– e nacionais, também auxilia instituições afins como a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA); e a *American Society for Information Science and Technology* (ASIS&T) – devido ao grupo *Classification Research*; a *Networked Knowledge Organization Systems/Services* e o *International Information Centre for Terminology* (Infoterm) (DAHLBERG, 1993; ISKO, 2020).

Ao longo de suas filiações internacionais, percebe-se o estabelecimento de parcerias com diálogo interdisciplinar, buscando assim – como visto no parágrafo anterior – instituições que possuam perfis correlatos com seus objetos de interesse. Com a participação de suas parcerias e individualmente, a ISKO promove eventos<sup>25</sup> de alcances internacionais, capítulos regionais e nacionais. Sobre a periodicidade dos eventos internacionais estes ocorrem de dois em dois anos (ISKO, 2020).

Dentre os eventos internacionais inseridos no domínio de estudos da ISKO, destaca-se o um evento listado em seus sites, a *General Conference. 2019: Museums as cultural hubs: the future of tradition*. Essa conferência está presente na listagem de eventos internacionais da ISKO, que tratam de temas correlatos (ou com debates inseridos) à OC; este em especial fora promovido pelo comitê de representação internacional de Museologia mencionado anteriormente, o ICOM (ISKO, 2020).

Neste evento, a temática engendra-se coma a forma peculiar da percepção museológica, em relação ao estudo da OC. Pois as discussões feitas em ambientes de estudo museológico são por natureza interdisciplinares, e as contribuições teóricas da OC oscilam entre a compreensão dos saberes tradicionais dentro das diferentes

---

<sup>25</sup> É possível encontrar as listagens de eventos promovidos pela instituição no endereço: <https://www.isko.org/events.html>.

expressões culturais encontradas dentro e fora dos museus; bem como nos vocabulários controlados amplamente utilizados no processo de musealização dos materiais sobre a guarda das instituições ou grupos independentes.

Faz-se um destaque para a primeira edição dos eventos da ISKO, localizada na Alemanha, país onde germinaram grupos de estudo sobre o tema, antecedendo a criação dessa sociedade internacional, e ambiente primeiro dos estudos inicialmente elaborados pela pesquisadora cientista a informação Ingetraut Dahlberg, chegando a participar de alguns destes grupos (DAHLBERG, 1993; ISKO, 2020).

Sua segunda edição é destacada no texto, devido ser o país de origem do estudioso (Matemático e Bibliotecário) Ranganathan, reconhecido por suas contribuições teóricas em detrimento aos processos de classificação (BRASCHER; CAFÉ, 2008; ISKO, 2020; PINHEIRO, 2002).

Ainda com relação aos eventos promovidos pela ISKO, menciona-se um realizado em 2016, sediado no Brasil. A concretização desta 14ª edição, em território nacional, fez-se de grande relevância com relação aos(as) pesquisadores(as) nacionais podendo dialogar e evidenciar seus debates sobre a área, em um evento de grande relevância para os estudos da OC. No mais, os debates sobre a implementação de um capítulo brasileiro, da ISKO, foram elaborados ao longo de três anos do ENANCIB (Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação) 2005, 2006 e 2007; considerando que apenas no último destes três anos é que foi aprovado o regimento do capítulo brasileiro da ISKO (ISKO, 2020; ISKO- BRASIL, 2020).

Em suma, diversas pesquisas de pós-graduação trataram e continuam a abordar sobre o tema das representações encontradas nas comunicações, e publicações apresentadas ao longo das edições dos eventos promovidos pela ISKO. Isto se dá, como foi possível observar brevemente neste item ao fato da relevância histórica que possui, engendrando-se com as trajetórias de diversos estudiosos da área de OC e do campo da CI (ISKO, 2020; ISKO- BRASIL, 2020).

A seguir, prosseguindo com a discussão dos eixos aqui tratados (como processos documentais, cognitivos, recuperação e mediação de informações aos potenciais usuários) será abordada a Indexação.

### **3.3 Processo de Indexação**

Dando prosseguimento aos debates desenvolvidos, de forma que permeie os objetos (documentos) do presente trabalho. Assim, no intuito de discorrer sobre o que compõe o processo de indexação e sua finalidade, inicia-se o recorrente item fazendo referência à uma de suas conceituações. Para tal, recorre-se aos esclarecimentos de Chaumier (1988), Dias e Naves (2007), Fujita (2003), Guimarães (2009), Lancaster (2004) e Redigolo (2010; 2014).

A fim de estabelecer relações com os conceitos trabalhos até este ponto do texto, como a Organização do Conhecimento (e da informação), Documento e Documentação, bem como as nuances do processo de musealização. A variedade de concepções vem mostrando convergências práticas e teóricas, já mencionadas, como: documentos, comunicação de informações, estruturação de conteúdo para recuperações de usuários, memória documental; entre outras temáticas e questões que circunscrevem ou atravessam estes pontos mencionados ao longo do presente trabalho, a Indexação apresenta-se como um eixo de convergência para discussão e análise do objeto de estudo desta pesquisa.

Inicialmente traz-se a concepção de Chaumier (1988), quem define a indexação como “uma operação essencial para que se possam recuperar documentos do acervo documentário e então responder, de forma adequada e eficaz, a todo pedido ou questão dos usuários” (CHAUMIER, 1988, p.74).

Nesta citação identifica-se a indexação como uma temática transversal à CI, OC e Museologia. Pois, trata de estruturas mediadoras entre recuperação da informação (SOCs por exemplo) e usuários (visitantes, pesquisadores, bibliotecários, público etc.) (OTLET, 1937; CHAUMIER, 1988).

Ainda segundo Chaumier (1988) a indexação como processo é composta dos seguintes elementos: tomada de conhecimento do conteúdo, através do acesso ao conteúdo do documento observado; seleção de conceitos, por meio de uma análise conceitual dos conteúdos; interpretação dos conceitos selecionados, convergindo os termos presentes no documento para a linguagem documentária (LD); e incluir elementos de análise sintática, para refletir sobre a relação entre conjunto documentário e conceitos levantados. Esse processo permite ao indexador, aproximar-se da relevância atribuída à cada conceito, pelo(a) autor(a) na elaboração dos documentos analisados (CHAUMIER, 1988).

Dessa forma, ao se colocar frente à um conteúdo (seja um documento oficial, um artigo, ou um artefato em expositivo) cabe ao(a) indexador(a) o empenho da releitura destes suportes de informação, o que caracteriza suas atividades como de esforço cognitivo. Indissociavelmente, este esforço relaciona-se com os sujeitos envolvidos antes da indexação (autores ou autoras) e após (usuários ou usuárias). Portanto, como mediador, o indexador busca estabelecer certa coerência entre o que é apreendido em sua leitura, e o que será relido pelos possíveis usuários. Não obstante a importância da linguagem documentária (LD) nessa busca por uma mediação compreensível (CHAUMIER, 1988).

E é sobre a LD que Chaumier (1988) desenvolve a incorporação dos conceitos extraídos dos documentos, pela linguagem documentária. As LDs servem como ferramentas da indexação, categorizadas pelo autor: segundo sua forma hierárquica (em forma de classificação), e por sua forma combinatória, encontradas na estrutura de Tesouros (CHAUMIER, 1988).

Sob a perspectiva de Lancaster (2004) ao discorrer sobre uma indexação voltada a um público-alvo, os assuntos como foco têm demandando do(a) profissional tomadas de decisão sobre o tratamento do conteúdo com base nas demandas dos usuários. Além disso, diferentemente da segmentação de Chaumier (1988), contudo em sentido semelhante, Lancaster (2004) estabelece dois momentos: o da análise conceitual, quando faz-se a leitura documental visando a compreensão do conteúdo que será tratado; e o de tradução, para elaboração de representações coerentes aos sistemas de informação que os usuários terão acesso (LANCASTER, 2004).

Referente às etapas do processo de indexação, destaca-se que as diferenças entre as perspectivas apresentadas, advêm de linhas teóricas com nomenclaturas diferentes sobre o Tratamento Temático da Informação (TTI), contudo assemelham-se em seus propósitos. A corrente de origem britânica é conhecida por *Indexing*, e a de origem francesa, é conhecida por Análise Documental. Em ambas, o procedimento de análise de assunto faz-se recorrente. Como uma etapa de natureza teórica, esta utiliza da LD como subsídio para elaboração de índices (GUIMARÃES, 2009).

A respeito da análise de assunto como finalidade, Fujita (2003) desenvolve que “considerando-se que a identificação de conceitos, realizada durante a leitura documentária, é o objetivo da análise de assunto na indexação [...]” (FUJITA, 2003, p. 62). Dessa forma entende-se que a análise de assunto auxilia na compreensão dos

sentidos de um documento, e por conseguinte o acesso às informações, levando em consideração as necessidades dos usuários. Sua aplicação permite aos profissionais da informação a elaboração de teorias para verificação da tematicidade em diferentes domínios do conhecimento, por conseguinte, revisões de métodos e sistemas de representação dos conteúdos documentais (FUJITA, 2003).

Segundo Fujita (2003), ao referir-se à norma 12.676, que trata dos princípios do *World Information System for Science and Technology*<sup>26</sup>, desenvolve-se que a análise de assunto como atividade condensadora engloba subdivisões, como: entendimento do teor de um documento; reconhecimento de seus conceitos; e a escolha destes conceitos para recuperação do documento (FUJITA, 2003).

Dessa forma, para o profissional da informação, ao desenvolver suas práticas de análise de assunto, este durante sua leitura vêm à assimilar o teor documental. O processamento dos conteúdos passa pela elaboração cognitiva do leitor, reelaborando sua própria estrutura com relação ao domínio com que se depara (DIAS; NAVES, 2007).

A esfera cognitiva dessa etapa devido nuances de subjetividade que envolve todos as pessoas que participam do processo de indexação, torna a esfera da análise de assunto um ambiente necessário de debates e estudos, para que seus imbricamentos diversifiquem as possibilidades na mediação usuário-informação (REDIGOLO, 2014).

Ademais, como uma ação reflexiva e procedural inserida no processo de indexação, entende-se a análise de assunto como uma prática importante entre as etapas que venham ser elencadas na indexação. Pois a interdependência de cada passo influi na eficiência com que os profissionais mediam a informação (DIAS; NAVES, 2007).

Seguindo a discussão sobre as etapas de indexação, outra ação criteriosa e subjetiva, por envolver a compreensão das ideias dos autores registradas em documentos, trata-se da etapa de tradução.

Como desenvolve Lancaster (2004), esta é uma atividade relativa às concepções do autor do documento, e não diretamente às palavras empregadas no texto. Portanto, os conceitos elaborados no documento, após seleção do profissional, são convertidos em vocabulário controlado (LANCASTER, 2004).

---

<sup>26</sup> WORLD INFORMATION SYSTEM FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY. **Princípios de indexação**. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, v. 10, n. 1, p. 83-94, 1981.

Por conseguinte, é nesta etapa que se encontra a sucessão na finalidade de identificação e seleção dos conceitos, presentes na etapa anterior. Assim, a tradução para linguagem documentária se processa, ao se indexar o documento analisado tematicamente, e traduzi-lo em termos que possam lhe representar (FUJITA, 2003).

Ressalta-se a semelhança deste modelo de indexação (por atribuição) apresentado por Lancaster (2004), com as considerações elaboradas por Dahlberg (1978) em sua teoria do conceito. Pois acredita-se na aproximação dos mencionados enunciados verdadeiros, como as sínteses (traduções) elaboradas (atribuídas) pelos profissionais responsáveis, em termos relativos ao vocabulário disponível à indexação (DAHLBERG, 1978; LANCASTER, 2004).

Não obstante ao escopo do processo de indexação, Redigolo (2014) discorre sobre a parcialidade da pessoa/profissional que desenvolve a função de catalogador, a partir da perspectiva cognitiva do mesmo.

No decorrer do processo de indexação, percebe-se que a elaboração de cada etapa recebe influências externas e internas ao processo, e como consequência estas podem influenciar na recuperação da informação. Essas influências referem-se às particularidades e exaustividades demandadas pelo contexto de elaboração, bem como pelas linguagens, e sistemas utilizados (GUIMARÃES, 2009).

Entendendo a funcionalidade e importância das etapas que integram o processo de indexação, compreende-se que para uma efetiva representação os documentos precisam ter sua forma descrita, para que sejam reconhecidos, alocados. Complementarmente, o conteúdo faz-se necessário para os documentos possam ser compreendidos, analisados e expandidos.

A interdependência dentro da segmentação do processo assemelha-se à ligação indireta entre os sujeitos envolvidos nesse movimento de acesso, leitura, análise, interpretação e comunicação. O referido movimento aproxima-se ao que se pôde verificar no segundo capítulo, com relação ao processo de musealização. Dessa forma, no próximo subitem serão feitas aproximações entre concepções museológicas e a indexação.

### **3.4 Indexação em documentos museológicos**

Neste subitem pretende-se retomar alguns conceitos e termos anteriormente utilizado para definir as particularidades da prática e teoria museológicas, contudo voltadas para o contexto da Documentação Museológica (ou documentação em museus). Para tal, serão apresentadas relações entre referências já mencionadas, autoras que possuem estudos voltados para debates neste meio. Assim, ao apresentar suas perspectivas, busca-se destacar aproximações do fazer museológico com as ações anteriormente mencionadas, no processo de indexação.

Ao longo do presente texto vem-se relacionado as aproximações entre os campos de estudo e atuação profissional, que envolvem o tratamento da informação. Arquivos, Bibliotecas, e Museus são ambientes de estudos particulares, mas também relacionados por seus pontos de interesse, ou até de sendo um interesse comum de uma área, a CI. Não obstante, viu-se que os objetos de guarda, organização e estudo destas instituições é o que as define, bem como seus usuários e finalidades. Ademais ressalva-se que, os tratamentos documentais oferecidos por essas instituições, aos seus acervos faz delas estes ambientes de conhecimento/informação tão emblemáticos.

No que diz respeito à uma afetiva trajetória da documentação em Museus, aponta-se o trabalho de Cerávolo e Tálamo (2007) – ao remontarem alguns dos marcos mais representativos desta prática – com destaque para sua menção à publicação de Maria Teresa Marin Torres, intitulada *História de la documentacion museológica: la gestión de la memoria artística*. As menções feitas pelas autoras sobre esta obra recebem destaque devido os apontamentos feitos, pois indica caminhos tomados pela prática museológica, mesmo antes de se definir como tal, indicando processos organizacionais, de sistematização de peças e informações; ainda indicando práticas que podem ser consideradas convergentes e distintas às formações de profissionais de museus (uns voltados mais para episteme, outros mais para a aplicação) (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2007).

Os ditos gabinetes de curiosidades tiveram representatividade notória ao desempenhar uma função diletante do perfil criado sobre os museus. Nestes espaços as práticas de documentação, detinham-se aos registros de dados mais aparentes de cada peça, com foco maior para um controle interno do colecionador sobre sua coleção (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2007; ARAÚJO, 2017).

Outro autor que se dedicou ao estudo histórico dos museus foi Alexander (1979), que indico uma maior preocupação com a forma da disposição dos objetos sobre os

espaços expositivos, atividade que se tornou frequente no século XIX. Dessa forma, acredita-se que ao haver uma maior preocupação com a organização física das peças, tenham iniciado cuidados mais aplicados aos registros delas, para um maior controle e elaboração de informais mais ricas sobre o acervo. Destacam-se assim catálogos e legendas como tipos documentais emblemáticos das instituições museais, permitindo uma maior acessibilidade do público aos conteúdos e dados que iam além do que fosse primeiramente visível nos objetos (ALEXANDER, 1979).

Ao passo que as práticas de documentação iam fazendo parte do cotidiano das instituições, as práticas de classificação e indexação foram sendo aderidas às ações de base dos museus, sendo inclusive temas de interesse entre associações de profissionais de museus (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2007).

A pesquisadora Camargo-Moro (1986) desenvolve sobre a catalogação e indexação, com uma visão sobre o perfil institucional, compreende-se que desde as informações indexadas em fichas, até posteriormente a disposição destas em catálogos, tendem a seguir as demandas institucionais. Dessa forma, buscas por padronizações por meio de vocabulários controlados como vistas em tesouros, por exemplo, auxiliam na indexação de termos e seleção de conceitos, permitindo a inserção de cada peça do museu em um sistema de organização de informações/conhecimentos (CAMARGO-MORO, 1986).

Por conseguinte, com a consolidação das práticas documentais, bem como o desenvolvimento da Museologia como disciplina, a Documentação Museológica foi tomando forma, como uma prática (perspectiva tecnicista) de preparo sistemático dos registros feitos dentro das instituições, suas questões legais e organização interna. E como uma disciplina (perspectiva reflexiva) que se volta para questões mais próximas às concepções Otletianas mencionadas anteriormente, com foco para o estudo dos artefatos, pesquisas e elaboração de representações acessíveis à recuperação das informações (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2007).

Tendo mencionada estas duas perspectivas, dá-se prosseguimento na discussão deste subitem destacando a Documentação Museológica tanto como uma disciplina, como uma prática com relevantes etapas que compõem o processo de musealização.

Visto por suas práticas (preservação, a pesquisa e a comunicação) os museus podem ser reconhecidos por sua estrutura fundamentada no trato informacional. Entre suas particularidades os setores que demandam uma maior relação com o a informação

são: o da conservação, e documentação. Pois estes setores dissipam-se em mais etapas que envolvem a salvaguarda de objetos que possam não mais pertencer à instituição, ou serem extraviados; e preservar peças, dados relevantes para perpetuação de conhecimentos elaborados através de pesquisas feitas a partir da instituição (FERREZ, 1994).

Ao passo que Ferrez (1994) designa a documentação em museus como “o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem” (FERREZ, 1994, p.1). As aproximações que podem parecer inicialmente distantes às práticas elaboradas, por exemplo, na Biblioteconomia (OC e à CI) devido aos espaços onde tradicionalmente a informação circulava e era tratada – vistos no segundo capítulo do trabalho –, fazem-se presentes devido a similitude de suas finalidades. A recuperação de informações, o compartilhamento de dados, possibilitar acesso aos documentos e seus registros são finalidades que expandem a compreensão do que é um museu, e do que este pode comportar em suas coleções (FERREZ, 1994; BRULON, 2017).

Entre as condições práticas em vias de se tornar um objeto que pertença à um acervo museológico, este deve ser analisado, para que as informações inicialmente levantadas possam identificá-lo, distingui-lo organizacionalmente dos demais. Assim consequentemente, após sua separação e identificação, o novo objeto incorporado ao acervo receberá valorações relativas tanto de quem o manuseia (elabora seus registros), quanto da instituição pela qual será acolhido (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2007).

Ao longo de seu tratamento, o objeto-documento de museu tem seu conteúdo analisado, tal qual seu contexto anterior à sua entrada na instituição. Não obstante, faz parte da política de documentação realizar registros voltados para o controle administrativo do museu, sua segurança e salvaguarda. Assim cada lastro documental na trajetória dos objetos reitera sua memória informacional (PADILHA, 2014).

Fazendo uma analogia com os arquivos pessoais, representados na pesquisa pelos documentos de Edson Diniz, essas similitudes apresentam-se em cada anotação feita por Edson, cada documento arquivado em pastas, e agrupado por assunto, ou por atribuições afetivas.

Cerávolo e Tálamo (2007) sustentam que para observar o fluxo de análise documental nos museus, duas facetas de abordagens são necessárias. Em uma faceta, a análise deve ser feita sobre a forma dos objetos, e os materiais que os compõem, a

organização da informação é aplicada neste caso com objetivo primeiro de acesso e recuperação dos mesmos dentro do acervo. Na outra faceta, similar à análise de assunto, voltada para seus conteúdos implícitos, suas informações mais subjetivas, que possibilitam etapas do processo museológico como a pesquisa (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2007).

Essa dupla faceta dos objetos museológicos – sua condição material e sua constituição documental – inicialmente tende a parecer distinta dos demais documentos encontrados em instituições de memória, devido à natureza variável na composição de seus suportes, e contexto histórico-cultural. Dessa forma, Cerávolo e Tálamo (2007) propõem que os objetos-documento dos museus sejam analisados pelo que chamam de “matriz da informação”. Nesta matriz estariam aglutinados tanto as informações materiais quanto as conceituais do objeto, mantendo a interdependência necessária entre as facetas (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2007).

Essa perspectiva apresentada por Cerávolo e Tálamo (2007) é peculiar da musealização, pois no trato do museólogo com cada peça presente no acervo, deve-se relacionar características físicas das peças para suscitar questões conceituais sobre esta. Se no arquivo pessoal de Edson Diniz estão presentes correspondências, identificar os elementos que as caracterizam como tal ampliam questionamentos, por exemplo, sobre seus correspondentes, de qual país é este(a) interlocutor(a)? Quais os tipos de selo? Fazem referência à alguma instituição acadêmica ou ambiente de trabalho? Cada pergunta, respondida ou não, pode levar o leitor à outras questões, que complementam ou somam ao teor do documento (denotando o contexto da produção deste documento, suas funcionalidades, grau de relação entre os sujeitos etc.).

Portanto, atribuir sentidos ao objeto-documento faz parte do tratamento por estes recebidos nos museus, antes mesmo de serem expostos e ressignificando pelo público. Cada contato com a peça a ser documentada e comunicada só se esvai de sentido, se as memórias sobre esta não forem registradas de alguma forma, ou perdidas. Pois ao longo de sua vida-útil cada objeto-documento – assim como conceitos no processo de indexação – é composto de vários sentidos agregados de acordo com seu contexto social, atribuindo-lhe a qualidade de inalienável (BRULON, 2017; CERÁVOLO; TÁLAMO, 2007).

Acredita-se que é nesta trama inserida no processo de musealização, com características do trato documental, que as análises, interpretações, pesquisas e seleções

– por exemplo – aproximam-se das etapas de indexação mencionadas no subitem anterior; inclusive no que toca a função mediadora, elaborada pelos profissionais das distintas áreas, seus instrumentos (tesauros, taxonomias...) e produtos (exposições, catálogos, fichas ...), bem como a elaboração de esquemas representativos de conteúdos (CHAUMIER, 1988; LANCASTER, 2004; CERÁVOLO; TÁLAMO, 2007).

Dessa forma, a atribuição de sentidos ao objeto dá-se de acordo com quem o musealizará, concomitantemente relacionado também às finalidades da instituição. Uma dessas atribuições mais recorrentes refere-se à tipologia do objeto, que por vezes lhe são atribuídas mais de uma, podendo ser de característica, natural, arqueológico etc. Cada caracterização desta, combinada ou separada pode tornar sua identificação mais objetiva ou complexa, demandando o levantamento de mais pesquisas que identifiquem, por exemplo, suas funções, qualidades físicas, contextos e concepções. Cada uma valorizada diferentemente, devido à instituição que abriga estes objetos (FERREZ, 1994).

Sob a perspectiva museológica, apesar desta assemelhar-se às demais abordagens que estudam o caráter informacional das coisas, ao compreender que os derivados da produção humana são portadores de informações, de acordo com Mensch (1992) a abordagem museológica subdivide-se em dois segmentos de informações contidas nos objetos: as intrínsecas e as extrínsecas (MENSCH, 1992; FERREZ, 1994).

Sobre as informações intrínsecas, tratam-se das inerentes ao objeto, as que dizem respeito à sua composição e propriedades físicas. Entretanto as extrínsecas dizem respeito às informações relativas ao contexto de concepção do objeto-documento, as que permitem aos profissionais deduzirem demais fontes, expandindo assim o que é perceptível de imediato, permitindo estudos compreensões conceituais, e atribuições interpretativas (MENSCH, 1992; FERREZ, 1994).

Não obstante é possível encontrar mais semelhanças entre o tratamento museológico e da indexação. Fujita (2003) aponta que “estudos sobre tematicidade revelaram a necessidade de distinção entre tematicidade intrínseca (aboutness - Inerente ao conteúdo documento) e extrínseca (*meanings* - significado para o usuário do sistema)” (FUJITA, 2003, p.86). Neste trecho as informações vistas anteriormente sobre a faceta intrínseca e extrínseca apontadas por Mensch (1992) e Cerávolo e Tálamo (2007), dialogam tanto sobre uma matriz informacional, quanto sobre instrumentos de organização do conhecimento. Ressalta-se que essas abordagens denotam esforços

sistemáticos, complexos de análises diversas, mas que não se encerram ao serem incorporados aos registros de suas instituições de guarda.

Apesar de acervos museológicos e bibliotecários estarem inclusos dentro e concepções teóricas similares no tratamento temático da informação, há de se considerar suas particularidades. Pois, se por um lado uma obra literária for cedida à uma biblioteca, esta analisaria suas características extrínsecas como a paginação, dimensões do livro, seu tipo de encadernação, entre outras características; e como atributos intrínsecos lhe seria conferido seu assunto e resumo, por exemplo. Por outro lado, na realidade dos museus, as características intrínsecas do livro seriam suas atribuições físicas, como peso, materiais que o compõe, tipo de confecção etc. E os elementos extrínsecos, caberiam à sua procedência, histórico, forma de aquisição, seu uso, e demais informações contextuais (FERREZ, 1994; FUJITA, 2003; GUIMARÃES, 2009).

É possível observar diferentes finalidades com abordagens descritivas e representativas semelhantes, cada área visa uma informação específica para recuperações e demandas particulares. Para o Museu, o ímpeto é pela dimensão informacional do livro, para assim comunicá-lo nas exposições; para à biblioteca a dedicação volta-se para sua descrição e análise. Se para o acervo museológico a bibliografia do objeto (o livro neste caso) interessa na composição de sua documentação, para à biblioteca (possivelmente obras raras) a vida do objeto é posta num plano secundário (GUIMARÃES, 2009; MENESES, 1997).

Ferrez (1994) ainda discorre sobre a complexidade dos sistemas de Documentação Museológica, e como estes se assemelham aos encontrados em bibliotecas e centros de informação. A autora também elenca os trabalhos exercidos pelos museólogos como mediadores de informação: armazenando-as; complementando dados levantados anteriormente ou ao longo da estadia dos objetos no museu; e tornar acessível objetos e/ou informações sobre estes, possibilitando que usuários tenham oportunidade de transformarem suas compreensões de mundo.

A fim de apresentar algumas pesquisas relativas às intersecções entre Indexação e Museologia, traz-se três exemplos de pesquisas feitas entre programas de Ciência da Informação, Museologia e Patrimônio<sup>27</sup>.

O primeiro exemplo trata-se de uma tese intitulada *A Documentação de acervos de Ciência e Tecnologia como objeto de museu: Definindo especificidades a partir do caso do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)*, trabalho da autora Claudia Santos (2016). Como mencionado no título, discorre sobre o processo de documentação em museu (MAST neste caso), a partir das especificidades deste local, a autora desenvolve sua perspectiva quanto a relevância sobre os processos documentais dentro de museus, para assim prosseguir com a proposta de investigação no trato documental museológico, levando em consideração as especificidades dos acervos de ciência e tecnologia. Dentre os subítemes que compõem a pesquisa de Santos (2016) destacam-se três, que se acredita terem relação direta, ou indireta com a indexação, são estes: *Conceituando Terminologias Necessárias ao Estudo; Identificando Especificidades: os grupos tipológicos*; e *Acervos de C&T: documentando as especificidades/as categorias analíticas*. Não obstante, Santos (2016) problematiza as especificidades da descrição física deste tipo de acervo, exemplificando a dualidade de análise do objeto museológico, mencionada anteriormente (SANTOS, 2016).

O segundo exemplo é uma dissertação, de título *A construção de um sistema de documentação para o acervo do MAFRO / UFBA*, autoria de Adréa de Britto (2018). Em uma aproximação mais direta, a autora direciona seu objetivo de estudo aos critérios de organização do conhecimento do acervo presente no Museu Afro-Brasileiro da Universidade federal da Bahia (MAFRO), pretendendo uma padronização nos procedimentos de documentação do museu. Britto (2018) defende a relevância social do acervo, assim defendendo a importância da recuperação das informações contidas neste; inclusive destacando que a implementação destes instrumentos informacionais auxilia na conservação/salvaguarda de suas peças. A autora também propõe com esta pesquisa uma adequação de parâmetros para promover o desempenho na plataforma virtual da instituição. Ressalta-se que nesta dissertação de Santos (2018) uma característica emblemática dos trabalhos contemporâneos em Museologia, está

---

<sup>27</sup> As pesquisas foram localizadas no acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, e na Plataforma Sucupira (a partir do catálogo de teses e dissertações da CAPES).

associada à democratização de acesso aos objetos de museus e seus conteúdos, similar em linhas de estudos da CI voltados para difusão e comunicação da informação (BRITTO, 2018; PINHEIRO, 2012).

O terceiro e último exemplo, trata-se da dissertação de Cristina Barbanti (2015) *Representação e recuperação da informação em Centros de Memória*. Nesta sua pesquisa Barbanti (2015) aponta para as semelhanças práticas entre nomenclaturas como, centros de documentação e centros de memória; optando pelo segundo termo com base em pesquisas recentes. Assim como apontando ao longo deste subitem, quanto a variedade de tipologias documentais nos acervos de museus, a autora identifica a mesma característica nos centros de memória. Assim Barbanti aponta para necessidade de estudos mais densos e articulados sobre acervos com tal complexidade, para tal propõe um diálogo interdisciplinar entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, tendo como base as perspectivas da Organização e Representação do Conhecimento. Dessa forma, a autora investiga a viabilidade de implementar um modelo pioneiro de vocabulário controlado, voltado para centros de memória. Por fim, direciona seus argumentos para à necessidade de implementação de Linguagens Documentárias em centros de memória, que em especial, possuam informações registradas (BARBANTI, 2018).

Ao apresentar estes três exemplos, buscou-se trazer situações de pesquisa na área da Museologia que denotem o diálogo entre indexação, CI, OC e Documentação Museológica. Entre as semelhanças das pesquisas aponta-se para à preocupação com o acesso e recuperação das informações, e o potencial documental dos objetos como peças fundamentais na geração e democratização de saberes presentes em museus, na forma de seus acervos. E para tal, as autoras dedicam-se para estudos voltados ao aprimoramento, gerenciamento, e definição de ferramentas que possam atender às instituições, e as tornem mais sustentáveis em seus eixos informacionais.

Sendo assim, tendo exposto e posto em diálogo novamente elementos da Documentação Museológica para evidenciar as proximidades às práticas de indexação, e de documentação encontrada na CI, desenvolveu-se este subitem. Acredita-se que ao lançar-se o presente objeto de estudo, com suas particularidades e limitações possa ser um desafio, ao passo que o contexto museal – à primeira vista – é o diferencia-se por estar ausente da equação na qual os objetos-documento do acervo de Edson se apresentam. Contudo, os esforços aqui propostos neste trabalho visam, não só, ir além

de fatores que possam exceder os ambientes institucionais, compreendendo as particularidades desse movimento, mas também aproximar-se das práticas museais de documentação, mesmo para além de seus muros, ao considerar a musealidade de cada componente deste conjunto documental (FERREZ, 1994; BRULON, 2017).

Dessa forma, parte dos esforços dedicados ao desenvolvimento da pesquisa devem voltar-se para à análise da diversidade informativa dos documentos, com destaque para às fotografias encontradas no acervo pessoal Edson Diniz, realizando as devidas seleções para delinear as propostas de representação.

#### 4 METODOLOGIA

A proposta de dissertação aqui apresentada visa ser resultado uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória. Valendo-se de características da pesquisa interdisciplinar, uma vez que se utilizará de métodos e referenciais teóricos fundamentados em diversos campos do conhecimento, inseridos na área das Ciências Sociais Aplicadas. Acredita-se também o uso da metodologia interdisciplinar, venha somar para pesquisa como uma abordagem de diversas nuances sobre o objeto de estudo – abordagem esta que se torna cada vez mais interessante, pois seu uso permite a ampliação dos referenciais para campos de estudo próximos (SEVERINO, 2017). Assim procura-se proceder com uma análise de caso sobre o material a ser estudado, levando em consideração seu contexto de produção, verificando aproximações e distanciamentos com as referências do campo museológico (no que tange estudos de cultura material e documentação), arquivístico, biblioteconômico, e das ciências da informação.

Como procedimentos procurou-se realizar levantamentos bibliográficos-documentais que possam apresentar contextos ou situações semelhantes às que o objeto de estudo foi exposto, e possa vir a ser submetido.

Salienta-se que foi realizado, ao longo do trabalho de conclusão de curso, um levantamento do acervo, referente sua localização e acondicionamento, tendo sido mapeado os tipos de suporte, formas de armazenamento, e distribuição. Ao realizar o mapeamento do acervo, pôde-se chegar à seleção dos documentos referentes ao recorte proposto (materiais sobre o grupo étnico *Tenetehara Guajajara*), tendo sido higienizados, reagrupados de acordo com características basilares semelhantes, para futuras buscas (como o presente projeto pesquisa); respeitando também as organizações previamente encontradas.

Ao decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, iniciada no primeiro semestre de 2019, fora acordado com a orientadora que o instrumento de aplicação metodológica seria o Protocolo Verbal Individual (PVI), presencialmente com profissionais no campo de atuação da Museologia, indexando documentos outros, que não exclusivamente as fotografias do arquivo de Edson. Todavia, devido impasses de acesso, e dificuldades de aplicação por conta do momento de pandemia, fez-se necessária a troca de abordagem, adaptação dos instrumentos de aplicação, e alteração no recorte sobre o objeto de estudo; em meados do ano de 2020.

#### 4.1 Acervo pessoal Edson Diniz – Fotografias grupo étnico Tenetehara Guajajara

Neste subitem, caracteriza-se o acervo do etnólogo Edson Diniz, e os documentos escolhidos para ilustrar parte da trajetória profissional de Edson, presentes em seus trabalhos de pesquisa.

O acervo<sup>28</sup> de Edson Diniz provem do empenho pessoal e sistemático deste antropólogo indigenista durante o século XX, ao longo de seus 50 anos de pesquisas nacionais. Devido análises prévias, soube-se que em sua formação profissional teve contato com demais pesquisadores (antropólogos sujeitos conhecidos no cenário antropológico nacional e internacional), assim como registros documentais de pesquisas com grupos étnicos (*Tenetehara-Guajajara, Makuxi, Kayapó-Gorotire e os Wapitixâna*). Acredita-se no potencial documental deste acervo como relevante conjunto de suportes de informações tanto sobre sua trajetória profissional, quanto sobre as pessoas com quem teve contato (ambientes de trabalho, grupos étnicos, personalidades de sua área de estudos etc.), conteúdos podem vir a somar para uma memória bibliográfica-documental mais ampla, que atravessa sua trajetória (DINIZ, 2018).

Dentro dos percursos do acervo pertencente à Edson Soares Diniz, obteve-se contato com seus documentos, dois anos após seu falecimento em 19/10/2012. Estes percursos que se refere incidem com a partilha de seus pertences entre os familiares. As primeiras seleções dos documentos foram de seus livros de literatura e leituras acadêmicas (ambos nacionais e internacionais), levados para residência de um de seus netos. Esta seleção deu-se devido o interesse inicial em conservar obras literárias e acadêmicas raras encontradas em sua residência.

Em 2014, após outros mais deslocamentos destes materiais, por motivos de condicionamento e espaço, os documentos remanescentes na residência, justamente os que tratavam de suas produções (cartografias, heredogramas<sup>29</sup>, relatórios, artigos, livros,

---

<sup>28</sup> O uso do termo acervo diferentemente de arquivo é utilizado neste subitem, para destacar a diversidade de tipologias documentais presentes no mesmo. Pois, se dividido em conjuntos documentais diversos, por grupos étnicos que Edson estudou ao longo de sua carreira, para cada grupo caberia uma coleção inteira.

<sup>29</sup> Representação gráfica usada para descrever a história familiar de um indivíduo em termos de ascendência, descendência e ocorrência de determinado traço distintivo comum. cf. Heredograma-Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa.

cartas e etnografias) e demais livros de sua coleção foram para um dos apartamentos de seu filho mais velho. Foi quando se teve o primeiro contato com o acervo, tomando conhecimento de seus conteúdos, tipologias e localização. Assim, devido o perfil multifacetado deste acervo, utilizou-se de uma abordagem interdisciplinar (DINIZ, 2018).

Inicialmente justifica-se a seleção dos documentos sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara* devido ao contato com um de seus livros publicados, *Os Tenetehara Guajajara e a Sociedade Nacional: Flexibilidade Cultural e Persistência Étnica*<sup>30</sup>. O primeiro fator de escolha do material referente a este grupo deve-se à a movimentação e composição do acervo, onde se destacaram tanto a variedade de materiais, e o volume documental. Dessa forma, visando o recorte metodológico necessário à pesquisa, esse foi o primeiro motivo de ter escolhido os documentos referentes a este grupo. Outro motivo deu-se por este ser a primeira e única publicação sua pela Universidade Federal do Pará. E o terceiro motivo está relacionado à própria organização do autor sobre seu acervo, pois estes materiais ainda possuíam uma curadoria feita por Edson, com divisões (feitas por tipologia, teor, tempo) e marcações (algumas já desgastadas, outras substituídas visando a conservação do conjunto), o que proporcionou uma maior acessibilidade em relação aos documentos referentes às demais etnias (DINIZ, 2018).

Dentre as diversas tipologias documentais aqui mencionadas, a fotografia foi selecionada por acreditar-se que esta condensa elementos visualmente dispostos, relativos aos conteúdos encontrados nos demais documentos do arquivo. Para o tipo de abordagem interdisciplinar proposta nesta pesquisa, por exemplo, a fotografia vem a ser um objeto-documento presente em arquivos, museus e centros de informação.

Assim, a proposta de uma metodologia de análise da imagem fotográfica relaciona-se com a compreensão dos elementos presentes em suas imagens. E suas relações com os demais documentos estabelece-se em cada contexto de sua produção, uso e composição. Em suma, a fotografia – assim como o documento escrito – é portadora de informações, e sendo assim é possível de receber tratamento informacional, e suas informações serem recuperadas demandando também uma

---

<sup>30</sup> Este livro e seus derivados (artigos, fotografias, recortes de jornais, e fontes de pesquisa) serviram como uma ponte entre os documentos encontrados, sujeitos e o contexto de sua produção.

variedade de abordagens metodológicas (PINTO; MEUNIER; NETO, 2008; SMIT, 1996).

#### 4.2 Ficha de Análise baseada no Método de Pato

Após buscas por trabalhos que pudessem indicar ou se aproximar da proposta dessa presente pesquisa, chegou-se à dois artigos norteadores da metodologia relativa à indexação e análise fotográfica. E nestes dois artigos encontraram-se tanto o Método de Pato, quanto uma ficha baseada neste método. O primeiro trata-se de um artigo de autoria do criador do método *Polissemia da Imagem, Indexação e Recuperação da Informação*, Pato e Manini (2013); e o outro artigo *Modelo semiótico de leitura documentária para indexação de fotografia*, de Gatto e Almeida (2020).

O respectivo método de tratamento semiótico para indexação de imagens fotográficas – com a finalidade de aproximar a análise documentária de documentos escritos aos imagéticos – proposto por Pato (2014) busca segmentar cada elemento que compõe a fotografia, seguindo a tricotomia dos signos com base na semiótica Peirceana (GATTO; ALMEIDA, 2020). Para Pato (2013), no que toca a leitura documental fotográfica, cada “ícone mostra, índices indica e símbolos afirmam” (PATO, 2013, p.18).

Pato (2014) faz referência aos estudos de Peirce (CP 2.275) recorrendo à sua perspectiva sobre a composição basilar dos signos: o ícone, o índice e o símbolo. Segue defendendo as várias aplicabilidades dessa composição, dependendo de sua demanda comunicativa. Não obstante estaria a leitura imagética proposta por Pato (2014).

Em seus estudos de aplicação do método proposto por Pato (2014), Gatto e Almeida (2020) desenvolvem também sobre a tricotomia Peirciana, ao afirmarem que: “[...] Os ícones são todos os grupos de objetos representados, os índices, devendo estar ligados aos ícones para indicar alguma possibilidade significativa e essa relação é denominada símbolo, como as palavras que exprimem esses objetos” (GATTO; ALMEIDA, 2020, p. 437). Assim, o processo de indexação imagética proporcionaria a leitura interpretativa do catalogador(a) chegando à um *símbolo-genérico*, representando suas apreensões sobre o documento através de *termos-conceito* (GATTO; ALMEIDA, 2020)

Por conseguinte, Pato (2014) defende que para que o processo de significação (semiose) ocorra na análise proposta em seu método é necessária a presença do ícone. Pois “[...] na escala de significação, o ícone está necessariamente no início; como decorrência, é o signo primeiramente – e mais facilmente – detectável no mundo ou em qualquer imagem, figurativa ou não [...]” (PATO, 2014, p.18). Portanto, saber como agem os signos presentes em uma imagem, ou mesmo no mundo, implica em inicialmente identificá-los. Daí a prevalência do ícone, o primeiro na escala de significação.

Ao seguir estes estudos foi possível chegar às reflexões mais conclusivas sobre o símbolo, isto é, aproximar-se de conceitos que representam a imagem. Assim ocorre a aproximação ao processo de indexação, pois se prossegue para à tradução e montagem do quadro de assuntos (PATO, 2014; GATTO; ALMEIDA, 2020).

O quadro a seguir ilustra o método proposto por Pato (2013) referente à tríade ícone, índice e símbolo para leitura documentária da fotografia. Reelaborado e explicado por Gatto e Almeida (2020):

**Quadro 1: Modificação do Método de Pato proposta por Gatto e Almeida**

ÍCONES que mostram	ÍNDICES que indicam	SÍMBOLOS que afirmam	SÍMBOLO ASSUNTO conclusão
<p>Lista de todos os elementos visíveis sejam eles objetos, pessoas ou cores e o plano em que aparecem (frontal, lateral, diagonal).</p> <p>Descrição detalhada das ações dos personagens.</p> <p>Descrição do ambiente.</p> <p>É feita a pergunta: o que eu vejo nesta imagem?</p>	<p>Os elementos são nomeados pelo nome, característica física (jovem, velho), profissão ou evento.</p> <p>É feita a pergunta: quais são os nomes ou o que gerou esses elementos?</p>	<p>Representação convencional dos elementos.</p> <p>É feita a pergunta: esta imagem significa o quê?</p>	<p>Representação considerando os elementos intrínsecos e o contexto em que foi gerado.</p> <p>É feita a pergunta: sobre este assunto, quais os termos que melhor o representam?</p>

**Fonte:** Gatto e Almeida (2020, p. 438).

Gatto e Almeida (2020) apontam que entre as vantagens no uso deste método, a possibilidade inserir o plano fotográfico como um elemento componente na indexação da imagem, pois sua descrição contemplaria dados importantes para o uso e recuperação de informações na imagem. No mais, devido ao método ter como base a teoria semiótica de Peirce utilizando também de suas categorias fenomenológicas; de forma que são identificados componentes da fotografia para relacionar suas informações. Esta segmentação, como em um documento textual auxilia na compreensão tanto do sentido restrito da fotografia, quanto outros atribuídos por relação ou inferência, que possam contemplar da melhor forma o(s) assunto(s) abordado(s) na imagem (GATTO; ALMEIDA, 2020).

Sobre a perspectiva interpretativa da imagem fotográfica, semelhante à etapa de tradução no processo de indexação, traz uma fala de Pato (2013) onde afirma “no processo de leitura e indexação a experiência do leitor é relevante, e esse deve reconhecer não apenas o que a imagem mostra, mas avançar e ‘ver’ o que ela não mostra, detectar a ‘não-presença’” (PATO, 2013, p.17).

Dessa forma, a partir da demonstração tanto do método, quanto das perspectivas sobre este, as reflexões percebidas nas falas dos autores permite observar uma convergência de considerações não só sobre a análise fotográfica, mas também suas semelhanças de aplicação ao processo de indexação, que considera desde as nuances contextuais de elaboração do documento, até a subjetividade dos leitores (e tradutores) em sua capacidade na elaboração de inferências.

No próximo subitem apresentam-se os passos pretendidos para aplicação da ficha e método apresentados.

#### 4.2.1 Passo a passo da aplicação da ficha de análise baseada no Método de Pato

Neste tópico, são expostos os passos e procedimentos executados para à coleta e análise dos dados da pesquisa. Dessa forma, os procedimentos para a aplicação do metodológica baseada na ficha de análise fundamentada no Método de Pato (MP), e uso de um questionário retrospectivo, foram sistematizados em oito passos.

- a) Escolha de 5 fotografias:

Para a seleção das fotografias referentes ao grupo *Tenetehara-Guajajara* foram utilizados critérios de visibilidade das imagens, sua integridade física, e elementos representativos do grupo étnico presentes na imagem. Para auxiliar na seleção com base no segundo critério, foram utilizadas informações acessadas no livro referente ao trabalho com o grupo, *Os Tenetehara Guajajara e a Sociedade Nacional: Flexibilidade Cultural e Persistência Étnica*.

Cada fotografia recebeu um título seguindo a mesma ordem e numeração em que foram enviadas para análise. Os títulos foram baseados no livro de Edson Diniz (1994) citado acima: Foto 1 - Cestaria e trançados; Foto 2 - Mãe *Tenetehara-guajajara* ; Foto 3 - Grupo Familiar *Tenetehara-Guajajara*; Foto 4 - Homens talhando madeira; Foto 5 - Casa de farinha.

b) Contextualização das imagens fotográficas:

Prosseguindo com a seleção e reconhecimento dos componentes da fotografia, foi feita a contextualização de cada fotografia eleita, tomando como base seus elementos visíveis na composição do todo presente na imagem fotográfica: a identificação de seus componentes a partir da análise de seus planos (frontal, lateral, diagonal).

c) Seleção dos três museólogos(as):

Foram selecionados(as) três museólogos(as), como sujeitos da pesquisa, para aplicarem a ficha de indexação de imagens fotográficas baseada no Método de Pato. A seleção ocorreu com base em suas expertises relacionadas à Documentação Museológica (ou documentação em museus), todos os indivíduos tiveram formação, ou relação com o curso de bacharelado em Museologia da UFPA. Acreditou-se que dessa forma haveria uma maior afinidade com o exercício de indexação que lhes foi proposto. Tendo sido selecionados os(as) museólogos(as) receberam convites para participar da pesquisa via *e-mail*. Seus dados para contato foram disponibilizados pela coordenação do curso de Museologia da UFPA.

Sobre os sujeitos, as informações levantadas foram coletadas no campo de busca de currículos do site da plataforma lattes<sup>31</sup>. A respeito do Sujeito 1 atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, possui experiência com os temas de: memória, patrimônio, museologia, antropologia, arte, comunicação e acervo, segundo seu lattes.

Sobre o Sujeito 2, leciona como professora Substituta de Comunicação e Salvaguarda no curso de Bacharelado em Museologia da UFPA; é mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, linha de pesquisa "Preservação do Patrimônio Cultural". Bolsista de Iniciação Científica no período de 2011 a 2014 da instituição Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), na Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia, pesquisando na área de conservação/curadoria de fósseis.

E as informações sobre o Sujeito 3 – disponíveis em seu lattes – possui graduação em Museologia com Habilitação em Museu de História e de Arte pela Universidade Federal da Bahia (2005), mestrado em Crítica Cultural, pela Universidade do Estado da Bahia; atualmente é professora do Curso de Museologia da Universidade Federal do Pará. E tem experiência nas seguintes áreas: Estudos Culturais, projeto e execução de exposição, conservação, documentação e ação educativa em museus, pesquisa para exposição e projeto de exposição.

d) Preparação do material enviado aos sujeitos da pesquisa

Cada sujeito selecionado(a) para a aplicação da ficha de análise baseada no Método de Pato recebeu orientação, com base nas referências dos autores supracitados. Assim, cada fotografia – anteriormente escaneada – ficou disposta para suas análises, juntamente receberam a grade da ficha de análise, e uma contextualização sobre grupo *Tenetehara-Guajajara*, através de um texto de apoio.

e) Envio dos materiais de pesquisa aos sujeitos

Para a aplicação da indexação das fotografias foram enviados por *e-mail* os materiais necessários leitura das imagens e aplicação da ficha.

---

<sup>31</sup> <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>

Aponta-se que ao longo do processo de envio das fichas de análise por correio eletrônico, de 20 e-mails encaminhados entre 5 e 15 de dezembro, obteve-se retorno de apenas 4, sendo que tão somente 3 se dispuseram a participar da aplicação do método proposto, e posteriormente responderam ao questionário retrospectivo. Até o dia 18 de dezembro as fichas de análise baseadas no MP foram retornadas preenchidas, e até o dia 01 de janeiro o último questionário foi devolvido.

f) Recebimento das fichas de análise preenchidas

Receberam-se as fichas de análise preenchidas com a indexação realizada pelos(as) museólogos(as) sujeitos da pesquisa. E foram organizadas de acordo com os campos, fotografias e preenchimentos feitos.

g) Análise e interpretação dos dados coletados

Foi realizada a leitura e interpretação das indexações feitas. Foram utilizadas como referencial de análise os(as) teóricos(as) referentes ao uso do método, tal qual o contexto das fotografias e informações obtidas no arquivo de Edson Diniz. Com fim de se trazerem considerações pertinentes às fontes e aos sujeitos.

h) Aplicação do questionário retrospectivo

Finalizadas os passos envolvendo as fichas de análise foram utilizados questionários semiestruturados, contendo 10 perguntas, com os mesmos sujeitos que realizaram a atividade de indexação, para que pudessem explicar como realizaram os procedimentos; suas dificuldades e estratégias para representação e uso da ficha de análise. (o questionário foi elaborado a partir dos preenchimentos feitos pelos sujeitos participantes, e dos materiais disponibilizados, como: as fotografias, as fichas de análise, e o texto de apoio).

Por fim, a partir da segmentação destes passos pretendeu-se clarificar a aplicação da metodologia proposta anteriormente. Em seguida, no próximo subitem desenvolve-se mais sobre o que se almejou com a análise dos dados obtidos.

### 4.3 Forma de análise dos dados

Os dados da aplicação da ficha de cada sujeito foram organizados, e depois analisados comparativamente, visto que os sujeitos elaboraram a indexação das mesmas cinco fotografias o que possibilito a análise comparativa.

Como mencionado anteriormente, devido a especificidade do objeto de estudo desta pesquisa os parâmetros e referenciais de análise foram desenvolvidos com base: no contexto dos documentos fotográficos selecionados; do livro *Os Tenetehara Guajajara e a Sociedade Nacional: Flexibilidade Cultural e Persistência Étnica*, do método de análise de imagens fotográficas desenvolvido por Pato (2013); o modelo de ficha de análise de imagens baseada no MP elaborada por Almeida e Gato (2020); os perfis profissionais dos sujeitos participantes; assim como os referenciais da CI e da Museologia citados ao longo do texto.

A estrutura de análise dos preenchimentos realizados pelos sujeitos foi organizada da seguinte forma: fotografias com título e legenda, seguindo a ordem de numeração crescente (foto 1, foto 2...); quadro baseado no MP, com as indexações realizadas pelos sujeitos, tendo suas falas literais reproduzidas em itálico para diferenciar das explicações do pesquisador; análise comparativa do pesquisador a partir dos dados obtidos com a indexação feita pelos sujeitos usando o MP, seguindo a ordem crescente das respostas dos sujeitos (sujeito 1, sujeito 2, sujeito 3); e discussão geral sobre os preenchimentos feitos pelos sujeitos.

Em seguida, a análise dos dados recuperados pelos questionários retrospectivos foi segmentada da seguinte forma: quadros com as respostas do questionário retrospectivo, seguindo a mesma ordem crescente de envio das perguntas aos sujeitos; cada quadro contém uma pergunta e as respostas dos três sujeitos, em itálico; análise comparativa do pesquisador a partir dos dados obtidos com as respostas dos sujeitos na entrevista retrospectiva; discussão geral sobre as respostas, com embasamento teórico a partir da literatura.

## **5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

Neste capítulo serão debatidos os dados coletados a partir da metodologia proposta, com uso da Ficha de Análise baseada no Método de Pato (MP), como instrumento de leitura e interpretação de imagens fotográficas.

### **5.1 Análise das indexações das fotografias usando o Método de Pato**

A partir da Ficha de Análise baseada no Método de Pato seguiu-se com o uso das categorias reelaboradas por Gatto e Almeida (2020) (como demonstrado no quadro 1). Como intuito de levantar interpretações sobre as formas de preenchimento, basearam-se as análises feitas: no contexto das imagens; nas orientações sobre o método e a ficha (Anexo A) no texto de apoio (Apêndice A); e nos perfis de formação museológica de cada sujeito. Assim pretendeu-se alcançar uma representação que se aproximasse tanto do objetivo geral desta pesquisa quanto da indexação elaborada pelos sujeitos.

A seguir demonstram-se as fotografias, e quadros contendo os preenchimentos analíticos – de cada sujeito – referente às categorias selecionadas para a leitura das imagens, mencionadas no MP:

**FOTO 1 - Cestaria e trançados**

**Fonte:** Arquivo pessoal Edson Diniz

**Quadro de análise – Foto 1**

<b>Fotografia 1</b>	<b>ÍCONES</b> O que está exposto na imagem	<b>ÍNDICES</b> O que a imagem sugere	<b>SÍMBOLOS</b> O que a imagem assegura	<b>SÍMBOLO ASSUNTO</b> Síntese de interpretações
<b>Sujeito 1</b>	Foto de dentro de uma casa aberta feita de madeira e com teto de palha. Objetos feitos de palha no canto superior direito e ao fundo um tecido pendurado no meio da casa.	Provavelmente a casa é um local de trabalho.	Relaciona a uma comunidade indígena. Comunidade que usa ou trabalha com a artesanato.	Comunidade indígena e Comunidade tradicional.

<b>Sujeito 2</b>	Imagem em tom de sépia que mostra o que parece ser o interior de uma das residências dom indígenas. Construção em madeira e palha, com uma grande tela trançada com fibra de cima a baixo no interior da morada. É possível ver roupas penduradas nas madeiras no teto, cestos e outros objetos em tecido até algo que parece um copo metálico depositados numa estrutura em madeira suspensa na área	Ângulo da foto - mostra tanto a construção quanto alguns elementos que estão no interior.  Cestas e roupas - sugerem o interior de uma casa.  Construção em madeira e palha – morada do grupo Tenetehara-Guajajara	Naturalidade da organização e construção das casas.  Presença de diferentes elementos do cotidiano do grupo.	Casa Moradia Construção Simplicidade
<b>Sujeito 3</b>	A – Construção rústica em madeira sem paredes; B - Telhado de fibras naturais; C - Colunas e vigas de troncos; D - Chão de terra (?) E – Telhado de palha; F – Objetos de cestaria; G – Objetos de tecido; H – Tear (?)	I - Local de trabalho artesanal, como produção de tecidos; J- Oficina ou ateliê (deve haver um nome correto para esse local); L – Tecido em processo de produção;	M – Produção artesanal de tecido; N – Ateliê/ oficina	O – Local de produção artesanal de tecido;

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

### Ícones

Com um preenchimento mais direto o sujeito 1 descreveu os ícones que mais lhe chamaram atenção imediatamente e as características destes ícones, que se sentiu mais à vontade para adjetivar, com destaque para sua leitura da composição material dos elementos “Foto de dentro de uma casa aberta feita de madeira e com teto de palha. Objetos feitos de palha no canto superior direito [...]”. Assim como feito inicialmente pelo sujeito 2 em sua descrição “Construção em madeira e palha, com uma grande tela trançada com fibra [...]”.

Outro destaque que se faz sobre a forma de preenchimento do sujeito 1 é sua preocupação em localizar a disposição dos ícones na imagem, ao utilizar termos como “dentro[...] canto superior direito [...] meio”.

No que se refere ao sujeito 2 percebe-se um preenchimento preocupado com as orientações dadas sobre o campo ícones, e pode-se constatar que possui um domínio descritivo quanto ao uso de um vocabulário mais específico ao descrever o tom da fotografia com a frase “*Imagem em tom de sépia*”. Característica que se relaciona com sua formação<sup>32</sup> apresentada na metodologia.

Atenta-se um diferencial do sujeito 3 em comparação aos demais, pela sua forma de organização dos preenchimentos “*A – Construção rústica em madeira sem paredes; B - Telhado de fibras naturais; C - Colunas e vigas de troncos; D - Chão de terra (?)*”. Em seu preenchimento busca criar identificações para cada termo que acrescenta aos campos, através de letras.

### **Índice**

Sobre o preenchimento do sujeito 1 do campo índice, faz-se de forma sucinta, pois parece aglutinar os elementos observados na imagem reduzindo-os ao espaço em que se encontram na imagem “*Provavelmente a casa é um local de trabalho*”. Contudo segue as orientações sobre este campo elaborando sua inferência.

Esta mesma característica de preenchimento resumido pôde ser percebida nas fichas do sujeito 2, ao preocupa-se em sintetizar os elementos descritos a partir de termos mais gerais e representativos “*Cestas e roupas*”, e do sujeito 3 “*Local de trabalho artesanal*”.

O destaque para o preenchimento dos sujeitos 2 e 3 – neste campo – dá-se ao agregarem sentidos à imagem, organizados separadamente sejam por travessões sejam por parênteses: “*Cestas e roupas -sugerem o interior de uma casa*”; “*Oficina ou ateliê (deve haver um nome correto para esse local)*”.

### **Símbolo**

Percebe-se que em seu preenchimento de símbolo o sujeito 1 fez o uso do conteúdo presente no texto de apoio ao utilizar termos como: “*Relaciona a uma*

---

<sup>32</sup> O sujeito 2 é mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

*comunidade indígena. Comunidade que usa ou trabalha com a artesanato*". Acredita-se que isso denota confiança do sujeito 1 no material de apoio.

Quanto ao sujeito 2 sintetiza ainda mais, descrevendo o que acredita se tratar a composição da situação registrada na imagem "*Naturalidade da organização e construção das casas*".

No símbolo, o sujeito 3 sintetizou em dois termos o que havia preenchido nos dois primeiros campos "*M – Produção artesanal de tecido; N – Ateliê/ oficina*". Em um nomeia a ação e no outro o ambiente.

### **Símbolo-assunto**

Acredita-se que os termos escolhidos pelo sujeito 1, "*Comunidade indígena e Comunidade tradicional*", intentam de contemplarem os elementos mencionados anteriormente, junto ao contexto do texto de apoio, tendo como característica a abrangência.

Quanto ao sujeito 2 aglutina o que identificou tanto na imagem, quanto o que descreveu nos campos anteriores "*Casa, Moradia, Construção, Simplicidade*". Assim como o sujeito 1 amplia a abrangência dos termos.

Em seu preenchimento do símbolo-assunto o sujeito 3 sintetizou os dois termos o que havia preenchido anteriormente "*Local de produção artesanal de tecido*". Seguiu a estrutura de redutiva de termos para significar a imagem (assim como feito pelos demais sujeitos em alguns de seus preenchimentos).

**FOTO 2**– Mãe Tenetehara-guajajara



**Fonte:** Arquivo pessoal Edson Diniz

**Quadro de análise** – Foto 2

<b>Fotografia 2</b>	<b>ÍCONES</b> O que está exposto na imagem	<b>ÍNDICES</b> O que a imagem sugere	<b>SÍMBOLOS</b> O que a imagem assegura	<b>SÍMBOLO ASSUNTO</b> Síntese de interpretações
<b>Sujeito 1</b>	Uma pessoa em frente a uma janela de uma casa com uma	Uma mãe, jovem, carregando um bebê em um pano amarrado junto ao seu corpo. Ela está em	Representa o cotidiano das pessoas daquela	Indivíduos do Grupo Tenetehara-Guajajara.

	criança no colo e um cachorro aos seus pés.	frente de uma janela posando para a foto.	comunidade, daquele local.	
<b>Sujeito 2</b>	Fotografia em tom de sépia. Mulher em cima de uma calçada, de vestido e sandália em frente a uma janela de madeira, com metade aberta, segurando um bebê mamando no lado esquerdo do corpo com auxílio de um pano atravessado. Na mão direita segura algo que parece uma reunião de fios. Passando a sua frente um cachorro magro e cheio de manchas. Acima da calçada no final da parede um cano para fora derrama água na calçada que segue para a rua. Dentro da casa outra mulher de costas para a janela está de pé, na mesma direção da mulher que posa para a foto.	Mulher jovem com criança no colo mamando - mãe  Calçada – indica estar na rua  Olhar tranquilo – parece estar num momento habitual do cotidiano  Cachorro - familiaridade	Uma mãe andando na rua enquanto amamenta seu filho de maneira costumeira	Mãe Cuidado Alimentação Criança
<b>Sujeito 3</b>	A – Figura feminina com criança B – Cão C – Fachada de edificação D – Janela E - Calçada (?)	F - Figura feminina jovem, com feições indígenas, olha em direção à câmera, em pé, cabelos lisos, partidos ao meio e presos atrás, traja vestido sem mangas, sem estampas, usa sandálias de dedo, segura uma criança com o braço esquerdo apoiada na cintura por meio de uma tipoia (ver nome correto), G - Cão caminhando na calçada;	H - Mulher indígena com criança na frente de uma casa.	I – Mulher indígena com criança no colo

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021

## Ícones

No campo dos ícones, o sujeito 1 mostra-se mais suscinto que os demais sujeitos, e faz seu preenchimento de forma contínua, e não sequenciada como os outros dois. Dedicar seu foco aos indivíduos e usa os outros elementos da imagem para localizá-los na imagem *“Uma pessoa em frente a uma janela de uma casa com uma criança no colo e um cachorro aos seus pés”*.

No que se refere ao sujeito 2 mantém a descrição quanto à tonalidade da foto *“Fotografia em tom de sépia”* no campo do ícone. Ainda neste campo, procura localizar os elementos imagéticos da imagem *“Mulher em cima de uma calçada [...] segurando um bebê mamando no lado esquerdo do corpo [...] Passando a sua frente um cachorro magro”*.

Com um número reduzido de indivíduos na imagem, acredita-se que o foco do sujeito 3 tenha sido as pessoas, pois para descrever o campo do ícone na foto este elenca *“A – Figura feminina com criança; B – Cão; C – Fachada de edificação; D – Janela; E - Calçada (?)”*. E novamente ao não demonstrar segurança na nomenclatura utilizada finaliza com um símbolo de “(?)”.

## Índice

O sujeito 1, em seu índice qualifica os ícones que destacou, agregando mais algumas informações de sua interpretação ao reconhecer objetos na imagem *“Uma mãe, jovem, carregando um bebê em um pano amarrado junto ao seu corpo [...]”*.

No índice, o sujeito 2 retoma alguns termos utilizados no campo de ícones, e faz inferências *“Olhar tranquilo – parece estar num momento habitual do cotidiano [...] Cachorro – familiaridade”*.

O sujeito 3 desenvolve mais em seu preenchimento do índice. Mantém inferências correlatas aos termos utilizados *“F - Figura feminina jovem, com feições indígenas, olha em direção à câmera, em pé, cabelos lisos, partidos ao meio e presos atrás, traja vestido sem mangas [...]”*. Entretanto é possível observar seu interesse num detalhamento do indivíduo representado, algo que foi mais observado no preenchimento

do campo Ícone, dos sujeitos 1 e 2. Já ao descrever o outro elemento da imagem dedica-se mais à ação “*G - Cão caminhando na calçada*”.

### **Símbolo**

Ao retratar o símbolo, o sujeito 1 faz uma leitura do que se passa na imagem afirmando “*Representa o cotidiano das pessoas daquela comunidade, daquele local*”. E apresenta inferências que vão um pouco além do índice.

O sujeito 2, ao preencher o campo sobre o símbolo sintetiza o que digitou no índice “*Uma mãe andando na rua enquanto amamenta seu filho de maneira costumeira*”.

No campo símbolo, o sujeito 3 realiza seu preenchimento de forma resumida, organizando ‘quem’ está fazendo ‘o que’: “*Mulher indígena com criança na frente de uma casa*”.

### **Símbolo-assunto**

Sobre o assunto, o sujeito 1 é mais sintético e específico no uso dos termos ao utilizar o nome do grupo étnico representado “*Indivíduos do Grupo Tenetehara-Guajajara*”.

Já o sujeito 2 o assunto decompõe o símbolo em termos “*mãe, cuidado, alimentação, criança*”, assim como fez na primeira fotografia.

O sujeito 3, no símbolo assunto, afere qualidade ao indivíduo que deu destaque em sua leitura da imagem “*Mulher indígena com criança no colo*”.

**FOTO 3** – Grupo Familiar *Tenetehara-Guajajara*

Fonte: Arquivo pessoal Edson Diniz

**Quadro de análise** – Foto 3

<b>Fotografia 3</b>	<b>ÍCONES</b> O que está exposto na imagem	<b>ÍNDICES</b> O que a imagem sugere	<b>SÍMBOLOS</b> O que a imagem assegura	<b>SÍMBOLO ASSUNTO</b> Síntese de interpretações
<b>Sujeito 1</b>	Foto de um plano que pega a parte final de uma casa e o ao fundo dela uma paisagem com árvores. Do lado da casa há 6 pessoas.	2 mulheres e 6 crianças do lado de uma casa. Uma das crianças está no colo de uma das mulheres. Entre as crianças há 4 meninos e 2 meninas. A mulher que está com a criança no colo é jovem e a mulher que está encostada na parede da casa é mais velha.	Representa uma família.	Família da comunidade.
<b>Sujeito 2</b>	9 pessoas de pé em uma calçada recostados em uma janela, sendo 5 crianças do sexo masculino, duas	Idosa, mulher jovem e crianças - família  Mulher com criança no colo – mãe	A imagem me parece uma reunião de 3 gerações de uma mesma família,	Crianças Adultas Mãe Família

	crianças do sexo feminino, uma jovem e uma senhora. Janela em madeira numa parece grande e branca. Cerca com arame farpado e plantas por detrás das cercas.	Criança se escondendo - vergonha	com avó, mãe e filhos.  Os homens parecem bem tranquilos para a foto, enquanto as mulheres parecem estar envergonhadas.	
<b>Sujeito 3</b>	A - Lateral de uma casa; B - Janela; C - Nove pessoas; D - Cerca de arame farpado e mourão; E - Árvores	Da esquerda para a direita: F –Duas figuras femininas adultas, sendo uma idosa e outra jovem; G - A idosa traja vestido estampado, tem um sorriso no rosto e olhar voltado para a câmara, sugere estar sorrindo, encontra-se escorada na construção de mãos para trás onde apara as costas na parede; H – Mulher jovem, cabelos partidos ao meio, traja vestido estampado sem mangas, carrega em seu colo, do lado direito uma criança de um ano (aprox.); I - Uma criança de colo sendo carregada pela jovem; J - Menina segurando a roupa da criança de colo, tendo o rosto parcialmente encoberto pela ponta da roupa da criança; L - Criança de aparentes 4 anos, trajando apenas short; M - Criança de aparentes onze anos encostada na parede da construção, trajando short e camisa de botão aberta e mangas curtas e sandálias de dedo; N - Menino trajando short de cor escura e camiseta de malha de cor clara com estampa de círculos concêntrico;	Q - Fotografia ao ar livre; R - Registro mostra aparentemente de uma família onde aparecem três gerações, no cenário da área externa da casa da família.	S – Registro de família na área externa da casa

		<p>O - Menino com short claro sem camisa e descalço;</p> <p>P - Menino com short de cor clara, usando sandália de dedo, está com braços cruzados sobre as axilas, rosto virado para a esquerda e sorriso no rosto.</p>		
--	--	--	--	--

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021

### Ícones

Nessa imagem, o sujeito 1 faz uma leitura mais técnica da fotografia ao descrever o ícone da seguinte forma: “*Foto de um plano que pega parte final de uma casa [...]*”. Assim como os sujeitos 2 e 3, sua forma de descrever os ícones é feita com a contagem e reunião dos elementos similares, recorrendo novamente à localização dos indivíduos na imagem.

O sujeito 2 elabora o campo ícones focando na quantificação, e na distinção dos indivíduos presentes na imagem, do que em descrevê-los ou sua disposição espacial “*9 pessoas de pé em uma calçada recostados em uma janela, sendo 5 crianças do sexo masculino, duas crianças do sexo feminino, uma jovem e uma senhora*”.

Assim como o sujeito 2 fez em parte da leitura dos ícones, o sujeito 3 faz uma contagem de indivíduos presentes na imagem, enquanto prossegue nomeando os demais elementos que observou “*A - Lateral de uma casa; B - Janela; C - Nove pessoas; D - Cerca de arame farpado e mourão; E – Árvores*”.

### Índice

O sujeito 1, no campo do índice procura fazer a distinção e descrição dos sujeitos enumerados no campo do ícone “*2 mulheres e 6 crianças do lado de uma casa. Uma das crianças está no colo de uma das mulheres. Entre as crianças há 4 meninos e 2 meninas. A mulher que está com a criança no colo é jovem e a mulher que está encostada na parede da casa é mais velha*”.

Quanto ao índice do sujeito 2 foram selecionados ícones de referência para aglutinar as demais composições da foto “*Idosa, mulher jovem e crianças - família [...]*”

*Criança se escondendo – vergonha*”. E segue com inferências elencando termos que contemplem a situação descrita, como “*família*” e “*vergonha*”.

O sujeito 3 em seu preenchimento do campo índice preocupou-se com detalhes, combinando indivíduos entre si e os demais ícones “*Da esquerda para a direita: F – Duas figuras femininas adultas, sendo uma idosa e outra jovem; G - A idosa traja vestido estampado, tem um sorriso no rosto e olhar voltado para a câmera, sugere estar sorrindo, encontra-se escorada na construção de mãos para trás onde apara as costas na parede [...]*”. Assim como o sujeito 2, interpreta as expressões faciais das imagens representadas, e procura localizar de forma descritiva a disposição destes indivíduos na composição da imagem.

### **Símbolo**

Com um preenchimento mais sucinto, o sujeito 1 elabora o símbolo e o símbolo-assunto, mantendo uma relação semântica entre esses, mesmo que de forma mais genérica “*Representa uma família*”, “*família da comunidade*”.

O sujeito 2 desenvolve suas percepções sobre do que se trata a imagem “*A imagem me parece uma reunião de 3 gerações de uma mesma família, com avó, mãe e filhos*”.

No campo símbolo, o sujeito 3 faz sua primeira referência à fotografia em si e reúne os indivíduos em uma leitura que se interpreta feita tanto com conhecimentos prévios, quanto com a possibilidade de informações contidas no texto de apoio, pois desenvolve sobre a questão geracional dos indivíduos, e deduz serem uma família: “*Q - Fotografia ao ar livre; R - Registro mostra aparentemente de uma família onde aparecem três gerações, no cenário da área externa da casa da família*”.

### **Símbolo-assunto**

No símbolo-assunto, o sujeito 2 segue resumindo o conteúdo de sua compreensão em termos referenciais mais abrangentes “*crianças, adultas, mãe, família*”.

O sujeito 3 mantém sua interpretação sobre a relação familiar dos indivíduos e sintetiza da seguinte forma “*S – Registro de família na área externa da casa*”. Reunindo

os elementos da imagem em uma única expressão, como feito pelo sujeito 1, por exemplo “*Familia da comunidade*”.

**FOTO 4** – Homens talhando madeira



**Fonte:** Arquivo pessoal Edson Diniz

Quadro de análise – Foto 4

<b>Fotografia 4</b>	<b>ÍCONES</b> O que está exposto na imagem	<b>ÍNDICES</b> O que a imagem sugere	<b>SÍMBOLOS</b> O que a imagem assegura	<b>SÍMBOLO ASSUNTO</b> Síntese de interpretações
<b>Sujeito 1</b>	Foto de 2 pessoas sentadas no meio da mata.	2 homens sentados em um tronco de uma árvore trabalhando.	Representa o tipo de trabalho feito por aqueles indivíduos, o trabalho manual.	O modo de trabalho da comunidade Tenetehara-Guajajara.
<b>Sujeito 2</b>	Dois homens sentados em um tronco de madeira com facas nas mãos “raspando” pedaços menores de madeira.	Concentração - Homens trabalhando  Roupas simples – cotidiano	Dois homens trabalhando para a retirada de fibra que será usada posteriormente na confecção de outros materiais	Homens Trabalho Artesanal Manual Simplicidade Foco

	No canto inferior direito um cachorro dorme no chão. Ao fundo está uma vegetação. Os dois homens estão vestidos de maneira simples com chinelos, short, calça e camisetas.			
<b>Sujeito 3</b>	A - Dois homens sentados em tronco ao ar livre; B - Vegetação rasteira; C - Cão deitado	Exercem atividade manual com madeira e ferramenta (talvez faça, facão ou outra madeira); Cão deitado em local próximo aos homens. Homem com algo preso à orelha, traja camisa de botão aberta, short e sandália de dedo; C - O segundo de frente, pernas abertas sobre o tronco, traja camiseta, calças e sandália de dedo.	Homens em atividade laboral tradicional	Homens em atividade laboral tradicional.

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021

### Ícones

Na análise dos ícones, o preenchimento do sujeito 1 foi o mais resumido dentre os demais “*Foto de 2 pessoas sentadas no meio da mata*”. Neste preenchimento decidiu não seguir o padrão das fotografias anteriores, sem descrever os sujeitos, e sem fazer referência às suas posições na imagem.

O sujeito 2, em seu preenchimento dos ícones atenta para a ação sugerida na imagem, e descreve “*Dois homens sentados em um tronco de madeira com facas nas mãos “raspando” pedaços menores de madeira*”; e continua dando destaque para o que sucede “[...] *um cachorro dorme no chão*”. Após descrever o que os elementos estão fazendo na imagem, procura caracterizar os homens “*Os dois homens estão vestidos de maneira simples com chinelos, short, calça e camisetas*”.

Em sua aplicação, o sujeito 3 nomeou os componentes sem muitas alterações dentro do padrão de preenchimento que estabeleceu indicando ícones, e o que fazem na imagem “*A - Dois homens sentados em tronco ao ar livre; B –Vegetação rasteira; C - Cão deitado*”.

### **Índice**

Quanto ao índice, o sujeito 1, apenas estendeu-se em sugerir a ação dos sujeitos descritos “*2 homens sentados em um tronco de uma árvore trabalhando*”.

Já o sujeito 2 faz relações entre os ícones anteriormente observados conferindo sentido às situações “*Concentração - Homens trabalhando [...] Roupas simples – cotidiano*”.

O sujeito 3 foca na disposição dos indivíduos tanto na imagem, quanto suas posturas e modo de agirem “*Exercem atividade manual com madeira e ferramenta (talvez faca, facão ou outra madeira); Cão deitado em local próximo aos homens. Homem com algo preso à orelha, traja camisa de botão aberta, short e sandália de dedo*”. Percebe-se uma descrição detalhada novamente sobre os objetos que trajam e manuseiam. A partir do índice perceber-se que o sujeito 3 perde-se em sua marcação alfabética.

### **Símbolo**

No símbolo ao escolher a ação como foco de sua interpretação, o sujeito 1 atribui sentido ao trabalho que vê representado na imagem: “*Representa o tipo de trabalho feito por aqueles indivíduos, o trabalho manual*”.

O sujeito 2 ao descrever o símbolo, dá um passo além e descreve a finalidade dos elementos destacados na cena “*Dois homens trabalhando para a retirada de fibra que será usada posteriormente na confecção de outros materiais*”.

Assim como o sujeito 1, o sujeito 3 em seu preenchimento do símbolo atribuiu sentido ao trabalho que viu representado na imagem “*Homens em atividade laboral tradicional*”.

### **Símbolo-assunto**

Em sua leitura do símbolo-assunto o “*tipo de trabalho*” mencionado no campo anterior, o sujeito 1 adjetiva o termo utilizado como uma prática do grupo étnico “*O modo de trabalho da comunidade Tenetehara-Guajajara*”.

Outrossim, o sujeito 2 resumiu a imagem aos seguintes termos, no campo do assunto: “*Homens, Trabalho, Artesanal, Manual, Simplicidade, Foco*”. Sem preocupar-se em articular em expressões, como feito em preenchimentos anteriores.

Contrariando o preenchimento dos sujeitos 1 e 2, e suas leituras anteriores, o sujeito 3 optou por repetir o que preencheu no campo do símbolo, no símbolo assunto da foto 4.

**FOTO 5** – Casa de farinha

Fonte: Arquivo pessoal Edson Diniz

**Quadro de análise** – Foto 5

<b>Fotografia 5</b>	<b>ÍCONES</b> O que está exposto na imagem	<b>ÍNDICES</b> O que a imagem sugere	<b>SÍMBOLOS</b> O que a imagem assegura	<b>SÍMBOLO ASSUNTO</b> Síntese de interpretações
<b>Sujeito 1</b>	Foto de uma tenda de palha que há diversas pessoas ao redor de um forno.	Foto de uma casa de farinha. Há 13 pessoas na foto, entre elas um bebê, crianças e adultos. No meio da foto há um homem trabalhando no forno.	Representa a cultura daquela comunidade, mostrando o processo de fabricação da farinha, sendo este um processo que representa uma cultura indígena.	Cultura local. Cultura indígena.
<b>Sujeito 2</b>	Grupo de pessoas, reunidos próximas a um tacho de preparo de comida. Tacho construído em barro com comida com um homem mexendo	Crianças rindo – animação  Homem no tacho – cozinhando	Uma reunião em volta de um tacho para o aguardo do preparo de um alimento.	Alimento Preparo Reunião Conversa Animação Curiosidade Grupo Coletivo

	<p>com um utensílio na mão no preparo em seu interior. Crianças sentadas no chão e em bancos riem olhando em direção a câmera.</p>	<p>Homem olhando para o fotógrafo(a) – curiosidade.</p>	<p>Conversa descontraída entre adultos e crianças.</p> <p>Curiosidade que envolve o fotógrafo que observa e registra a cena.</p>	<p>Naturalidade Cotidiano.</p>
<p><b>Sujeito 3</b></p>	<p>A – Construção de toras de madeira e telhado de palha; B - Fogão construído de cerâmica (que deve ter um nome); C - Pessoas em volta do fogão; D – Bancos de madeira; E - Fumaça</p>	<p>F - Três figuras femininas de faixas etárias distintas sentadas no chão de costas, sendo que uma delas carrega uma criança de colo; G - Duas crianças sem camisa entre as figuras femininas sentadas: uma de cabelos compridos olha para a câmera, aparentes quatro anos; H - Criança cobre os olhos com o braço, cinco anos (aprox.); I – Homem sentado em banco de madeira no lado esquerdo da fotografia, olhar direcionado para a câmera, traja camisa de botão fechada, calças (ou bermudas), tem parte das pernas ocultas por figura feminina em primeiro plano; J - Homem sentado parcialmente oculto pelo homem no terceiro plano, traja camisa xadrez; L - Encostado ao fogão uma criança de aproximadamente 13 anos, um menino de braços cruzados e mãos debaixo das axilas, sem camisa, trajando short de cor escura; M - A direita do menino, parcialmente oculto pelo enquadramento, figura masculina trajando tanga (ou cueca?) sentada em banco;</p>	<p>O - Momento de socialização e produção de alimento.</p>	<p>P - Momento de socialização e produção de alimento.</p>

		N - Atrás do fogão, ao centro, um homem sem camisa parece mexer algo dentro do fogão com a mão direita, enquanto se apoia na borda com a mão esquerda, pernas ocultadas pelo fogão.		
--	--	---	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

### Ícones

Distanciando-se da forma que estava preenchendo o campo dos ícones nas fotografias anteriores, o sujeito 1 j[a não mostra tanta preocupação em quantificar os indivíduos na fotografia, nem em localizá-los na imagem, apenas opta por distinguir os sujeitos dos objetos dispostos na fotografia “Foto de uma tenda de palha que há diversas pessoas ao redor de um forno”.

Ao descrever o campo de ícone na foto 5, o sujeito 2 demonstra conhecimento do utensílio retratado na imagem ao nomeá-lo enquanto descreve os sujeitos e suas ações “Grupo de pessoas, reunidos próximas a um tacho de preparo de comida”. Também faz referência ao material o qual o “tacho” é composto “Tacho construído em barro com comida com um homem mexendo com um utensílio na mão no preparo em seu interior”.

O sujeito 3 retoma a nomeação dos elementos que observou na imagem, ao realizar o preenchimento do campo ícone “A – Construção de toras de madeira e telhado de palha; B - Fogão construído de cerâmica (que deve ter um nome); C - Pessoas em volta do fogão; D – Bancos de madeira; E – Fumaça”.

### Índice

A preocupação do sujeito 1 em levantar mais informações descritivas da imagem fica para o campo do índice “Foto de uma casa de farinha. Há 13 pessoas na foto, entre elas um bebê, crianças e adultos. No meio da foto há um homem trabalhando no forno”. Onde faz distinções entre os indivíduos, não de forma precisa como os demais sujeitos, mas de forma holística.

Em seu preenchimento do índice, o sujeito 2 decompõe novamente os elementos da imagem atribuindo-lhes sentido conforme sua compreensão “*Crianças rindo – animação [...] Homem no tacho – cozinhando*”.

Em sua descrição do índice, o sujeito 3 acrescenta um dado diferente de suas demais análises, e diferente das inferências dos demais sujeitos, ao sugerir a idade de uma das crianças “*G – Duas crianças sem camisa entre as figuras femininas sentadas: uma de cabelos compridos olha para a câmera, aparentes quatro anos; H - Criança cobre os olhos com o braço, cinco anos (aprox.)*”. Nessa fotografia levanta proposições sem a insegurança acompanhada nos “(?)” das fotos anteriores.

### **Símbolo**

Em seu campo de símbolo, o sujeito 1 demonstra certo domínio sobre a atividade que representada na imagem, estendendo-se em sua fala “*Representa a cultura daquela comunidade, mostrando o processo de fabricação da farinha, sendo este um processo que representa uma cultura indígena*”.

O sujeito 2, no campo símbolo desenvolve os sentidos atribuídos no índice como ‘animação’, que pode estar ligado à sua interpretação de “*Conversa descontraída entre adultos e crianças*”, por exemplo.

Em seu campo referente ao símbolo e ao símbolo-assunto, o sujeito 3 preenche da mesma forma sucinta, dando destaque para o que ocorre na imagem “*O - Momento de socialização e produção de alimento*”. Repetindo o preenchimento nos dois campos.

### **Símbolo-assunto**

Quanto ao símbolo-assunto o sujeito 1 utilizou de termos mais amplos assim como nas fotografias 3 e 1 “*Cultura local. Cultura indígena*”.

O sujeito 2 tentou abarcar o máximo de elementos da imagem (os sujeitos, suas ações, os objetos, o contexto) e sugeriu mais termos que nas fotografias anteriores “*Alimento, Preparo, Reunião, Conversa, Animação, Curiosidade, Grupo, Coletivo, Naturalidade, Cotidiano*”. Alterou seu preenchimento resumido para tentar esclarecer, contemplar o conteúdo da imagem.

Na leitura do símbolo assunto da imagem, o sujeito 3 optou por repetir o que preencheu no campo do símbolo.

### 5.1.1 Discussão dos preenchimentos da ficha baseada no Método de Pato

As especificidades na formação dos sujeitos participantes, e a compreensão inicial que tiveram da forma de preenchimento das fichas de análise, influenciaram no que se pôde observar em sua aplicação do MP na primeira fotografia. Mesmo sendo bacharéis no mesmo curso – Museologia – como consta em seus componentes curriculares<sup>33</sup>.

O sujeito 1 em seu preenchimento parece estabelecer um padrão de detalhamento nos ícones e símbolos, enquanto faz associações mais assertivas nos campos de ícone e símbolo-assunto. Passa também a impressão de não estar à vontade para o uso das orientações de preenchimento, fazendo descrições mais gerais procurando abranger os elementos vistos na imagem. Ou compreendida parte das orientações apenas, como “lista de todos os elementos visíveis”. Atenta-se que para alguém que não possui uma formação orientada diretamente para indexação, alguma afinidade com o tema ou com o método, seus conhecimentos advindos da formação como museólogo(a) – como defendido ao longo dos capítulos teóricos – somados as orientações e material de apoio, permitiram que este sujeito realizasse um preenchimento coerente com a proposta de indexação do modelo (PATO, 2014; GATTO; ALMEIDA, 2020).

O sujeito 2, demonstrou utilizar termos específicos para qualificar os tons das fotografias (1 e 2, por exemplo), bem como nomeou um dos objetos que aparecem na foto 5. Acredita-se que este domínio demonstrado pelo sujeito 2 relaciona-se com características de sua formação<sup>34</sup>, apresentada na metodologia. Outra característica de seu preenchimento deu-se pela ausência de termos correlatos aos utilizados no texto de apoio, ou a contextualização oferecida nesse material, não pareceu estar presente na leitura de

---

<sup>33</sup> Sujeitos 1 e 2 formados pela UFPA, cujo componente curricular encontra-se disponível no endereço eletrônico: < <https://sigaa.ufpa.br/sigaa/public/departamento/componentes.jsf?id=380>>. E sujeito 3 formado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde o componente curricular do curso de Museologia pode ser encontrado no seguinte link: <[http://www.museologia.ffch.ufba.br/sites/museologia.ffch.ufba.br/files/curriculo\\_museologia\\_2011-1.pdf](http://www.museologia.ffch.ufba.br/sites/museologia.ffch.ufba.br/files/curriculo_museologia_2011-1.pdf)>. Ambos acessados em 24 de janeiro de 2021.

<sup>34</sup> O sujeito 2 é mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, e sua experiência como bolsista no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

sua análise. Assim, o reforço desta afirmação se dá pelo seu enfoque nos elementos imagéticos, sua interpretação ao selecionar em cada ícone das fotografias e decompô-los em: posicionamento, quantidade, ação.

Inferre-se que no preenchimento do sujeito 3 segue conforme sua experiência com a documentação museológica e exposições, que demandam tanto a criação, quanto a organização de metadados em suas etapas (CAMARGO-MORO, 1986; FERREZ, 1994). O sujeito 3 apesar de transparecer incerteza por meio de seus “(?)”, seguiu de forma coerente as orientações de preenchimento dos campos, e estabeleceu uma lógica de preenchimento, com base nos recursos disponibilizados.

Com base nas discussões levantadas, relacionam-se os preenchimentos realizados pelos sujeitos à análise de assunto, entendendo que no empenho para elaborarem representações coerentes com o que observaram e foram orientados, suas escolhas aproximaram-se às desenvolvidas no exercício da catalogação concernente à análise de assunto. Não obstante, como mencionado, cada forma de preenchimento realizado pelos sujeitos participantes permitiu revelar tanto momentos de insegurança dos sujeitos 1 e 3, quanto de domínio sobre algum aspecto das fotografias (fosse sobre os planos, a cor, ou os ícones representados) de todos os três, pois ainda que tenham destaca a falta de mais recursos (informações sobre os *Tenetehara-Guajajara*, ou vocabulários controlados relativos ao tema etnológico) permitiram-se elaborar a indexação proposta no MP (DIAS; NAVES, 2007; REDIGOLO, 2014; PATO, 2014; GATTO; ALMEIDA, 2020).

Ressalta-se que as leituras das fotografias realizadas pelos sujeitos não só agregam às compreensões de aplicação da ficha de análise baseada no MP, mas também se aproximam do contexto da catalogação, em que a subjetividade de quem participa do processo é uma característica emblemática (FUJITA, 2003). Ainda que as dificuldades de acesso ao material e distanciamento, entre os segmentos: leitor, texto e contexto; acredita-se que as instruções informativas, e o texto de apoio possam ter auxiliado na ambientação dos sujeitos, com relação às imagens fotográficas, respeitando suas subjetividades vistas em diferentes formas de analisar o mesmo material (FUJITA, 2003; PATO, 2014; GATTO; ALMEIDA, 2020).

Os preenchimentos observados ao longo deste item oferecem indícios das proximidades referenciadas nos capítulos teóricos entre a musealização e a indexação. Onde mesmo um objeto-documento fazendo parte de um arquivo pessoal, e os

profissionais não tendo a oportunidade de tocá-los (devido ao contexto pandêmico em que a aplicação desta pesquisa foi desenvolvida), demonstrou-se viável a aplicação do MP para indexação de imagens, a partir de conhecimentos museológicos (STRÁNSKÝ, 1965; MENSCH, 1992; PATO, 2014; GATTO; ALMEIDA, 2020;).

Todavia, ainda sobre o preenchimento realizado pelos sujeitos, percebeu-se que mesmo os sujeitos tendo realizado preenchimentos coerentes, que se aproximaram às tomadas de decisões relativas ao tratamento temático da informação; em alguns de seus preenchimentos nos campos de *símbolo* e *símbolo-assunto* optaram pelo uso de termos vazios (comunidade, grupo, alimento, reunião etc.). Percebe-se que em suas buscas por termos fosse no texto de apoio, fossem nos seus domínios sobre os contextos das imagens, os sujeitos aproximaram-se de um preenchimento feito pela *exaustividade*, em detrimento da *especificidade* (LANCASTER, 2004).

A presença desses termos vazios reforça as considerações presentes nas respostas do próximo subitem, em que os sujeitos participantes evidenciam a necessidade de embasamento para o uso de linguagens controladas (exemplo: membros do grupo *tenetehara guajajara*, preparo da mandioca na casa de farinha etc.). Pois o uso de termos correlatos que possam aproximar tanto os profissionais, quanto os usuários das informações procuradas, aproximam os indivíduos às efetivas recuperações (ARAÚJO, 2017; REDIGOLO, 2014).

Dessa forma, entende-se que tanto as orientações disponibilizadas no arquivo das fichas baseadas no MP, quanto o texto de apoio necessitam de mais orientações, seus termos poderiam ser revistos – possivelmente – elaborar um glossário. E se possível pensar na elaboração de um manual instruindo sobre o método de aplicação das fichas de análise.

Dando prosseguimento, no próximo item fazem-se análises sobre as respostas e considerações dos sujeitos, elaboradas por meio do questionário retrospectivo encaminhado após o preenchimento das fichas.

## **5.2 Análise dos questionários retrospectivos**

A análise realizada no presente subitem segue a ordem de numeração crescente utilizada no subitem anterior. As perguntas estão dispostas de 1 à 10 em um quadro onde estão localizadas as respostas de cada sujeito, para a mesma pergunta. Os comentários

referentes às análises seguem a ordem: sujeito 1, 2 e 3. Sempre após cada quadro de perguntas. No subitem seguinte (5.2.1) realizam-se discussões gerais sobre as repostas dadas pelos sujeitos, e sobre o próprio questionário retrospectivo (apêndice B).

#### PERGUNTA 1

<b>Falas dos sujeitos referentes à 1ª pergunta do questionário retrospectivo: Houve algum campo da ficha que não ficou claro? (alguma informação que você acredita ter faltado, que tenha ficado ambíguo, ou incompleto). Se sim, quais informações, ou explicações você acrescentaria a este campo?</b>	
<b>Sujeito 1</b>	<i>colocar no campo ÍCONES: “termos gerais” e no campo ÍNDICES: “termos específicos”, acho que ajudaria a ser um pouco mais claro.</i>
<b>Sujeito 2</b>	<i>Não, quanto ao que deveria ser preenchido todos os campos tinham informações suficientes que explicassem o termo.</i>
<b>Sujeito 3</b>	<i>Baixei a tese de Pato para entender os objetivos da sua ficha, mas não tive tempo de ler. Achei o instrumento bem elaborado, entretanto faltou explicitar seus objetivos para além da dissertação. Em que as informações seriam úteis na prática dentro de uma instituição?</i>

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021

Sobre a clareza da ficha e falta de informações, o sujeito 1 sugeriu uma descrição mais simplificada para o preenchimento dos campos, que não fossem utilizados apenas termos específicos da Indexação e da Semiótica, ilustrando, “ÍCONES: “termos gerais” e no campo ÍNDICES: “termos específicos”, acho que ajudaria a ser um pouco mais claro”.

Em contraste à resposta do sujeito 1, o sujeito 2 ao responder sobre a clareza das fichas e falta de informações afirmou “Não, quanto ao que deveria ser preenchido todos os campos tinham informações suficientes que explicassem o termo”. Denotando segurança nas informações oferecidas no cabeçalho da ficha.

Enquanto, a resposta do sujeito 3 foi emblemática pois no intuito de compreender melhor a funcionalidade da ficha afirmou ter procurado a tese de Pato em busca de compreender o objetivo de sua aplicação, mas afirmou não ter tido tempo: “Baixei a tese de Pato para entender os objetivos da sua ficha, mas não tive tempo de ler. Achei o instrumento bem elaborado, entretanto faltou explicitar seus objetivos para além da dissertação. Em que as informações seriam úteis na prática dentro de uma instituição?”.

Apesar dos apontamentos sobre os usos dos dados obtidos e o questionamento sobre a utilidade do instrumento para instituições; suas indagações mostram-se

pertinentes devido ao fato de ter lido as justificativas elaboradas ao longo da pesquisa. Demonstrando um perfil mais pragmático que os demais sujeitos, suas considerações – assim como as dos demais – somam para possíveis aprimoramentos do método por meio das respostas elaboradas, e seus preenchimentos.

#### PERGUNTA 2

<b>Falas dos sujeitos referentes à 2ª pergunta do questionário retrospectivo: Houve dificuldades referentes ao preenchimento? (dificuldade para encontrar algum termo que pudesse ser alocado no correspondente campo da ficha).</b>	
<b>Sujeito 1</b>	<i>A dificuldade era mais parte de não querer repetir termos já usados, pois algumas vezes as imagens demonstravam coisas parecidas.</i>
<b>Sujeito 2</b>	<i>Sim. Nem sempre a explicação do que é para ser feito, por mais completa que seja, consegue fazer com que o leitor tenha segurança ao preencher as perguntas. Acredito ser importante sempre incluir exemplos que façam com que quem está respondendo consiga entender de fato como responder as questões.</i>
<b>Sujeito 3</b>	<i>Não houve dificuldades. Percebi que quanto mais objetiva, melhor e que às vezes a descrição de muitos detalhes mais atrapalha que ajuda.</i>

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021

Sobre as dificuldades no preenchimento, o sujeito 1 disse ter sentido dificuldades ao tentar “*não repetir*” termos devido – em sua opinião – as fotografias trazerem elementos parecidos. Há uma complementaridade entre sua dificuldade, e as sugestões feitas pelos demais sujeitos quanto a necessidade de mais informações de apoio para o preenchimento, o que poderia acarretar mais alternativas de termos para o preenchimento dos campos.

O sujeito 2 afirmou “*Sim. Nem sempre a explicação do que é para ser feito, por mais completa que seja, consegue fazer com que o leitor tenha segurança ao preencher as perguntas. Acredito ser importante sempre incluir exemplos que façam com que quem está respondendo consiga entender de fato como responder as questões*”. Em sua resposta faz uma consideração que não foi feita pelos demais sujeitos, sugerindo um preenchimento prévio na ficha para servir como exemplo. Também aponta que a haverá uma limitação natural de domínio de quem venha a preencher a ficha, o que pode deixar o leitor inseguro – insegurança percebida em preenchimentos do sujeito 1 na primeira foto.

Todavia, a preocupação do presente autor em elaborar tal exemplo de preenchimento prévio é a de acabar direcionando justamente no que o sujeito 2 manifestou dificuldades, o conteúdo para preenchimento, pois ao propor a aplicação do

MP teve-se como intuito a espontaneidade por parte dos sujeitos participantes. Utilizando seus conhecimentos prévios e o que lhes foi fornecido.

O sujeito 3 afirmou “*Não houve dificuldades. Percebi que quanto mais objetiva, melhor e que às vezes a descrição de muitos detalhes mais atrapalha que ajuda*”. Sua resposta confere com o padrão de preenchimento que estabeleceu, consequentemente ligando-se ao padrão de indexação proposto pelo MP, onde sumariza-se o número de termos a cada campo preenchido (PATO, 2014).

### PERGUNTA 3

<b>Falas dos sujeitos referentes à 3ª pergunta do questionário retrospectivo: Os elementos das imagens fotográficas estavam visíveis? (se foi possível observar os elementos solicitados nos campos, nas imagens compartilhadas por e-mail).</b>	
<b>Sujeito 1</b>	<i>Sim, estavam visíveis.</i>
<b>Sujeito 2</b>	<i>As fotos estavam em ótima qualidade.</i>
<b>Sujeito 3</b>	<i>Em grande parte sim, mas se houvesse o auxílio de um vocabulário controlado seria bom.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Sobre a visibilidade dos elementos imagéticos os sujeitos 1 e 2 afirmaram estarem visíveis, não havendo prejuízo algum na leitura das imagens. O que reforça em seus preenchimentos o uso dos ícones e dos símbolos observados de forma mais recorrente na escolha de seus termos, do que o uso do texto de apoio.

Contudo, ao falar sobre a visibilidade das imagens, o sujeito 3 difere-se: “*Em grande parte sim, mas se houvesse o auxílio de um vocabulário controlado seria bom*”. Foi o único dos sujeitos que não fez uma afirmação total sobre a qualidade das fotografias, e acrescentou um comentário sobre a possibilidade de haver um vocabulário controlado para auxiliar na leitura das imagens.

### PERGUNTA 4

<b>Falas dos sujeitos referentes à 4ª pergunta do questionário retrospectivo: Alguma sugestão para alterações, ou acréscimos neste modelo de aplicação metodológica? (suas considerações visando a perspectiva museológica sobre o instrumento de pesquisa utilizado).</b>	
<b>Sujeito 1</b>	<i>somente a que apontei na resposta 1.</i>
<b>Sujeito 2</b>	<i>Por mais que a documentação seja uma área de estudo da museologia, nem todos os profissionais estão voltados a área de ciência da informação, por isso é importante manter o máximo de esclarecimento sobre o que se pretende obter através das</i>

	<p><i>perguntas, exemplificar para facilitar a compreensão ajuda quem está respondendo. Outra questão é que as vezes não limitar o campo de resposta pode ser resultar em respostas mais completas, por exemplo, ao invés de ter que responder o “símbolo”, o “ícone”, etc., responder apenas a questão “descreva tudo que você vê e o que para você significa”. Claro, cada método vai resultar num processo diferente a quem está pesquisando, mas falando por mim, a preocupação em preencher os quadros me fazia perder a observação profunda da imagem.</i></p>
<b>Sujeito 3</b>	<i>Um instrumento de vocabulário e os objetivos da ficha.</i>

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021

Referente à quarta pergunta, o sujeito 1 apenas reiterou apenas as propostas na primeira pergunta.

O sujeito 2 elaborou pertinentes considerações ao reiterar “*Por mais que a documentação seja uma área de estudo da museologia, nem todos os profissionais estão voltados a área de ciência da informação, por isso é importante manter o máximo de esclarecimento sobre o que se pretende obter através das perguntas, exemplificar para facilitar a compreensão ajuda quem está respondendo*”. Reforçando seu comentário da pergunta 2, quanto a disponibilidade de informações nas orientações, por meio de exemplos práticos, além da descrição dos campos. O que poderia ser um cenário ideal, mas tende a diferir do padrão de objetos-documento que chegam aos museus e instituições de memória, devido o escasso acesso ao histórico das peças.

E continua com suas sugestões “*Outra questão é que as vezes não limitar o campo de resposta pode ser resultar em respostas mais completas, por exemplo, ao invés de ter que responder o “símbolo”, o “ícone”, etc., responder apenas a questão “descreva tudo que você vê e o que para você significa”. Claro, cada método vai resultar num processo diferente a quem está pesquisando, mas falando por mim, a preocupação em preencher os quadros me fazia perder a observação profunda da imagem*”. Nesse comentário propõe uma mudança na forma que o método é aplicado aos sujeitos, onde seria possível dar-lhes mais liberdade para descreverem à sua maneira os elementos da imagem, o que compreendem, e que sentidos lhes atribuiriam. A proposta parece interessante, mas talvez lhes fizesse devagar por considerações outras das que esta pesquisa tem como objetivo. Distanciando da abordagem de indexação proposta. Tal argumento aproxima-se da narrativa argumentativa presente no processo de musealização, talvez por isso a proposta. Pois os profissionais museólogos estão mais

familiarizados com textos curatoriais, laudos, dossiês, e textos referenciados contendo o histórico das peças.

E quanto ao sujeito 3 sua sugestão reitera suas pontuações anteriores “Um instrumento de vocabulário e os objetivos da ficha”.

#### PERGUNTA 5

<b>Falas dos sujeitos referentes à 5ª pergunta do questionário retrospectivo: Quais estratégias de leitura você utilizou para compreender as imagens fotográficas? (focou em algum elemento ou mais elementos imagéticos, utilizou integralmente o texto de apoio, reviu as imagens mais de uma vez).</b>	
<b>Sujeito 1</b>	<i>Foquei no que eu achava que a fotografia dava destaque.</i>
<b>Sujeito 2</b>	<i>Li o texto de apoio, mas revi as imagens várias vezes como método.</i>
<b>Sujeito 3</b>	<i>Usei o texto de apoio; procurei enumerar objetos e pessoas presentes; consultei as imagens a cada informação inserida.</i>

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021

Em suas estratégias de leitura o sujeito 1 afirmou ter focado no que considerava estar em destaque na imagem. O que condiz com seus preenchimentos seletivos, escolhendo ícones, ações, referenciais dentro da própria imagem.

Sobre as estratégias do sujeito 2 afirmou “*Li o texto de apoio, mas revi as imagens várias vezes como método*”. O que condiz com a ausência de termos presentes no texto de apoio, e o foco em nomear os elementos imagéticos trazendo vocabulários externos aos dos materiais de apoio.

E as estratégias de leitura do sujeito 3: “*Usei o texto de apoio; procurei enumerar objetos e pessoas presentes; consultei as imagens a cada informação inserida*”. O que esclarece sua forma de organização das informações que preencheu. Demonstrou o uso dos recursos de apoio disponibilizados.

Atenta-se que ao tomar como referencial as respostas obtidas nesta pergunta, acredita-se que as imagens novamente se mostraram um recurso mais relevante que o texto para levantamento de informações nos preenchimentos realizados por estes sujeitos. Entretanto, este fator pode estar relacionado com os demais apontamentos feitos pelos sujeitos, referente à um glossário, ou texto mais extenso e informativo.

#### PERGUNTA 6

Falas dos sujeitos referentes à <b>6ª pergunta</b> do questionário retrospectivo: <b>Quais os procedimentos decisórios tomados para identificar os termos de indexação? (a forma que você chegou à aos termos utilizados para preencher os campos propostos na ficha, sua escolha de termos que tenha considerado mais adequados para indexação das imagens).</b>	
Sujeito 1	<i>Busquei ver em que a fotografia dava destaque e compreender o porquê daquilo estar em destaque. Depois fazia uma assimilação do que compreendi com termos do texto de apoio.</i>
Sujeito 2	<i>Tentei utilizar termos cotidianos que se encaixassem na compreensão que eu estava fazendo.</i>
Sujeito 3	<i>Não consultei nenhum instrumento de padronização de vocabulário</i>

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021

Sobre os procedimentos decisivos para identificar termos, o sujeito 1 disse ter buscado observar o “*porquê daquilo estar em destaque*”. Depois fazia uma relação com o que havia lido no texto de apoio. Elaborou uma lógica própria de leitura, com que demonstra conhecer sobre fotografias e o que lhe chamava mais atenção.

Em contraste o sujeito 2 discorreu “*Tentei utilizar termos cotidianos que se encaixassem na compreensão que eu estava fazendo*”. O que se relaciona com as considerações feitas sobre seu preenchimento, e sua resposta dada à quinta pergunta.

Em sua fala “*Não consultei nenhum instrumento de padronização de vocabulário*”. Acredita-se que o sujeito 3 não deixou muito claro se compreendeu a pergunta, ou se apenas fez destaque para o fato de ter recorrido apenas ao que sabe, e aos materiais disponibilizados.

#### PERGUNTA 7

Falas dos sujeitos referentes à <b>7ª pergunta</b> do questionário retrospectivo: <b>Fez uso de algum vocabulário controlado para selecionar os termos de indexação? (se você fez uso de algum glossário, dicionário, tesouro, verbetes referentes ao contexto das imagens ou do texto de apoio)</b>	
Sujeito 1	<i>Não. Busquei usar as nomenclaturas que tinham no texto de apoio.</i>
Sujeito 2	<i>Não</i>
Sujeito 3	<i>Não utilizei, uma vez que não foi sugerida a adoção de instrumento de vocabulário.</i>

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021

Sobre o uso de vocabulários controlados, os três sujeitos afirmam não ter utilizado de quaisquer materiais externos.

Faz-se destaque apenas para às respostas do sujeito 1, ao afirmar ter feito uso dos termos contidos no texto de apoio. E o sujeito 3, que afirmou não ter feito uso devido não terem sugerido (nas orientações do preenchimento) a adoção de “*instrumento de vocabulário*”.

#### PERGUNTA 8

Falas dos sujeitos referentes à 8ª pergunta do questionário retrospectivo: <b>Quais estratégias ou formas de chegar aos preenchimentos de cada campo, você utilizou? (os percursos você utilizou para chegar ao preenchimento dos campos, se houve uso do texto base).</b>	
Sujeito 1	<i>Utilizei a própria constituição das fotografias, como ver o enquadramento, ver o que estava em primeiro plano e o que estava em destaque, assim recorri ao texto base para apoio ao vocabulário que iria usar no preenchimento.</i>
Sujeito 2	<i>Utilizei apenas o texto base e a observação das imagens.</i>
Sujeito 3	<i>Apenas as fotografias e o texto de apoio.</i>

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021

A respeito de suas estratégias de preenchimento, o sujeito 1 disse ter utilizado a própria constituição da imagem fotográfica, o que estava em cada plano da foto, recorrendo – quando necessário – ao texto de apoio em busca de vocabulário para preencher os campos. O que reforça a análise de sua resposta dada à sexta pergunta.

Sobre o uso de outras fontes o sujeito 2 disse “*utilizei apenas o texto base e a observação das imagens*”. Único momento em que faz referência ao texto base, mesmo que não tenha parecido mais explícito em sua análise. De toda forma, a menção (assim como o sujeito 1) aos materiais disponibilizados sugere que além de terem depositado confiança no conteúdo para preencherem utilizando exclusivamente esses recursos.

O sujeito 3 em sua resposta reitera o que afirmou na sétima e sexta pergunta: “*Apenas as fotografias e o texto de apoio*”.

#### PERGUNTA 9

Falas dos sujeitos referentes à 9ª pergunta do questionário retrospectivo: <b>Usou outras fontes para buscar entender o contexto das fotografias? (se você recorreu à algum material externo que tivesse conceitos ou termos referentes ao contexto das imagens).</b>	
Sujeito 1	<i>Não utilizei.</i>
Sujeito 2	<i>Não.</i>

Sujeito 3	<i>Não. Me limitei a descrever sumariamente aquilo que via nas fotografias, com poucas sugestões de ações.</i>
-----------	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Diretos em suas respostas em suas respostas, os sujeitos 1 e 2 apenas negaram o uso.

Indo além da negativa, o sujeito 3 descreveu a forma que operou no preenchimento “*Não. Me limitei a descrever sumariamente aquilo que via nas fotografias, com poucas sugestões de ações*”. Em sua fala é possível observar a congruência com as análises feitas em seu preenchimento.

#### PERGUNTA 10

Falas dos sujeitos referentes à <b>10ª pergunta</b> do questionário retrospectivo: <b>Gostaria de fazer alguma consideração, ou acrescentar algo que não foi perguntado nesse questionário? (referente ou às imagens, ou ao texto para suporte etc.).</b>	
Sujeito 1	<i>não.</i>
Sujeito 2	<i>Só queria complementar que o uso de termos técnicos é necessário para uma padronização e organização funcional, mas é importante as vezes falar com uma linguagem mais simples para se fazer ser de fato entendido e obter o resultado almejado. Parabéns pelo trabalho.</i>
Sujeito 3	<i>Considero que para proceder o registro em qualquer instrumento é necessário um prévio estudo e conhecimento um tanto aprofundado sobre o acervo, sobre as referências da área, no caso acervo etnográfico, etnografia etc. por isso acredito que seria muito interessante consultar pessoas que trabalham com acervo de etno no MPEG ou nos laboratórios da UFPA para melhor balizar.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

O sujeito 1 foi o único que não fez considerações ou acréscimos.

O sujeito 2 fez a seguinte *consideração* “*Só queria complementar que o uso de termos técnicos é necessário para uma padronização e organização funcional, mas é importante as vezes falar com uma linguagem mais simples para se fazer ser de fato entendido e obter o resultado almejado. Parabéns pelo trabalho*”. Esta sua sugestão pode dialogar com a sugestão proposta pelo sujeito 1 em sua resposta à primeira pergunta, para que se usasse explicações em distintas das que foram utilizadas na instrução de cada campo de preenchimento. Ademais, essa sugestão é pertinente ao se levar em consideração que os estudos voltados à Comunicação, quanto à indexação são conhecimentos próximos ao desenvolvimento de exposições e documentação museológica (CURY, 2005). Sendo assim, nem todos os profissionais que não

trabalham com termos afins a estes contextos poderiam sentir-se à vontade para o preenchimento, podendo ter sido o caso de sua sugestão. Bem como, esta sugestão pode ser cabível ao público (não acadêmico) em geral.

O sujeito 3 fez as seguintes considerações “*Considero que para proceder o registro em qualquer instrumento é necessário um prévio estudo e conhecimento um tanto aprofundado sobre o acervo, sobre as referências da área, no caso acervo etnográfico, etnografia etc. por isso acredito que seria muito interessante consultar pessoas que trabalham com acervo de etno no MPEG ou nos laboratórios da UFPA para melhor balizar*”. Sua fala segue em conformidade tanto com suas respostas anteriores, quanto com às sugestões dos demais sujeitos, pois envolve a demanda por mais informação sobre o objeto-documento (as fotografias) indexadas, bem como essa sugestão também dialogaria com as propostas terminológicas dos demais sujeitos. Além disso, sua experiência profissional inclina-o a propor um suporte interdisciplinar com profissionais das áreas correlatas ao assunto tratado nas fotografias.

### 5.2.1 Discussão dos questionários retrospectivos

As perguntas do questionário retrospectivo foram aplicadas em sucessão ao preenchimento das fichas de análise mostrando-se compreendidas pelos sujeitos. A aplicação do questionário possibilitou verificar a aplicabilidade das competências prático-teóricas da Museologia, frente ao Método de Pato, o qual considera-se um instrumento de aplicação relativo ao contexto da análise de assunto (PATO, 2014; GATTO; ALMEIDA, 2020).

Ao longo de suas respostas os sujeitos participantes mostraram a importância da revisão dos termos utilizados para as instruções, o uso e estabelecimento de vocabulários controlados, modelos de aplicação instrutiva para o método proposto.

O sujeito 1, em suas sugestões, foi coerente com sua compreensão de como preencher os campos de índice e ícone. Assim acredita-se que ao demonstrar certa dificuldade para compreender inicialmente a forma de preenchimento, propôs uma alternativa que poderia ser viável de rever a acessibilidade dos termos utilizados nos demais campos e orientações, para que em outro momento indivíduos sem formação ou afinidade com o exercício da indexação possam ter contado com materiais de orientação para gestão e recuperação de conteúdos em seus próprios arquivos pessoais.

Ainda que seus apontamentos sobre a compreensão dos campos da ficha, o texto base mostrou-se eficiente para o sujeito 1, pois foi de onde combinou suas leituras dos componentes nas fotos, com a preocupação de uso de um vocabulário correspondente entre o que havia lido no texto, e observado na imagem, preocupando-se com a ligação de sentido entre seus preenchimentos.

Como observado nas respostas do sujeito 2, sua recomendação por uma padronização dos termos aproxima suas considerações das dificuldades demonstradas ao preencher os campos da ficha de análise; o que lhe demandou o uso de termos referentes ao seu domínio de conhecimento. Nesta sua recomendação sobre a padronização do vocabulário aproximou-se das considerações feitas pelo sujeito 3 que mencionou, inclusive, a possibilidade dos materiais de aplicação (ficha de análise e texto de apoio) terem sua elaboração orientada por profissionais que tivessem conhecimento relativo ao contexto das imagens disponibilizadas.

O sujeito 3, apesar de ter apontado as fotografias como seu principal referencial no levantamento de vocabulários, mencionou a necessidade de referências e estudo prévio sobre o assunto relativos aos documentos. Acredita-se que seu conhecimento prévio e experiência também com documentação e exposições, lhe permitiram a construção de uma estrutura de preenchimento própria.

Percebeu-se por meio das sugestões e respostas dadas, que as fotografias estavam em uma qualidade boa, com seus elementos visíveis, incluindo suas marcas de tempo como o caso do tom de *sépie* mencionado pelo sujeito 2. A demanda por uma revisão dos termos utilizados, a possibilidade de oferecer-lhes mais informações, talvez a indicação de referências bibliográficas; foram alguns dos pontos mais recorrentes. O que, apesar dos destaques parece não ter inviabilizado o preenchimento completo da ficha de análise baseada no MP, e a total resposta aos questionamentos feitos. Ao longo do processo de aplicação das fichas de análise e do questionário retrospectivo, percebeu-se que quanto mais confiança os sujeitos sentiam em dominar algum aspecto da fotografia, demonstravam maior facilidade em seguir as orientações sobre os campos, sendo mais suscetíveis ao preenchimento dos campos – com ressalva para alguns momentos onde a escolha dos termos foi pouco precisa, ou suscinta demais, questões que podem envolver tanto elementos cognitivos dos sujeitos, quanto os elementos psicológicos no ato da aplicação as fichas de análise (FUJITA, 2003; REDIGOLO, 2014; PATO, 2014; GATTO; ALMEIDA, 2020).



## 6 CONSIDERAÇÕES

A presente pesquisa teve intenção de relacionar os estudos de Indexação, Documentação e Organização do Conhecimento à um contexto de análise museológica; tendo como base, por exemplo, as perspectivas de autores internacionais clássicos e nacionais de estudos contemporâneos – a respeito do tema abordado. Não obstante, os resultados provindos dos profissionais que se permitiram participar da aplicação da metodologia proposta foram de grande relevância para às discussões levantas nesta pesquisa. Pois tanto a promoção de diálogos interdisciplinares, quanto o contexto extra institucional dos arquivos pessoais e a aplicação de instrumentos metodológicos baseados em um método – até o momento – não aplicado nas condições propostas; mostram-se como pertinentes e viáveis pontos de convergência para o estudo das áreas envolvidas.

Considera-se que a relevância desta pesquisa se apoia sobre questões como: primeiramente, o contexto de diálogo teórico transversal sobre Documento e Documentação, em meio à um contexto emblemático para as áreas da CI e da Museologia, objetos-documento presentes no arquivo pessoal de um antropólogo nortista. Em seguida, a proposta de relações conceituais e práticas entre dois campos circunscritos na Organização do Conhecimento, o Tratamento Temático e a Documentação Museológica; ambos inclusive aproximados por seus processos característicos, a indexação e a musealização, em que se defenderam semelhanças baseadas nas capacidades profissionais de: seleção, leitura, análise, tradução e representação. Por fim, a possibilidade de executar outros passos, que os autores em que o método utilizado foi baseado. Como mencionado anteriormente, até o momento e que esta pesquisa foi desenvolvida, o pesquisador Pato (2014) havia desenvolvido o método e suas bases conceituais, Gatto e Almeida (2020) aperfeiçoaram este método e sugeriram em suas considerações aplicações para futuras indexações; e por conseguinte o presente autor procurou realizar estas aplicações no contexto proposto no capítulo metodológico (quarto capítulo) desta pesquisa. E as constatações sobre este passo de aplicação de uma ficha de análise baseada no Método de Pato encontram-se tanto no quinto capítulo, quanto no decorrer destas considerações.

Ademais, para compor as considerações do trabalho retomam-se os objetivos específicos que nortearam o desenvolvimento da pesquisa, juntamente às discussões

suscitadas pelos aportes teóricos e pela aplicação dos métodos. E os objetivos mencionados anteriormente foram: A – estudar o conceito de documentação e documento na Ciência da Informação e na Museologia; B – realizar um levantamento teórico sobre organização do conhecimento, bem como sobre a indexação; C – investigar procedimentos, dificuldades e estratégias no processo de indexação de fotografias no contexto do arquivo pessoal do etnólogo Edson Diniz sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara* com o uso da ficha de análise baseada no Método de Pato.

Dessa forma, a articulação destes objetivos orientou a pesquisa na direção do objetivo geral: refletir sobre a indexação dos conteúdos presentes nas fotografias que compõem o arquivo pessoal do etnólogo Edson Diniz sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara*.

Outrossim, as considerações aqui traçadas seguem a organização dos itens pontuados ao longo do texto.

A partir dos objetivos específicos A e B pôde-se elaborar os embasamentos teóricos do texto, mediante os referenciais abordados, para que a pesquisa pudesse trabalhar temas transdisciplinares: Documento, Documentação e a Organização do Conhecimento.

No capítulo 2 (partindo do objetivo específico A) foram expostos estudos referentes à construção teórica da Documentação e dos conceitos de Documentos emblemáticos tanto para os estudos da Ciência da Informação, quanto para a Museologia. De forma que as concepções de autores como Paul Otlet e Suzane Briet são percebidas até o presente, sejam em discussões teóricas ou metodológicas nos debates sobre a compreensão de documento como objeto de estudo.

Então, a partir dos diferentes contextos e estudiosos, a cada demanda, momento histórico e ampliação de diálogos a respeito do documento, a compreensão sobre este documento assumia uma nova faceta. O que não foi diferente ao ter se tornado também, objeto de estudo da Museologia.

Assim, ao elaborar de acordo com as demandas da área, a Museologia por meio de teóricos como Ivo Maroevic, Zbynek Stránský, Waldisa Russio, Peter van Mench e Anna Gregorová; procurou-se expor onde o termo documento, na intenção dos estudiosos contemplarem a complexidade das realidades onde o objeto de estudo da Museologia se manifesta, um dos termos adotados – até a atualidade – é o de objeto-documento.

E é sobre a compreensão do alcance deste objeto-documento que as imagens fotográficas encontradas no arquivo pessoal de Edson Soares Diniz, foram conceitualmente inseridas por meio dos estudos realizados sobre Documento e Documentação.

O capítulo 3 (correspondente ao objetivo específico B) discorreu-se sobre a Organização do Conhecimento, sua caracterização em distinção à Organização da Informação. De maneira que ao estabelecer esta diferença por meio das falas dos(as) autores(as) – como Marisa Bascher, Ligia Café, Birger Hjørland, Ingetraut Dahlberg, Rafael Capurro, entre outros(as) – pretendeu-se localizar novamente o objeto de estudo da pesquisa em meio à perspectiva da OC, pois o que foi pretendido com as imagens do grupo *Tentehara-Guajajara* tratava-se de seu teor, seus conteúdos, o que está presente ali naquelas imagens que ainda é possível de ser recuperado para geração de novos conhecimentos, para além de sua intencionalidade no contexto em que foram produzidas.

Assim suscitou-se o valor documental das fotografias presentes no acervo, o que de intrínseco estes objetos-documento trazem consigo, e o potencial de sua musealidade.

Ainda neste capítulo, seguiu-se com o levantamento de referenciais que pudessem aproximar o desenvolvimento da pesquisa ao objetivo geral. Dessa forma, com o intuito de manter o diálogo entre as similitudes referentes à Museologia e Ciência da Informação para tratar do conhecimento contido e representado pelas imagens fotográficas registras por Edson Diniz, recorreu-se aos estudos de Indexação.

Então ao abordar o processo de indexação, dentro do contexto de tratamento temático da informação, trouxeram-se paralelos com o processo de musealização; percebendo que ambos os processos se debruçam sobre uma releitura conceitual dos documentos que são de sua competência, estão sujeitas às subjetividades de quem os exerce, com a finalidade de que estes possam ser recuperados atendendo da melhor forma possível a demanda de seus usuários e profissionais.

No capítulo 4 (desenvolveu-se sobre o objetivo específico C), investigou-se sobre a aplicação do instrumento metodológico utilizado na pesquisa, que se tratou da ficha de análise de imagens fotográficas baseada no Método de Pato. A fim de poder verificar a aplicabilidade da ficha de análise, com a participação de profissionais com formação museológica, frente à um exercício de indexação de documentos com registros não verbais.

Até o presente momento desta pesquisa, não se havia encontrado quaisquer aplicações baseadas no Método de Pato, em imagens fotográficas, com profissionais museólogos(as), inseridos em um contexto do arquivo pessoal de um etnólogo indigenista. O desafio desta aplicação estava justamente entre as argumentações levantadas nos capítulos anteriores, sobre as aproximações conceituais e práticas entre a CI e a Museologia, em meio às fontes clássicas em que ambas fundamentavam suas elaborações documentais.

Por conseguinte, em meio a um arquivo tão diversificado quanto o de Edson, encontrar um termo que pudesse englobar tanto a representação daquele conjunto documental dividido em diversas tipologias (fotos, livros, mapas, cartas, artefatos, entre outros), quanto selecionar documentos referentes à uma destas tipologias mostraram-se como outros desafios metodológicos. Então ao partir do discurso sobre a relevância que conjuntos documentais como os de Edson Diniz construíam-se sobre o hábito de arquivar seus documentos, e a relevância dos conteúdos destes documentos estarem para além dos conhecimentos já presentes em instituições de memória (Arquivos, Museus, Bibliotecas e Centros de Documentação), que se propôs – pelo alcance de tipologias documentais que abarca e pelo perfil organizacional – o termo arquivo pessoal para retratar este volume documental o qual as fotografias selecionadas pertencem. No caso da seleção da tipologia fotográfica, a demanda deu-se pelo fato de ser um tipo de objeto-documento recorrente no trato da documentação museológica, e pelo contato com a pesquisa de Gatto e Almeida (2020) durante o levantamento de referenciais de aplicação da indexação.

A priori a aplicação da ficha de análise baseada no Método de Pato possibilitou observar – na prática – a relação entre indexação e recuperação da informação, a exposição de variáveis que compuseram o processo de indexação, como a exaustividade e a especificidade levantadas pelos sujeitos participantes.

Não obstante, as considerações de Pato (2014), Gatto e Almeida (2020) que aplicaram anteriormente o método de análise e indexação de imagens elaborado por Pato (2014) convergiam sobre elementos como: a complexidade da imagem fotográfica e sua verossimilhança com a realidade que busca representar; a acessibilidade na apreensão de informações oriundas nos símbolos presentes na imagem; a necessidade de dados anteriores à imagem; a viabilidade de aplicação deste método para recuperações em

diferentes contextos; e reconstrução da imagem através da leitura subjetiva de seu(sua) catalogador(a).

Ao contextualizar a aplicação da indexação de imagens propostas no Método de Pato foi possível verificar sugestões, eficácia e considerações sobre o uso deste instrumento metodológico para a análise de objetos-documentos recorrentes em acervos museológicos, como as fotografias. As variáveis destacadas das considerações dos autores, juntamente às considerações dos sujeitos participantes permitiram não só aproximar a pesquisa dos objetivos pretendidos, mas também de outros paradigmas e perspectivas que surgiram a partir da aplicação do Método de Pato ao contexto da pesquisa.

À vista disso, no capítulo 5 pôde-se observar resultados interessantes, nos quais em se verificou a aplicabilidade da indexação proposta, meio as condições oferecidas aos sujeitos participantes. Pois além dos preenchimentos feitos tendo como base os recursos oferecidos (instruções nas fichas de análise e texto de apoio), foram levantados diversos termos que estabeleciam alguma relação com que era observado nas imagens fotográficas. Penas com a ressalva feita durante a discussão de seus preenchimentos, quanto algumas escolhas de termos vazios, os quais os sentidos ampliariam demais a os resultados passíveis de recuperar, em um acervo museológico institucional hipotético; o que denotou uma maior prática de indexação exaustiva, em contraponto aos termos mais específicos.

Contudo este ponto, de uma sensação de apreensão limitada da realidade do documento analisado, denotava-se não só na busca dos sujeitos por descreverem e sintetizarem o que observaram, mas também demonstraram por meio das respostas dadas nos questionários retrospectivos um apontamento feito pelos próprios autores que trabalharam o Método de Pato, que se trata da demanda por mais informações, ou dados prévios sobre o contexto dos documentos indexados, mesmo com a presença dos materiais de apoio oferecidos; onde haviam informações sobre o método, sobre Edson Diniz e sobre o grupo *Tenetehara-Guajajara* (PATO, 2014; GATTO; ALMEIDA, 2020).

Em relação às outras considerações relativas às apreensões dos autores, o processo de aplicação das fichas de análise também confirmou – através das falas dos sujeitos – que a presença e disposição dos símbolos presentes nas imagens serviram como fonte principal da seleção dos termos escolhidos pelos sujeitos, em detrimento do

texto de apoio disponibilizado, ou da possibilidade de terem recorrido à algum material externo. Outra ocorrência deu-se pelo fator de subjetividade no preenchimento de cada sujeito participante, que se buscou representar por seus diferentes perfis profissionais – apesar de serem todos bacharéis em Museologia.

De forma geral, com esta pesquisa, as discussões levantadas pelos sujeitos a respeito do questionário retrospectivo e por meio da ficha de análise foram satisfatórias. Entretanto, indicaram a necessidade de um material de apoio mais consistente, com um maior volume informacional, que possa agregar mais especificidade sobre cada imagem disponibilizada, acompanhado de vocabulários controlados que possam auxiliar na autonomia dos usuários das fichas. A proposta de um manual que possa promover a reprodutibilidade do método para ser adaptado aos mais diversos perfis profissionais, ou quem sabe até para participações de usuários junto aos procedimentos, pela *folksonomia*, com o intuito de contemplar questões de ordem contextual sobre as diferentes compreensões dos termos (CAIRNS, 2011).

Deste modo, mesmo que se discuta sobre vias de aprimoramento ou expansão do alcance dos materiais trabalhos nesta pesquisa, entende-se que há uma formulação única que abarque diferentes contextos para os processos de indexação. Todavia, a busca pelo estabelecimento de materiais pautados em sistematicidades que possibilitem a organização de conteúdos necessários para a recuperação de informações tanto de profissionais da informação, quanto usuários; permitem que se alcance um processo de indexação otimizado (LANCASTER, 2004; REDIGOLO, 2014; ARAÚJO, 2017).

Portanto, espera-se que as reflexões e os resultados desta pesquisa possam contribuir para que outros estudos que visam a avaliar a indexação de imagens fotográficas em contextos semelhantes, ou outros do que o representado aqui. Considerando o diálogo *inter* e transdisciplinar proposto ao se estabelecerem pontos de convergência teórica e prática entre a Ciência da Informação e a Museologia.

Como perspectivas futuras, espera-se que outros estudos e debates venham desenvolver mais sobre indexação e musealização como processos relevantes tanto às instituições de memória, quanto à sociedade como um todo. Levando em consideração a riqueza das informações contidas em cada arquivo pessoal que possa estar – em certa medida – além dos alcances institucionais.

Por fim, faz-se oportuno destacar a relevância na manutenção de estudos destas áreas irmãs no contexto da região amazônica, para a apoiar na composição de bases

teórico-metodológica, e vislumbrar aperfeiçoamentos benéficos aos pesquisadores, usuários, às instituições, e à sociedade, por meio de recuperações da informação mais eficazes e acessíveis.

## REFERÊNCIAS

ALBRETCHTSEN, H. **Subject analysis and indexing**: from automated indexing to domain analysis. *The Indexer*, London, v.18, n. 4, p. 219-24, 1993.

ALEXANDER, E. P. **What is a museum?** In: \_\_\_\_\_. *Museums in motion: an introduction to the History and Functions of Museums*. Nashville: American Association for State and Local History, 1979. p. 5-15.

APPADURAI, A. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução de Agatha Bacelar – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

ARAÚJO, C. A. A. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos; São Paulo, SP: Associação Brasileira de Profissionais da Informação, 2014. 200 p.

ARAÚJO, C. A. A. **O conceito de informação na ciência da informação**. *Informação e Sociedade*, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 95-105, set./dez. 2010.

ARAÚJO, C. A. A. **Protagonismo como categoria analítica em estudos de usuários da informação**. In. *Informação e Protagonismo Social*. Edufba. Salvador, 2017. P.129 a 146.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BARBANTI, C. H. **Representação e recuperação da informação em centros de memória**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo: SP, 2015, 77 p.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BITTENCOURT, J. N. **A pesquisa como cultura institucional: objetos, política de aquisição e identidades nos museus brasileiros**. In: SANTOS, Claudia Penha dos; GRANATO, Marcos (Orgs.). *Museu: instituição de pesquisa*. Rio de Janeiro: MAST, p. 37-49, 2005. (MAST Colloquia; 7).

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. **Organização da informação ou organização do conhecimento?**. IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 2008.

BRIET, S. **O que é a documentação?** Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. — Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2016.

BRITTO, A. d. **A construção de um sistema de documentação para o acervo do MAFRO / UFBA.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo: SP, 2015, 124 p.

BRULON, B. **Provocando a museologia:** o pensamento germinal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. *An. mus. paul.*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 403-425, Apr. 2017. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142017000100403&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142017000100403&lng=en&nrm=iso)>. access on 02 May 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0114>.

BORKO, H. **Information science: what is it? American documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968.

BUCKLAND, M. K. **Information as a thing.** *Journal of the American Society for Information Science*, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.

CAFÉ, L.; BRÄSCHER, M. **Organização do conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos.** *Informação & Informação*, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 25-51, dez. 2011. ISSN 1981-8920. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10388>>. Acesso em: 08 set. 2019.

CAMARGO-MORO, F.. **Museu:** aquisição/documentação. Rio de Janeiro: Eça, 1986. 309 p.

CAMPOS, J. F. G.. **Arquivos pessoais: experiências e perspectivas.** Associação de Arquivistas de São Paulo. – São Paulo: ARQ-SP, 2019. 297 p. – (Eventus, 5).

CÂNDIDO, M. I. **Documentação museológica.** in. *Caderno de Diretrizes Museológicas*. 2Ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus., 2006. p. 31 -90. Disponível em: <[http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno\\_Diretrizes\\_1%20Completo.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_1%20Completo.pdf)>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

CÂNDIDO, M. M. D. **As ondas do pensamento museológico:** balanço sobre a produção brasileira. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Káti Regina Felipini (Orgs.). *Museus como agentes de mudança social desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas.* São Cristóvão: Museu d Arqueologia de Xingó, 2008.

CAIRNS, S.. **Tag! You're It!** What Value do Folksonomies Bring To The OnlineMuseum Collection?. *Museum and the web*. 2011. Disponível em: <[http://www.museumsandtheweb.com/mw2011/papers/tag\\_youre\\_it\\_what\\_value\\_do\\_folksonomies\\_bring\\_.html](http://www.museumsandtheweb.com/mw2011/papers/tag_youre_it_what_value_do_folksonomies_bring_.html)> Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

CAPURRO, R. **Epistemologia e ciência da informação**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. p. 1-21. Disponível em: <[http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm)>. Acesso em: 10 junho de 2020.

CARDOSO FILHO, J.C; SANTOS, M. M. **Principais aplicações na Ciência da Informação**. In: ALVARES, L. (Org). Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012. 248 p. Capítulo 4, p.185/223.

CASTELLO, L. A.; MÁRSICO, C. T.; XAVIER, I. M. **Oculto nas palavras**: dicionário etimológico para ensinar e aprender. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CERÁVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. de F. **Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador, BA. Anais..., 2007.

CHAUMIER, J. **Indexação: conceito, etapas, instrumentos**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 21, n. 1/2, p. 63-79, jan./jun. 1988.

COX, Richard J. **Arquivos pessoais: um novo campo profissional – leituras, reflexões e reconsiderações**. Tradução: Anderson Bastos Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017.

CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil). **O que são arquivos pessoais?** FGV, 2017. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>.

CUNHA, M.T.S. **Essa coisa de guardar...homens de letras e acervos pessoais**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, Maio/Ago 2008. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.

CURY, M. X.. **Museologia. Marcos referenciais**. Cadernos do CEOM. Chapecó: Argos, n. 21, p. 45-73, 2005.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

DAHLBERG, I. **Teoria do conceito**. Ciência da Informação, v. 7, n. 2, p. 101–107, 1978.

DAHLBERG, I. **Why “knowledge organization”?** The reasons for IC's change of name. Knowledge Organization, Wurzburg, n. 20, v. 1, 1993. Editorial.

DAHLBERG, I. **Current trends in knowledge organization**. In: ENCUENTRO DE, ISKO-ESPAÑA, I, 1993, Madrid. Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación. Zaragoza, 1995. p. 7-25.

DAHLBERG, I. (2006). **Knowledge organization: A new science?** Knowledge Organization. 33. 11-19.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto: teoria e prática.** Brasília: Thesaurus, 2007.

DINIZ, E. S.. **Os Tenetehara-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica.** Belém: Universidade Federal do Pará/CNPq, 1994.

DINIZ, J. V.C. **Documentos herdados:** um estudo a partir do acervo Edson Diniz sobre o grupo Tenetehara-Guajajara. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Artes Visuais. Universidade Federal do Pará, 2018.

FERREZ, H. D. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática.** Cadernos de Ensaio n.2: estudos de museologia. Rio de Janeiro: Minc/Iphan, 1994.

FONSECA, M. C. L.. **Para além da pedra e cal:** por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ e UNI-RIO 2003. p. 56-77.

FROHMANN, B. **Documentation redux:** prolegomenon to (another) philosophy of information. Library Trends, v. 52, n. 3, 2004.

FUJITA, M. S. L. **A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação.** RDBCI: Revista Digital De Biblioteconomia E Ciência Da Informação, v. 1, n. 1, 60-90, 2003. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v1i1.2089>.

GATTO, A. C.; ALMEIDA, C. C. . **Modelo semiótico de leitura documentária para indexação de fotografias.** In: Mariângela Spotti Lopes Fujita; Roberta Caroline Vesu Alves; Carlos Cândido de Almeida. (Org.). Modelos de leitura Documentária para Indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, v. , p. 425-444.

GUARNIERI, W. R. **Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação.** Cadernos Museológicos, n.3, p.7, 1990.

GUIMARÃES, J. A. C. **Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI):** catalogação de assunto, indexação e análise documental. IBERSID: revista de sistemas de información y documentación, v. 3, p. 105-117, 2009. Disponível em: <http://ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/3730/3491>. Acesso em: 7 set. 2020.

**Herodograma-** Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa <http://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portuguesbrasileiro/herodograma/>).

HJØRLAND, B. **What is knowledge organization (KO)?** Knowledge Organization, v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008.

ISKO, *International Society for Knowledge Organization*. **About ISKO**. Disponível em: <<https://www.isko.org/about.html>>. Acesso em: 10 Jul. 2020.

ISKO-BRASIL, *International Society for Knowledge Organization*. **Capítulo Brasileiro**. Disponível em: <[http://isko-brasil.org.br/?page\\_id=16](http://isko-brasil.org.br/?page_id=16)>. Acesso em: 18 Jul. 2020.

LARA, M. L. G. de; ORTEGA, C. D.. **A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje**. In: IX CONGRESSO ISKO - ESPAÑA, mar. 2009, Valência. Nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento - Actas del Congreso, 2009, Valencia: Universidad Politécnica de Valencia, Servicio de Publicaciones, v. 1. p.528-544, 2009. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/28289230\\_A\\_nocao\\_de\\_documento\\_de\\_otlet\\_aos\\_dias\\_de\\_hoje](https://www.researchgate.net/publication/28289230_A_nocao_de_documento_de_otlet_aos_dias_de_hoje)>. Acesso em: 30 de março de 2020.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 452 p.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2004.119 p.

LIMA, D. F. C.. **Museologia-museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. [online]. 2012, vol.7, n.1, pp.31-50.

LIMA, J. L. O.; ALAVARES, L. **Organização e representação da informação e do conhecimento**. In: Alvares, L. (Org.) Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo, 2012. 248 p. cap.1, pp 21-48.

LÓPEZ-YEPES, J.. **La ciencia de la información documental**. El documento la disciplina y el profesional en la era digital. México, D.F. Primera edición, 2015.

LUND, N. W. **Document theory**. Annual Review of Information Science and Technology, v. 43, n. 1, p. 1-55, 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/aris.2009.1440430116/full>>. Acesso em: 09 de abril de 2020.

MAZZOCCHI, F. **Knowledge organization system (KOS): an introductory critical account**. Knowledge. Org v.45, no. 1 p.54-78. 2018. Also available in Hjørland, Birger, ed. ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization, <http://www.isko.org/cyclo/kos> HURLEY, C. What, if anything, is a function? Archives and Manuscripts v.21, n.2 p.208-220, 1993.

MAROEVIĆ, I. **The Museum Object as a Document**. SYMPOSIUM OBJECT-DOCUMENT. 1994. Beijing. Proceedings. Beijing: ICOM, 1994. p. 113-119. (ICOFOM Study Series, 23).

MENESES, U. T. B.. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público**. 1997.

MEYRIAT, J. **Document, documentation, documentologie**. Schéma et Schématisation, n. 14, p. 51-63, 1981. Tradução de Camila Mariana A. da Silva; Marcílio de Brito; Cristina Dotta Ortega. Documento, documentação, documentologia. Perspectivas em Ciência da Informação, v.21, n.3, p.240-253, jul./set. 2016. Disponível em: < <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/46770>>. Acessado em: 10 de abril de 2020.

MENSCH, P. V.. **The object as data carrier**. In: Towards a methodology of museology. Zagreb, 1992. Tese (Doutorado em Museologia) - Universidade de Zagreb, 1992. Disponível em: <[http://www.muuseum.ee/et/erialane\\_areng/museoloogiaalane\\_ki/ingliskeelne\\_kirjand/p\\_van\\_mensch\\_toward/mensch12](http://www.muuseum.ee/et/erialane_areng/museoloogiaalane_ki/ingliskeelne_kirjand/p_van_mensch_toward/mensch12)>.

MILLER, D.. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Daniel Miller; Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Zahar, 2013.

MONTEIRO, J. **Documentação em museus e objeto-documento: sobre noções e práticas**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação e Artes (ECA) USP. São Paulo, 2014.

ICOM BRASIL. **O Conselho Internacional de Museus – ICOM**. 2020. Disponível em: <[https://www.icom.org.br/?page\\_id=4](https://www.icom.org.br/?page_id=4)>. Acesso em: 23 de dezembro de 2020.

ORTEGA, C. D. **A Documentação como uma das origens da ciência da informação e base fértil para sua fundamentação**. Brazilian Journal of Information Science, v. 3, n. 1, p. 3-35, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/viewFile/48/263>>. Acesso em: 23 de março de 2020.

OTLET, P. **Documentos e documentação**. Tradução: Hagar Espanha Gomes. Paris, 1937. Introdução aos trabalhos do Congresso Mundial da Documentação Universal, realizado em Paris, 1937. s/p. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/otlet/index.htm>>. Acesso em: 26 março de 2020.

OTLET, P. **Tratado de documentação: o livro sobre o livro teoria e prática**. Tradução de Taiguara Villela Aldabalde et al. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2018. xlv, 698 p., il.

PACE, R. **O legado de Charles Wagley: uma introdução**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9, n. 3, p. 597-615, set.-dez. 2014.

PADILHA, R. C.. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. 71 p. (Coleção Estudos Museológicos; v. 2.).

PATO, P. R. G.; MANINI, M. P. **Polissemia da imagem, indexação e recuperação da informação**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. Anais... Florianópolis: ANCIB, 2013. Disponível em: <<http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/43/409>>. Acesso em: 05 out. 2020.

PATO, P. R. G. **Ícone, índice e símbolo, fundamentos para ler e organizar a informação em imagens**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15. Belo Horizonte: Minas Gerais, ENANCIB, 2014.

PEIRCE, Charles S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Disponível em: <[http://www.4shared.com/document/oRnzQCug/The\\_Collected\\_Papers\\_of\\_Charle.html](http://www.4shared.com/document/oRnzQCug/The_Collected_Papers_of_Charle.html)>. Acesso em: 08 jan. 2021. (CP 2.275).

PINHEIRO, L. V. R. **Confluências interdisciplinares entre ciência da informação e museologia**. Museologia & Interdisciplinaridade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília Vol.1, nº1, jan/jul de 2012.

PINHEIRO, L. V. R. **Gênese da ciência da informação ou sinais anunciadores da nova área**. In: O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa, UFPB, 2002. P.61-86.

PINHEIRO, L. V. R. **Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação**. Informação e Sociedade, João Pessoa, v. 15, n.1, 2005.

PINTO, V. B.; MEUNIER, J-G.; SILVA NETO, C. **A contribuição peirciana para a representação indexal de imagens visuais**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 13, n. 25, p. 15-35, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n25p15/878>. Acesso em: 05 out. 2020.

POMIAN, K. **Coleção**. In: GIL, Fernando (Org.). Memória-História. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

RAYWARD, W. B. **The origins of information science and the international institute of bibliography/international federation for information and documentation 169 (FID)**. Journal of the American Society for Information Science, New York, v. 48, n. 4, p. 289–300, 1997.

REDIGOLO, F. M. **O processo de análise de assunto na catalogação de livros em bibliotecas universitárias: aplicação do protocolo verbal**. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

SANTOS, C. P. d. **A Documentação de acervos de ciência e tecnologia como objeto de museu: Definindo especificidades a partir do caso do museu de astronomia e Ciências Afins (MAST)**. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Universidade

Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2016. 303 p.

SARACEVIC, T. **Ciência da informação: origem, evolução e relações**. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SCAFF, L. M. **Eduardo Enéas Gustavo Galvão 1921 – 1976**. Acta Amazônica. Ano II. Nº 4. Dez. 1976. Disponível em: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú <http://www.etnolinguistica.org>).

SCHEINER, T. C. **Repensando o museu integral: do conceito às práticas**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012

SEVERINO, A. J. S. **Metodologia do trabalho científico** [Livro eletrônico] – 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, A. M. **Conhecimento/informação: sinonímia e/ou diferenciação?** In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. Organização e representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação. Brasília: Thesaurus, 2003. (Estudos Avançados em Ciência da Informação; 3). p. 23-41.

SILVA, J. C. B.; NETTO, R. M. **Fotografia: um olhar semiótico sobre uma linguagem não-verbal**. Letra Magna: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Linguística e Literatura, Brasil, v. 04, n. 9, 2008. Disponível em: <http://www.letramagna.com/fotografia.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

SMIRAGLIA, R. P. **The elements of knowledge organization**. New York: Springer, 2014. E-book. DOI 10.1007/978-3-319-09357-4.

SMIT, J. W. Documentação e suas diversas abordagens. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia Niemeyer Matheus (Orgs.). **Documentação em museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. p. 37-49. (MAST Colloquia; 10).

SMIT, J. W. **A representação da imagem**. Informare, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 29-36, jul. 1996.

SOARES, B. C. B. **Magia, musealidade e musealização: conhecimento local e construção de sentido no Opô Afonjá**. Revista Musear, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 61-75, jun. 2012.

STRÁNSKÝ, Z. Z. **Predmet muzeologie [O objeto da museologia]**. In: \_\_. ed. Sborník materiálu prvého muzeologického sympozia [Anais do primeiro simpósio museológico]. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30-33.

TÁLAMO, M. F. G. M.; SMIT, J. W.. **Ciência da informação: pensamento informacional e integração disciplinar**. Brazilian Journal of Information Science, v.1, n.1, p. 33-57, jan./jul 2007. Disponível em:

<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/viewFile/30/29>>. Acesso em: 13 de março de 2020.

**Tembé.** Povos indígenas no Brasil. Categorias: Povos indígenas no Maranhão/Povos indígenas no Pará. Colaboradores: Virgínia Valadão (1952-1998), Centro de Trabalho Indigenista - Adaptado pela equipe do ISA. Publicado originalmente em 09/2001. Modificado pela última vez em 16 de julho de 2018. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Temb%C3%A9>>.

VERÍSSIMO, J.. **As populações indígenas e mestiças da Amazônia.** Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo L, Parte Primeira, Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C. 1887.

WILSON, T. D. **A problemática da gestão do conhecimento.** In: TARAPANOFF, K. (Org.). Inteligência, informação e conhecimento. Brasília, DF: IBICT, UNESCO, 2006. p.37-55.

## APÊNDICES

---

### APÊNDICE A – TEXTO DE APOIO PARA À LEITURA DAS IMAGENS

O presente texto foi elaborado a partir de documentos de Edson Diniz e seus estudos sobre o grupo *Tenetebara-Guajajara*, bem como as fotografias compartilhadas para análise fazem parte de registros de campo feitos por Edson.

O acervo de Edson Diniz deriva do empenho pessoal e sistemático deste antropólogo indigenista durante o XX, ao longo de seus 50 anos de pesquisas nacionais. Os documentos sobre o grupo *Tenetebara-Guajajara* estão registrados entre as décadas de 1970 e 1990. Sobre o estudioso Edson Soares Diniz (1934 - 2012), sabe-se que nasceu no município de Santarém, trabalhou como etnólogo indigenista, suas pesquisas desenvolviam-se entorno dos conflitos étnicos entre grupos rurais não-indígenas e grupos étnicos nativos (DINIZ, 2018).

Já sobre o grupo *Tentebara*, tomou-se conhecimento de que este é tido como um termo geral para abranger os *Guajajara* do estado do Maranhão e aos *Tembé*<sup>35</sup> do Pará. Falantes da língua *Tupi-Guarani* podem ser considerados bilingues, devido saberem comunicar-se também em português (DINIZ, 1994), e, até hoje passam por situações de conflito por questões agrárias. Como era de praxe em seus trabalhos com as populações tradicionais, em seus estudos sobre os *Tenetebara*, o pesquisador volta sua análise para os tipos de relações entre a comunidade nativa e a sociedade nacional (na forma dos moradores da região), bem como as integrações socioculturais ocorridas neste processo.

A partir das leituras dos textos de Edson soube-se que os *Tenetebara-Guajajara*, como um todo, não apresentam mudanças fundamentais de sua organização econômico-social desde 1945, apesar de terem sido removidas muitas barreiras para a modernização da área que habitam. Em consequência de viverem rodeados de sítios, de fazendas, de

---

<sup>35</sup> Os *Tembé* constituem o ramo ocidental dos *Tenetebara* são conhecidos por Guajajara. Suas autodenominações são designadas como *Tenetebara*, que significa gente, índios em geral. *Tembé*, ou sua variante *Timbé*, constitui um nome que provavelmente lhes foi atribuído pelos regionais. De acordo com o linguista Max Boudin, *timbeb* significaria "nariz chato". Destaca-se como um nome emblemático em pesquisas realizadas com o grupo *Tembé* do Pará. A pesquisadora Jane Felipe Beltrão, que a partir da perspectiva sociocultural, em estudo da trajetória deste grupo na contemporaneidade. Até o momento, os *Tembé* têm sido obrigados a conviver com centenas de famílias de posseiros em suas terras e sofrem os efeitos da atuação irregular de madeireiros, fazendeiros e empresários (DINIZ, 2018).

povoados, de vila e de cidades, resulta um natural processo de interação e de dependência em relação à sociedade envolvente (DINIZ, 1994).

Os *Tenetehara-Guajajara*, mesmo descaracterizados culturalmente, conseguem manter sua individualidade. Assim, a língua, a chefia idealmente hereditárias, o sistema de parentesco matrilocal<sup>36</sup>, a descendência bilateral, a poligamia e o xamanismo continuam operativos. Ainda há restrições às uniões entre primos paralelos e cruzados e outros parentes próximos (tios. maternos e paternos), sendo desejável que o casamento ocorra entre pessoas da mesma aldeia (DINIZ, 1994).

A economia de subsistência, baseada na agricultura de coivara, na caça e, secundariamente, na coleta e na pesca, é mantida. Mas, a vivência intersocietária levou-os, inevitavelmente, a tornarem-se participantes marginais da economia regional. Em consequência disso, dedicam-se à confecção de artesanato para venda e, eventualmente, executam serviços braçais para vizinhos, serviços esses restringidos por influência do órgão protecionista. Pode-se afirmar que a comercialização do artesanato, muito embora seu preço seja diminuto, constitui uma fonte contínua de obtenção de dinheiro, usado para compra de produtos manufaturados (DINIZ, 1994).

Não há como negar o processo de integração à sociedade brasileira, em especial à sua cultura. Essa persistência é resultante de uma série de fatores, tais como: a vida em reserva, a luta pela terra em que vivem, o sentimento de constituir um povo diferente dos demais e a flexibilidade cultural demonstrada no embate interétnico (DINIZ, 1994).

**DINIZ, E. S. Os Tenetehara-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica.** Belém: Universidade Federal do Pará/CNPq, 1994.

**DINIZ, J. V.C. Documentos herdados:** um estudo a partir do acervo Edson Diniz sobre o grupo Tenetehara-Guajajara. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Artes Visuais. Universidade Federal do Pará, 2018.

---

<sup>36</sup> Na antropologia social, a residência matrilocal ou matrilocidade é o sistema social em que um casal reside com ou perto dos pais da esposa.

## **APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO RETROSPECTIVO REFERENTE À INDEXAÇÃO DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS**

### **Questões sobre o modelo**

- 1) Houve algum campo da ficha que não ficou claro? (alguma informação que você acredita ter faltado, que tenha ficado ambíguo, ou incompleto). Se sim, quais informações, ou explicações você acrescentaria a este campo?
- 2) Houveram dificuldades referentes ao preenchimento? (dificuldade para encontrar algum termo que pudesse ser alocado no correspondente campo da ficha).
- 3) Os elementos das imagens fotográficas estavam visíveis? (se foi possível observar os elementos solicitados nos campos, nas imagens compartilhadas por e-mail).
- 4) Alguma sugestão para alterações, ou acréscimos neste modelo de aplicação metodológica? (suas considerações visando a perspectiva museológica sobre o instrumento de pesquisa utilizado).

### **Questões sobre a Indexação das fotografias**

- 5) Quais estratégias de leitura você utilizou para compreender as imagens fotográficas? (focou em algum elemento ou mais elementos imagéticos, utilizou integralmente o texto de apoio, reviu as imagens mais de uma vez).
- 6) Quais os procedimentos decisórios tomados para identificar os termos de indexação? (a forma que você chegou aos termos utilizados para preencher os campos propostos na ficha, sua escolha de termos que tenha considerado mais adequados para indexação das imagens).
- 7) Fez uso de algum vocabulário controlado para selecionar os termos de indexação? (se você fez uso de algum glossário, dicionário, tesauro, verbetes referentes ao contexto das imagens ou do texto de apoio)
- 8) Quais estratégias ou formas de chegar aos preenchimentos de cada campo, você utilizou? (os percursos que você utilizou para chegar ao preenchimento dos campos, se houve uso do texto base).

9) Usou outras fontes para buscar entender o contexto das fotografias? (se você recorreu à algum material externo que tivesse conceitos ou termos referentes ao contexto das imagens).

10) Gostaria de fazer alguma consideração, ou acrescentar algo que não foi perguntado nesse questionário? (referente ou às imagens, ou ao texto para suporte etc.).

## **APÊNDICE C – E-MAIL SOLICITANDO A PARTICIPAÇÃO DOS SUJEITOS NA PESQUISA**

Olá! Venho por meio deste e-mail solicitar sua participação no uso de um instrumento de aplicação metodológica voltada um diálogo entre conceitos e procedimentos relativos às áreas da Museologia e da Organização do Conhecimento. Você foi selecionado(a) para receber este e-mail devido a escolha de aplicação desta ficha exclusivamente com profissionais Museólogos(as) formados(as). Nos anexos deste e-mail seguem documentos para contextualização e preenchimento de fichas voltadas o instrumento metodológico escolhido como parte relevante de minha pesquisa (intitulada A INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO ARQUIVO PESSOAL EDSON DINIZ SOBRE O GRUPO THENETEHARA-GUAJAJARA). A pesquisa tem como objetivo geral visa refletir sobre a indexação dos conteúdos presentes nas fotografias que compõem o arquivo pessoal do etnólogo Edson Diniz sobre o grupo Tenetehara-Guajajara.

As fotografias em anexo podem ser baixadas, e seguem a ordem proposta na ficha de análise (em documento anexo), como por exemplo: Fotografia 1, Fotografia 2 ...

Agradeço desde já sua atenção, e participação nesta pesquisa, aguardarei seu retorno, assim que possível, e estarei à disposição, neste endereço de e-mail para contatos e dúvidas.

Atenciosamente,

João Vitor Diniz.

## ANEXOS

### ANEXO A – FICHA DE ANÁLISE BASEADA NO MÉTODO DE PATO

**Instrumento de aplicação metodológica para dissertação de João Vitor Correa Diniz, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação UFPA, pesquisa orientada pela professora Dra. Franciele Marques Redigolo.**

Ficha baseada no Método de Pato\* para leitura e análise de imagens;

Para dúvidas e observações sobre as fichas, preenchimento, finalidade da pesquisa entre outras, entrar em contato pelo endereço de e-mail: [joaovitorcorrea@gmail.com](mailto:joaovitorcorrea@gmail.com);

Os dados pessoais dos sujeitos participantes não serão divulgados na pesquisa;

Observar e analisar as 5 fotografias\*\* encaminhadas via e-mail, utilizando as orientações no início da ficha abaixo, e dos trechos de orientação ao final da ficha. Para cada campo presente na ficha (ícones, índices, símbolos, símbolo assunto) seguindo o modelo abaixo, podem ser inseridas quantas respostas acharem ser necessárias.

<b>Fotografias</b>	<b>ÍCONES</b> O que está exposto na imagem	<b>ÍNDICES</b> O que a imagem sugere	<b>SÍMBOLOS</b> O que a imagem assegura	<b>SÍMBOLO ASSUNTO</b> Síntese de interpretações
<b>Instruções para preenchimento dos campos</b>	Lista de todos os elementos visíveis sejam eles objetos, pessoas ou cores e o plano em que aparecem (frontal, lateral, diagonal). Descrição detalhada das ações dos personagens. Descrição do ambiente. E feita a pergunta: o que eu vejo nesta imagem?	Os elementos são nomeados pelos nome, característica física (jovem, velho), profissão ou evento. E feita a pergunta: quais são os nomes ou o que gerou esses elementos?	Representação convencional dos elementos. É feita a pergunta: esta imagem significa o quê?	Representação considerando os elementos intrínsecos e o contexto em que foi gerado. É feita a pergunta: sobre este assunto, quais os termos que melhor o representam?

<b>Fotografia 1</b>				
<b>Fotografia 2</b>				
<b>Fotografia 3</b>				
<b>Fotografia 4</b>				
<b>Fotografia 5</b>				

\* **Método de Pato:** O respectivo método de tratamento semiótico para indexação de imagens fotográficas – com a finalidade de aproximar a análise documentária de documentos escritos aos imagéticos – proposto por Pato (2014) busca segmentar cada elemento que compõe a fotografia, seguindo a tricotomia dos signos com base na semiótica. Para Pato (2013), no que toca a leitura documental fotográfica, cada “ícone mostra, índices indica e símbolos afirmam” (PATO, 2013, p.18). Ao seguir esta sequência é possível chegar à reflexões mais conclusivas sobre o símbolo, isto é, aproximar-se de conceitos que representam a imagem. Assim ocorre a aproximação ao processo de indexação, pois prossegue-se para à tradução e montagem do quadro de assuntos (PATO, 2014; GATTO; ALMEIDA, 2020)<sup>37</sup>.

<sup>37</sup> GATTO, A. C.; ALMEIDA, C. C. . **Modelo semiótico de leitura documentária para indexação de fotografias.** In: Mariângela Spotti Lopes Fujita; Roberta Caroline Vesu Alves; Carlos Cândido de Almeida. (Org.). Modelos de leitura Documentária para Indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, v. , p. 425-444.

PATO, P. R. G.; MANINI, M. P. **Polissemia da imagem, indexação e recuperação da informação.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. Anais... Florianópolis: ANCIB, 2013. Disponível em:<

**\*\* Fotografias:** As fotografias selecionadas fazem parte do conjunto documental do falecido antropólogo Edson Soares Diniz. Relativas ao grupo étnico *Tenetehara- Guajajara*<sup>38</sup> foram utilizadas como amostras de representação visual do recorte feito para à presente pesquisa (A Indexação de Fotografias no Arquivo Pessoal Edson Diniz sobre o grupo Thenetehara-Guajajara).

---

<http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/43/409>>. Acesso em: 05 out. 2020.

<sup>38</sup> Uma contextualização sobre o grupo, o arquivo pessoal de Edson, e sobre o antigo dono estão disponíveis em outro documento anexo disponibilizado para auxiliar na leitura contextual das imagens.